

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CLAUDIO ROBERTO KÖNIG

REDUÇÃO DE DANOS E TEOLOGIA – PROTAGONIZANDO NOVAS
COMPREENSÕES DE VIDA E CUIDADO APARTIR DA EPIDEMIA DE HIV/AIDS

São Leopoldo

2012

CLAUDIO ROBERTO KÖNIG

REDUÇÃO DE DANOS E TEOLOGIA – PROTAGONIZANDO NOVAS
COMPREENSÕES DE VIDA E CUIDADO A PARTIR DA EPIDEMIA DE HIV/AIDS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: HIV/AIDS e
Teologia

Orientador: André Musskopf

São Leopoldo

2012

CLAUDIO ROBERTO KÖNIG

REDUÇÃO DE DANOS E TEOLOGIA – PROTAGONIZANDO NOVAS
COMPREENSÕES DE VIDA E CUIDADO A PARTIR DA EPIDEMIA DE HIV/AIDS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: HIV/AIDS e
Teologia

Data: 19/02/2013

André Sidnei Musskopf - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K82r König, Claudio Roberto
Redução de danos e teologia: protagonizando novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia de HIV/AIDS / Claudio Roberto König ; orientador André Musskopf. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.
104 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Programa de Redução de Danos. 2. Obra da igreja junto aos aidéticos. 3. AIDS (Doença) – Aspectos religiosos – Cristianismo. 4. AIDS (Doença) – Prevenção. I. Musskopf, André. II. Título.

*“O afeto e o cuidado a ser proposto, vibra diante da vida,
protege e quer expandir a vida das pessoas com HIV/Aids”*

(Leonardo Boff, Ética do Cuidado)

Dedico essa dissertação aos meus pais, Waldemar König e Vera König, pelo amor e o apoio incondicional que sempre se propuseram a dar. São exemplos de disciplina, sabedoria, bom senso, dedicação e acima de tudo honra e honestidade. Obrigado meus pais, pois, sem vocês certamente tudo seria muito mais difícil. Vocês são a minha principal fonte de inspiração para esse Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof^o. Dr^o. André Musskopf, orientador dessa dissertação, por todo o empenho, sabedoria e compreensão. Gostaria de ratificar a sua competência, participação com discussões e sugestões que fizeram concluir essa pesquisa.

A Prof^a. Valburga Streck, pelo seu compromisso com o tema HIV/Aids e principalmente pela Coordenação desse Projeto em Teologia/Aids na América. Além de que sempre se mostrou uma mãe para com todos/as os mestrados/as desse projeto.

A Igreja da Suécia, pela iniciativa de protagonizar a discussão de um tema tão desafiador para as Igrejas, como é o tema da Aids. Pelo cuidado para com todos/as os/as bolsistas.

A minha irmã, Kathia e seu esposo Vanderlei, e os meus sobrinhos Bruno e Eduarda pela disponibilidade e o carinho sempre acolhedor e confortador.

Aos meus sogros, Clóvis Balsan e Cleudenir Balsan e meu cunhado Cristian Balsan pela atenção, o apoio e a generosidade nesse processo de conclusão da pesquisa.

A todos/as os/as amigos/as, que de forma direta e/ou indireta contribuíram para que a minha pesquisa se concluísse.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A minha esposa, Taiana Balsan König, que com toda sua dedicação, sempre esteve ao meu lado, me apoiando e me motivando para mais essa etapa da minha vida. Taiana, obrigado pelo seu amor incondicional. Obrigado por você fazer parte desse momento tão especial e da minha vida.

RESUMO

O presente estudo tem como objeto de pesquisa, discutir, a partir da experiência adquirida com o Programa Redução de Danos, novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia HIV/Aids. A partir disso, propõe na interface com a teologia, alternativas de ação pastoral que resgatem e promovam o respeito à dignidade humana não somente das pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids, mas todas aquelas que por uma razão ou outra encontram-se vulneráveis e/ou privadas dos seus direitos, independente da esfera em que se encontram na sociedade. São objetivos dessa pesquisa, apresentar a proposta do Programa de Redução de Danos, bem como perceber como se deu a construção de dignidade humana a partir dessa proposta juntamente com a teologia e ação pastoral para os/as ministros/as da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que atuaram no programa de Redução de Danos. Após socializar as experiências dos/as obreiros/as, apresenta-se e reflete-se sobre uma experiência de comunhão de mesa no modelo de Jesus Cristo, a partir de uma pessoa com Aids atendida pelo programa Redução de Danos. Por fim, são construídos e propostos subsídios como resultado da proposta de Redução de Danos em diálogo com a Teologia, contribuindo para a construção de novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia de HIV/Aids. Como metodologia, a pesquisa ocorreu em dois momentos. A primeira bibliográfica, que perpassa obras que discutem os problemas das drogas na relação com a epidemia da Aids e descreve o contexto em que surge a redução de danos, obras que trazem para a discussão as comunhões de mesas contemporâneas, a prática do cuidado, e a discussão sobre uma possível Teologia da Aids. Num segundo momento, foi realizada pesquisa de campo, apresentando entrevistas realizadas com quatro pastores/as da IECLB para entender os significados que a proposta de redução de danos lhes proporcionou, tanto para sua vida particular, como para a atividade pastoral realizada em suas comunidades. Concluindo, são apresentadas, a partir do conhecimento empírico da redução de danos frente ao tema do HIV/Aids, novas propostas de vida e cuidado para que as igrejas contemporâneas possam, a partir da realidade de suas comunidades, promover a vida e a dignidade humana.

Palavras chave: Redução de Danos. HIV/Aids. Igrejas. Cuidado. Dignidade Humana. Comunhão de mesa.

ABSTRACT

The present study's research object is to discuss, from the experience acquired with the Harm Reduction Program, new understandings of life and care from the HIV/AIDS epidemic. Starting with this, it proposes in the interface with Theology, pastoral action alternatives that rescue and promote respect for human dignity not only for people living with HIV/AIDS and/or living together with people living with HIV/AIDS, but all who for one reason or another are vulnerable and/or have their rights violated, no matter which sphere of society they are part of. The goals of this research are to present the proposals of the Harm Reduction Program, as well as see the way it constructed the concept of human dignity from this proposals together with Theology and pastoral work by ministers of the Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) who worked in the Harm Reduction Program. After presenting the experiences of those ministers, an experience of table communion in the model of Jesus Christ, with a person with Aids attended by the Harm Reduction Program is presented and reflected upon. At last, contributions are constructed and proposed as a result of the Harm Reduction Program in dialogue with Theology, contributing to the construction of new understandings of life and care from the HIV/AIDS epidemic. Concerning methodology, the research took place in two moments. The first one is bibliographic, dealing with works that discuss the issues of drugs in relation to the Aids epidemic and describe the context in which the Harm Reduction emerges, works that discuss contemporary table communions, works that discuss a possible Theology of Aids. In a second moment, a field research was accomplished, presenting interviews with four pastors from the IECLB to understand the meanings the harm reduction proposals offered them, for their private lives as well as for the pastoral work accomplished in their congregations. In conclusion, from the empirical knowledge of harm reduction in face of the theme of HIV/AIDS, new proposals for life and care are presented so that contemporary churches may, from the reality of their congregations, promote life and human dignity.

Keywords: Harm Reduction. HIV/Aids. Churches. Care. Human Dignity. Communion table.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. REDUÇÃO DE DANOS.....	15
1.1 Contextualizando o surgimento da Redução de Danos.....	15
1.2 Histórico dos Programas de Redução de Danos.....	19
2. REDUÇÃO DE DANOS E PRÁTICA PASTORAL A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE MINISTROS/AS.....	23
2.1 O significado da estratégia em Redução de Danos.....	24
2.2 Redução de Danos, direitos humanos e estigma.....	26
2.3 Redução de Danos e a prática pastoral.....	31
2.4 Atividades pastorais e Redução de Danos.....	35
2.5 Redução de Danos como fundamento para práticas de cuidado na Igreja.....	39
2.6 Elementos bíblicos e teológicos para a construção de um modelo de práticas de cuidado na Igreja a partir da Redução de Danos.....	42
3. IGREJA, HIV/AIDS E DIGNIDADE HUMANA.....	47
3.1 Relato de Experiência a partir de uma pessoa soropositiva.....	48
3.2 A comunhão de mesa de Jesus Cristo não tem exclusão: um olhar para com o cuidado e o respeito à dignidade humana.....	51
3.3 Redução de Danos como perspectiva teológica e pastoral no âmbito da epidemia de HIV/Aids.....	57
3.4 Redução de Danos e Teologia - novas compreensões de vida e cuidado	

a partir da epidemia de HIV/Aids.....	63
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXO A – Entrevistas com ministros/as da IECLB.....	76
ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da EST.....	103

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada se propôs a investigar os Programas de Redução de Danos e, a partir deles, propor para as Igrejas novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia HIV/Aids.

Dessa forma, num primeiro momento a pesquisa apresentará o Programa Redução de Danos, considerado uma política de saúde pública que surge no Brasil em meados da década de 1990, com o propósito de atender e entender a alta incidência de Aids nas pessoas usuárias de drogas injetáveis. É de fato, uma proposta voltada para o resgate da auto-estima e da dignidade humana. Para essa discussão será fundamental a obra de Tzvetan Todorov “Nós e os Outros” - a reflexão francesa sobre a diversidade.

Para ampliar o campo de percepção sobre o programa de Redução de Danos no Brasil e na América Latina, será realizado um diálogo com o autor Tiago Rodrigues em sua obra intitulada, “Política de Drogas nas Américas”. Dar-se-á também um olhar crítico sobre a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) – considerado como o órgão que normatiza e sanciona as decisões sobre drogas lícitas e ilícitas no Brasil. Assim como a obra de Henrique Soares Carneiro “Drogas – de remédio a drama social.”

Num segundo momento, será exercitado o olhar histórico sobre a epidemia de HIV/Aids no Brasil. Uma das obras de referência será o livro de Jane Galvão, *a Aids no Brasil*, no qual ela demonstra que a síndrome não é um problema exclusivo do campo da saúde; é também um fenômeno que deve ser pensado a partir das questões de gênero, da cultura sexual, da orientação sexual, das questões étnicas, entre outras (Galvão, 2000).

Temas esses, que “organizados” pela sociedade, de forma equivocada quanto à epidemia de HIV/Aids, podem estigmatizar e transformar a vida das pessoas soropositivas em verdadeiras “prisões” e/ou até mesmo na “morte em vida ou morte social”. A Aids traz e fomenta a sociedade laica e religiosa a rediscutir temas deixados muitas vezes de lado, temas que envolvem a sexualidade humana por

exemplo. É nesse contexto que as estratégias de Redução de Danos passam a ser utilizadas no Brasil através de programas no âmbito das políticas públicas.

Após estabelecer uma discussão entre a proposta de Redução de Danos e o histórico da estigmatização das pessoas com HIV/Aids no Brasil, será demonstrada a importância que o programa de Redução de Danos tem no sentido de “resgatar” a dignidade humana. Para esse diálogo, será discutida a obra de Jorge Barbosa “Enfrentar novos riscos e resgatar a cidadania perdida: práticas de serviço social no seio das políticas de redução de danos”.

Tendo em vista todo o quadro teórico sobre Redução de Danos, histórico da epidemia HIV/Aids e o imaginário social sobre esses temas – esse trabalho irá se ater, no momento seguinte, às experiências de ministros/as que tiveram a oportunidade de fazer parte e atuaram como redutores/as de danos na ONG/ASPA, no município de São Leopoldo.

A proposta é, a partir de um breve questionário, entender a relação que os/as ministros/as da IECLB tiveram com a proposta de Redução de Danos e como essa prática influenciou e/ou influencia a sua atividade pastoral. Além disso, entender como se dá a prática pastoral em suas comunidades a partir do exercício de Redução de Danos que busca a inclusão e a igualdade dentre todos/as. Dada à prática em Redução de Danos desses/as ministros/as, evidencia-se a importância de organizar e sistematizar toda essa experiência.

Num último momento será relatada uma experiência vivida no período de atuação no programa de Redução de Danos do ASPA (Apoio, Solidariedade e Prevenção a Aids) no município de São Leopoldo, RS. Essa experiência aponta para a principal característica que objetiva ser a proposta de Redução de Danos : “tratar o diferente com igualdade”.

Para dialogar com essa experiência a obra de Rodolfo Gaede Neto, “Banquetes de vida: a Diaconia nas comunhões de mesa de Jesus Cristo” é inspiradora. Nela, o autor evidencia que a comunhão de mesa de Jesus Cristo, ao contrário do que muitos naquela época pensavam, era uma mesa que acolhia a todos, sem exclusão.

Rodolfo Gaede abrevia a importância da mesa para Jesus Cristo:

Em torno de uma mesa, muita coisa acontece, para o bem ou para o mal: está lá o pão ou não está; estão lá às pessoas que precisam do pão, ou não estão; há mesas que acumulam o pão, há mesas com falta de pão; há acesso à mesa para todas as pessoas ou há barreiras para o acesso; há mesas que promovem a comunhão entre as pessoas e há mesas em que pessoas são discriminadas. (Gaede, 2010, p. 307).

Dessa forma, na obra de Rodolfo Gaede, percebe-se em Jesus uma consciente compreensão de 'mesa' - um lugar de serviço em favor da realização do reino de Deus no tempo presente. Principalmente um lugar aberto, que acolhe todas as pessoas, sem exigência de condições prévias, para saciar a fome de pão e a sede de comunhão.

Por fim, a partir da idéia de comunhão de mesa e dignidade humana, propõe-se pensar a Redução de Danos em uma perspectiva teológica e pastoral. Propor a "construir cuidados" que dêem esperança e vida às pessoas soropositivas. Para essa construção de cuidados, será feito um diálogo com a obra de Leonardo Boff, *"Ética do Cuidado"*, na qual, é proposto um consenso mínimo a partir do qual seja possível amparar e elaborar uma atitude cuidadosa, protetora e amorosa para com a realidade das pessoas soropositivas. Esse "afeto", "cuidado" a ser proposto, vibra diante da vida, protege e quer expandir a vida das pessoas com HIV/Aids.

O desafio é pensar uma Teologia da AIDS, capaz de mostrar que Deus não enviou a AIDS como castigo, mas sim, uma Teologia reveladora da dimensão de compaixão do cristianismo com a proposta de esperança e de vida. A exemplo do texto *Aids e Igrejas* do autor Sven-Erik Brodd, é evidenciado que todos somos o corpo de Cristo, e que se alguém tem Aids, a Igreja toda tem Aids. Para isso, a Aids surge como um desafio para a compaixão entre as pessoas na sociedade.

1. REDUÇÃO DE DANOS

1.1 Contextualizando o surgimento da Redução de Danos

Início essa pesquisa analisando o campo de discussão que se fazia sobre as drogas e as pessoas usuárias de drogas, antes do surgimento das primeiras propostas de Redução de Danos no Brasil. Para isso, terei inicialmente como meu instrumento, o contexto em que se criminalizam as drogas e conseqüentemente as pessoas que as usam – para depois aprofunda a razão e a importância dos programas de Redução de Danos no Brasil.

Para além dessa circunscrição, é preciso estar atento às transformações do significado da palavra droga ao longo dos séculos. Retrocedendo à fase inicial da colonização, o autor Henrique Carneiro em sua obra, evidencia que a palavra “droga” incluía todos os tipos de especiarias, sem fazer distinção entre o domínio da alimentação e o da medicina.

O alimento, como a droga são, segundo Henrique Carneiro, os principais produtos da cultura material de um povo, e também formas de obtenção de prazer, que não podem prescindir de um exercício de auto-contenção. O que chamamos hoje de droga seria, assim, tão importante na história da humanidade quanto os gêneros alimentícios: cogumelos, cactos, álcool, tabaco, maconha, café, ópio etc. Seriam, antes de tudo, “alimentos para o espírito” na medida em que consolam, estimulam, produzem transes místicos, além de promoverem formas de sociabilidade, como os rituais e as festas. (Carneiro, 2006, p.14).

Assim, me reporto a esse autor, no sentido de apontar para o processo de interpretações que as diferentes drogas passaram a ter no decorrer da história. Interpretações essas que transcendem não somente no campo das drogas, mas também, às questões que envolvem a sexualidade, as questões de gênero, e principalmente o campo da minha pesquisa em HIV/Aids. Interpretações que foram ‘inventadas’, ‘construídas’ ao longo dos séculos e que foram assimiladas pela grande maioria da sociedade.

Essas ‘invenções’ e ‘construções’ conseguiram/conseguem estabelecer diferentes estigmas que afetam a vida das pessoas que vivem com HIV/Aids, que

são usuárias de drogas e/ou que vivem sua sexualidade “fora do padrão” da norma estabelecida.

Assim, com o tempo a ciência “normatizadora” organizou o processo que mais tarde iria se desencadear na criminalização das drogas e, o mais grave, na criminalização das pessoas que fazem uso das drogas. Podemos perceber esse processo através da análise do artigo de Richard Bucher, no qual o autor demonstra como se dá o processo da estigmatização da pessoa que faz uso de alguma droga:

‘Viciado’, em particular, contém toda uma acusação moral que assume explicitamente uma dimensão policial e política. Implicitamente, carrega uma acusação totalizadora pondo em dúvida não apenas a cidadania, mas a própria humanidade do usuário de drogas. Rotulado como “maconheiro” ou “marginal”, passa a ser visto como alguém que atenta contra a moral e os bons costumes, mas também contra as próprias instituições, o que faz dele um ser anti-social. Vítimas de uma tal estigmatização, os drogaditos são considerados como “desviantes” e transformam-se, a partir daí, em excluídos da convivência social pacífica, em função de princípios rígidos, impostos, mantidos e manipulados ideologicamente. (Bucher, 1995, s/p.)

Exploram-se, assim, as relações entre ideologia e linguagem, ultrapassando a noção de linguagem como sistema de comunicação para torná-las conflitantes na estruturação social da qual ela própria faz parte. Dessa maneira concebida, a linguagem passa a ser definida como discurso, ou seja, como ato social ou ação que visa a produzir efeitos (Fiorin, 1990, s/p.).

Os primeiros relatos que encontramos na história da medicina com respeito ao uso de álcool e outras drogas estão em Galeno, segundo grande pensador da medicina (130 – 200 D.C.), precedido apenas por Hipócrates: não passam de orientações sobre como utilizar estas substâncias – notadamente álcool e ópio – de modo a não sofrer nenhum tipo de reação ou efeito indesejado. (Escohotado, 1995, s/p.)

Ao que tudo indica, os primeiros indícios de uma medicalização dos problemas ligados ao uso indevido de substâncias psicoativas datam do século XVII, marcado pelo retorno das concepções gregas à medicina. Destacam-se as teorias de Felix Plater, que estuda as patologias de ordem psíquica, incluindo o uso de substâncias como causa externa de distúrbios mentais (Pessoti, 1999, s/p.).

Para respaldar ainda mais a construção de sociedade homogênea e higienista – que tinham/tem como objetivo tornar não somente algumas drogas ilícitas, mas também, criminalizar as pessoas que faziam uso das mesmas - cito o artigo de

Thiago Rodrigues, no qual ele contextualiza essa temática, focando na questão geopolítica.

O autor Thiago Rodrigues lembra que a comercialização de psicoativos em contexto internacional foi promovida, no século XIX, por países como a Holanda e os Estados Unidos, hoje em dia proibicionistas:

Se num primeiro momento, esses países criavam necessidades de consumo e abriam novos mercados, num momento posterior eles investiam num discurso moralizante, associando o comércio de psicoativos a minorias (negros e judeus) e convertendo um problema geopolítico em questão de saúde e segurança pública. (Carneiro, 2004, s/p.).

Na obra de Milton Severiano da Silva, é desenvolvido ainda o argumento de que muitos psicoativos foram, em países como a Alemanha e os EUA, objetos de pesquisa científica secreta para uso militar.

O ácido (LSD), descoberto pelo químico suíço Albert Hoffman em 1943, viria a tornar-se, vinte anos mais tarde, uma droga muito popular – sendo uma alternativa para os jovens da contra-cultura (pois seu efeito participava com a nova proposta desses jovens), que se opunham às guerras, aos regimes opressores e ao sistema capitalista - popularizando-se principalmente na elite americana. O resultado disso foi à proibição do LSD em 1966 e a sua criminalização em 1968, ano da eleição de Nixon, patrocinador da grande “guerra às drogas”. (Silva, 1997, p.107)

Podemos ainda citar a *Cannabis Sativa*, nome científico dado à maconha, que durante a história já foi considerada uma planta normatizada. Afirma-se isso, porque a História evidencia a planta como usual: no ano de 1500 já se tem roupas confeccionadas com o cânhamo, em 1776 a independência dos Estados Unidos da América é rascunhada em papel feito de Cannabis, em 1850 a farmacopéia americana lista-a como remédio, em 1856, a revista Putnam's publica o relato de Fitz Hugh Ladlow sobre suas experiências de usar maconha como comida. (Silva, 1997, p.124 e 125).

Porém, até os anos 30, a maconha era conhecida nos EUA apenas pelo seu nome medicinal - cannabis. A imprensa norte-americana, utilizando-se do “ódio a imigrantes” mexicanos e espanhóis, popularizou o nome marijuana, dando a impressão de que a erva era um mal vindo de outro país, podendo, então, demonizá-la. (Silva, 1997, p. 125).

Perpassando vários séculos, a partir de 1858, a heroína, por exemplo, tornou-se um anestésico importante. Como menciona Luis Carlos Rocha, em 1874 o pesquisador C. R. Wright sintetizou a heroína e vinte anos mais tarde ela viria a se tornar importante para combater algumas moléstias das vias respiratórias (como a asma). E a partir da década de 1920, passou a ser proibida e a ser criminalizado quem fazia o uso dessas substâncias químicas. (Rocha, 1987, p. 8 – 9).

O problema das drogas vê-se então capturado pela atividade normatizadora da medicina, constituída, sobretudo no século XIX. Este é, por exemplo, o foco do artigo de Beatriz Resende, onde é destacado, o uso da medicalização para o tratamento de pessoas que faziam o uso de drogas no Brasil. Passa a ser proposto então, o discurso médico sobre as drogas. (Rezende, 2006, p.27)

A pessoa usuária de alguma droga passa a ser rotulada como “drogada”, passa a oscilar entre o ‘status’ de criminoso e de doente, cabendo ao Estado senão isolá-lo ao menos tratá-lo, reenquadrá-lo na sociedade conduzindo-o à abstinência. Assim, é lançado o decreto-lei nº 4.294, de 1921 que dizia o seguinte: “... é criada, no Distrito Federal, uma delegacia especializada no ‘comércio ilícito de entorpecentes’, na repressão à embriaguez à cartomancia e ao falso espiritismo”. (Rezende, 2006, p.27).

E é nesse imaginário da atividade normatizadora da medicina que se construiu o imaginário social sobre as pessoas que fazem uso de alguma substância ilícita. E não diferente, a mesma estrutura que define o que é ‘normal’ ou ‘anormal’, o que é ‘certo’ ou ‘errado’ em nossa sociedade contemporânea, configura os estigmas e a invisibilidade das pessoas com HIV/Aids. Entre elas estão as prostitutas, as pessoas em situação de rua e todas aquelas que por uma razão ou outra não respondem ao ‘ideal’ definido por instituições normativas da sociedade, tais quais, a ciência e as diferentes instituições religiosas.

A construção do imaginário social referente às intenções de colaborar com a sociedade no sentido de ‘intervir em alguns problemas’ causados em decorrência do uso e abuso de substâncias químicas, se deu muito mais com as drogas em si, do que propriamente com as pessoas que faziam/fazem o uso delas. Houve/há, muito mais a preocupação em “diabolizar as drogas” do que propriamente se preocupar com as pessoas que as usavam/usam. Richard Bucher expressa essa construção:

...ao invés de analisar o consumo de drogas em seus múltiplos determinantes para chegar a propostas preventivas pertinentes e prometedoras de eficácia, tal abordagem limita-se a preconizar uma repressão implacável, restringindo-se, desta forma, às drogas ilícitas. Ora, em muitos países, entre os quais o Brasil, são precisamente as substâncias lícitas as mais consumidas e as mais fortes geradoras de abusos e dependências. Trata-se aí de um fato epidemiológico incontestado, a ser levado a sério diante da distorção do fenômeno introduzida pela pregação tantas vezes piegas do combate às drogas. (Bucher, artigo “Prevenindo contra drogas e Aids – populações em situação de risco”).

Esse é o contexto no qual se constituem os primeiros programas de Redução de Danos no Brasil, onde a medicina normatiza o usuário como doente, a segurança define como criminoso e a Igreja muitas vezes define como pecador. A partir dessas experiências, podemos perceber quão tênue era/é o campo de discussão que envolve as drogas e as pessoas que fazem uso delas. E como essas práticas no campo das drogas tem seus reflexos sobre outros temas, como HIV/Aids principalmente, que envolvem o ser humano e conseqüentemente desenvolvem a arte de “reduzir” todos/as a um sistema de normas.

1.2 Histórico dos Programas de Redução de Danos

As primeiras estratégias de redução de danos tiveram origem na Inglaterra, em 1926, com o Relatório Rolleston, elaborado por uma comissão interministerial, presidida pelo Ministério da Saúde. Essa comissão estabeleceu o direito dos médicos ingleses de prescreverem opiáceos a adictos dessas drogas, entendendo esse ato como tratamento, e não como gratificação à adição. (Manual de Redução de Danos, 2001).

Mas foi somente a partir dos anos 80 – especialmente na Inglaterra e na Holanda – que ganharam o status de uma política corrente e disseminada de saúde pública. Neste período, redução de danos era uma resposta para conter a disseminação do vírus da hepatite B e, posteriormente, do vírus da AIDS entre usuários de drogas injetáveis (UDIs). Neste caso, tratava-se de disponibilizar seringas e agulhas para as pessoas usuárias.

No Brasil, no ano de 1989, em Santos (São Paulo) tentou-se implementar algo parecido. Não sem razão, o quadro ali era alarmante: estimava-se que 60% dos UDIs eram portadores do HIV. Mas tal iniciativa foi barrada pelo Ministério Público

daquele estado que via na adoção de tais práticas um incentivo ao consumo de drogas. (Barbosa, 2005, p.09)

Foi somente durante a década de 90, com a atuação das organizações civis, que a Redução de Danos se afirmou, gradativamente, como política governamental. Em 1992, foi implementado o primeiro programa de troca de seringas, pelo Centro de Estudo e de Tratamento de Abuso de Drogas (CETAD), da Escola de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Em 1998, o Brasil já mais organizado, passou a ser sede da 9ª Conferência Internacional para Redução de Danos. Além disso, houve a fundação de várias instituições: Associação de Redução de Danos de São Paulo (APRENDA); Associação Brasileira de Redutores de Danos (ABORDA), formada por pessoas ex-usuárias de drogas e por pessoas que ainda faziam uso de drogas; Rede Brasileira de Redução de Danos (REDUC), entre outras. Todas com atuação destacada na implementação destes programas. (Ministério da Justiça do Brasil. Fonte OBID, 2007)

A proposta de Redução de Danos surgiu em um momento no Brasil em que a questão das substâncias psicoativas, principalmente as drogas consideradas ilícitas, passava por uma construção de um problema social complexo, composto de fenômenos igualmente complexos e por agentes diversos, com posições, muitas vezes, contraditórias sobre o tema.

Assim, além do uso de drogas estar relacionado a fenômenos como a violência e a criminalidade, a epidemia de AIDS veio somar-se à configuração em que se encontravam as substâncias psicoativas como problema social. Desta forma, Dênis Petuco nos ajuda a compreender essa construção e qual o seu intento:

Poucos anos depois das experiências iniciais com trocas de seringas em Amsterdã, o mundo toma ciência de que os UDI's constituíam-se em uma população extremamente vulnerável à infecção pelo HIV. Naqueles dias, ainda se trabalhava com o conceito de "grupo de risco", que caracterizava de maneira extremamente estigmatizante os homossexuais masculinos, os hemofílicos e os usuários de drogas injetáveis, considerados por muitos como os responsáveis pela disseminação do vírus da Aids. Não deixa de chamar atenção o fato de que justamente neste período inicial de alastramento da doença, aqueles públicos considerados como vítimas preferenciais assumiram a tarefa de impedir a propagação do HIV. (Petuco, 2006, p. 13).

Através de dados epidemiológicos, constatou-se que as pessoas usuárias de drogas estavam em segundo lugar na categoria de exposição ao vírus HIV entre 1998-1999. Além disso, o aumento dos casos entre mulheres heterossexuais de parceiro único estava relacionado com o fato desse ser usuário de drogas injetáveis. Devemos atentar também para a ocorrência da pauperização da epidemia de AIDS, que vem atingindo, em números cada vez maiores, mulheres, crianças, pobres e usuários de drogas injetáveis. (Pícolo, 2002, p. 128).

Tendo em vista essas questões e seguindo umas das tendências mundiais de enfrentamento da epidemia entre usuários de drogas injetáveis, no Brasil, a partir de 1996 surgiram os Programas de Redução de Danos, que compreendem a sigla RD, que visam, principalmente através das trocas de seringas, reduzir a incidência de casos de AIDS entre essa população. Associado a isso, esses programas também propõem para as pessoas usuárias formas de aplicação mais seguras e higiênicas a fim de evitar as possíveis complicações decorrentes do uso de droga.

A Redução de Danos desvia-se de princípios higienistas, evitando julgamentos morais de certo ou errado e oferece uma variedade de políticas e de procedimentos que visam à redução das consequências prejudiciais do comportamento dependente. A Redução de Danos aceita o fato concreto de que muitas pessoas usam drogas e a maioria delas apresenta outros comportamentos, também de alto risco. Assim, a Redução de Danos trabalha com programas de “baixa exigência” sem perder de vista a possibilidade ideal da abstinência.

A autora Bia Labate, em seu “Manifesto em defesa da Redução de Danos” define essa nova proposta que surge dentre o “modelo reducionista”, da seguinte forma:

A perspectiva da Redução de Danos da qual falamos, tem possibilitado avanços significativos na redução da infecção pelo HIV e hepatites virais; na adoção de estratégias de prevenção, cuidado e auto-cuidado, comprometidas com as pessoas enquanto cidadãs; na possibilidade de tratamento digno e respeitoso, que leve em consideração as pessoas e sua autonomia, também no processo de busca por cuidados à saúde, como tem nos ensinado os processos de reforma sanitária e psiquiátrica. (Labate, 2007, s/p.).

A Redução de Danos é uma alternativa de saúde pública para os modelos moral, criminal e de doença do uso e da dependência de droga. O modelo moral defende a proibição do uso ou da distribuição de certas drogas, atos considerados

crimes sujeitos a punição. E o modelo de Redução de Danos torna-se a oposição e, em contrapartida, propôs a mesma prerrogativa para o tema de HIV/Aids na década de 1990.

Um modelo, onde a preocupação inicial era/é a aproximação com o sujeito – ou seja, na relação da droga-sujeito a preocupação é o sujeito, levando em consideração todo o universo biológico e psicossocial. Da mesma forma ocorre com relação ao HIV/Aids-sujeito, quando a preocupação é resgatar a dignidade e a vida social desse sujeito e não simplesmente “julgar” ou “reduzir” o sujeito a estigmas relacionados com a doença.

Nesse sentido, Jane Galvão, em sua obra “Aids no Brasil”, aponta para o cuidado que as instituições, sejam elas laicas ou religiosas, devem ter. Pois a Aids está muito além da percepção de ser somente um tema da saúde. É um fenômeno que deve ser pensado a partir das questões de gênero, da cultura sexual (responsabilidade laica e religiosa), da orientação sexual e inclusive de questões étnicas. Essa percepção se faz necessária, dada a estigmatização proposta aos homossexuais, prostitutas, pessoas com hemofilia e pessoas usuárias de drogas, no início da epidemia - como “grupos de risco” do HIV/Aids. (Galvão, 2000, s/p.)

Demonstra claramente que esses temas “organizados” pela sociedade, de forma equivocada quanto a epidemia de HIV/Aids, estigmatizam e podem transformar a vida das pessoas soropositivas em verdadeiras “prisões” e/ou até mesmo na “morte em vida ou morte social”. É nesse contexto que as estratégias de Redução de Danos passam a ser utilizadas no Brasil através de programas no âmbito das políticas públicas.

2. REDUÇÃO DE DANOS E PRÁTICA PASTORAL A PARTIR DA EXPERIENCIA DE MINISTROS/AS DA IECLB

A organização não governamental ASPA (Apoio, Solidariedade e Prevenção à AIDS), de São Leopoldo/RS, foi fundada por estudantes de teologia ligados à Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Por muito tempo, foi um espaço de atuação e prática para vários/as estudantes envolvidos em diversos projetos e ações.

Um dos projetos desenvolvidos foi o programa de Redução de Danos, projeto esse financiado pelo Ministério da Saúde e que tinha como objetivo reintegrar as pessoas usuárias de drogas que estivessem vulneráveis ao HIV/Aids a um espaço de integridade e dignidade humana.

Da mesma forma que encontrei nos programas de Redução de Danos o caminho e a perspectiva de “vida em abundância” (João 10.10) para as pessoas usuárias de drogas e as pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids –acredito na importância de organizar as experiências de ministros/as que também experimentaram a prática em Redução de Danos e que hoje utilizam essa experiência em comunidades religiosas da IECLB.

Para recolher as experiências de obreiros/as da IECLB no programa RD e perceber de que forma essas experiências impactam a sua atuação hoje na igreja foram realizadas 4 entrevistas com pastores/as da IECLB, no início do semestre de 2012. As entrevistas foram realizadas em quatro cidades do sul do Brasil, nos locais onde esses/as obreiros atuam.

Foram entrevistados três pastores e uma pastora: Gabrielly Ramlow, da Paróquia de Rolante – RS; Marcos Augusto Armange, da Paróquia de Paverama – RS; Marcos Aurélio de Oliveira, da Paróquia de Joinville – SC e Fernando Henn, da Paróquia de Cascavel – PR. Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente com cada ministro/a em suas respectivas paróquias. Todas as entrevistas foram

gravadas em áudio. Posteriormente, foram transcritas para utilização no quadro analítico apresentado abaixo.¹

Com exceção da pastora Gabrielly Ramlow, os outros três obreiros já haviam, durante o período de estudos na Faculdade de Teologia, organizado um texto sobre Redução de Danos, intitulado de “Redução de Danos: uma ação diaconal”. Nesse texto Fernando Henn, Marcos Aurélio de Oliveira e Marcos Augusto Armange, caracterizam a proposta de redução de danos como sendo uma “ação diaconal desafiadora”.² O texto faz alusão ao uso de drogas na bíblia, destaca a epidemia da Aids e faz uma relação de como as enfermidades eram tratadas na bíblia e a postura de Jesus frente a essas enfermidades.

A seguir serão apresentadas as idéias colhidas nessas entrevistas seguindo a organização das perguntas.

2.1 O significado da estratégia em Redução de Danos

O questionário aplicado aos/às entrevistados/as iniciou com o questionamento sobre o significado da Redução de Danos. Através de uma resposta espontânea, buscou-se perceber, mesmo depois de um longo período sem atuação direta em atividades relacionadas, como entende essa proposta.

Todos/as, sem exceção, foram enfáticos ao afirmar que, inicialmente, a Redução de Danos lhes parecia uma política que se ocupava somente com pessoas usuárias de drogas e soropositivas. Porém, com o tempo, passaram a entender como esse conceito era amplo. Que se tratava de uma política que transcendia à entrega de seringas, preservativos ou até mesmo de folders às comunidades mais vulneráveis.

¹ A destacar que o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/EST votou pela aprovação dessa pesquisa com os/as ministros/as da IECLB. Emitindo no dia 12 de Março de 2012, um parecer consubstanciado de aprovação, sendo o número do protocolo desse parecer, 01/2012. Para tanto, esse documento será anexado, garantindo a integridade da pesquisa.

² ARMANGE, Marcos Augusto, HENN, Fernando, OLIVEIRA, Marcos Aurélio, ENGLER, Nádia Cristiane; IN: Rodolfo Gaede Neto, Rosane Pletsch e Uwe Wegner (orgs.). “Redução de Danos: uma ação diaconal”. IN: **Práticas Diaconais: Subsídios Bíblicos**. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2004.

Inicialmente a Redução de Danos realmente era uma estratégia de acesso às pessoas usuárias de drogas, porém, logo os trabalhadores em Redução de Danos entenderam que o problema da droga para essas pessoas usuárias, eram, de todas as dificuldades de sua vida, a menor.

Os/as redutores/as de danos perceberam que o maior problema era muitas vezes, a falta de emprego, a falta de saneamento básico, de acesso à saúde, a educação, de habitação, de alimentação, do envolvimento com algum tipo de violência física ou psíquica – e que conseqüentemente, acabavam desencadeando o uso desenfreado de algum tipo de substância química.

É possível perceber esse entendimento na fala de todos/as os/as ministros/as:

É redução de danos pra mim, na época que eu comecei a fazer redução de danos enquanto estudante, ela tinha uma perspectiva de fato ligada ao uso de drogas. É, depois com a caminhada e a reflexão a partir da atuação também na redução de danos eu percebi que vai muito, além disso. Redução de danos é tudo aquilo que você faz na perspectiva da edificação da vida. Cuidado com as outras pessoas. Redução de danos pra mim ela chega em qualquer momento na vida das pessoas, seja num momento em que ela já está passando por uma situação de dificuldade ou com a sua vida ameaçada ou até mesmo anteriormente numa perspectiva mais preventiva... (Oliveira, 2012, p. 01).

O pastor Fernando Henn também converge para essa opinião:

E eu tinha a visão do princípio da redução de danos como todas as pessoas tem que é ajudar uma pessoa a usar drogas. Tipo assim, a redução de danos é ajudar alguém a usar drogas, aceitar passivamente a realidade das drogas, é quase aquela visão que se está desistindo daquela pessoa. O uso de droga não é bom em momento algum. E assim: a redução de danos olha com olhar social para essas pessoas que não são alcançadas por outras políticas de saúde, que realmente estão à margem da sociedade mesmo. É um olhar de certa forma de amor, um amor que às vezes pra quem tá de fora é difícil entender que isso é um gesto de amor tá cuidando dessas pessoas, do jeito da redução de danos, mas é um gesto e um olhar de amor. (Henn, 2012, p. 01 e 02)

O pastor Marcos A. Armange faz a seguinte abreviação sobre o significado da Redução de Danos:

A princípio ela despertou um tanto de estranhamento, de “como assim”? Levar seringas, de levar todos aqueles acessórios necessários para o uso correto da droga injetável, mas com o passar do tempo foi uma idéia, um trabalho que trouxe bastante resultado bastante significativo, porque era questão muito antes de levar o material existia toda a questão do significado do cuidado, daquela questão da pessoa olhar para si e também cuidar de si a partir de pequenos gestos que fariam uma grande diferença para a vida deles e iria reduzir os danos. (Armange, 2012, p. 01)

A pastora Gabrielly também percebe dessa forma, que a redução de danos a princípio era uma estratégia para se pensar não somente o uso de drogas como também as pessoas que viviam com HIV/Aids, podendo ser adotada como política pública que se amplia e é aplicável a vários segmentos da sociedade:

Na época que a gente trabalhou no ASPA, ela tinha um significado muito junto as pessoas de vulnerabilidade com HIV/Aids. Hoje já vejo que a proposta da redução de danos, que é realmente reduzir os danos daquela pessoa que nós encontramos, ela se amplia muito pra dentro das comunidades, pra dentro da sociedade também. Que a idéia é realmente é a própria palavra, que é reduzir o dano daquela situação que nós encontramos a pessoa. Seja qual for o dano, a proposta é reduzir o dano. (Ramlow, 2012, p. 01)

A partir dos depoimentos, é possível perceber que a idéia sobre o que é Redução de Danos dos/a entrevistados/as antes da participação das ações na prática estava centrada na idéia de uma política para pessoas usuárias de drogas, e sequer imaginavam que a droga era o menor problema que essas pessoas poderiam ter em suas vidas.

Foi a própria atuação no programa que mostrou a cada ministro/a o mundo e os seres humanos que existiam por trás das drogas e que muitas vezes a sociedade não vê e/ou não percebe. No relato de cada pastor/a, ficou evidenciado que a proposta de redução de danos ajudou a entender que não devemos nos preocupar tão somente com as drogas, mas sim, com os seres humanos que fazem uso delas e encontram nessas substâncias, o suporte momentâneo para se refugiarem dos seus problemas.

2.2 Redução de Danos, direitos humanos e estigma

A Declaração Universal dos Direitos Humanos que foi adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, afirma, em seu artigo 1º que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. (Wikipédia, 2012)

Assim, todas as pessoas têm direitos e deveres iguais, direito de ir e vir, direito de expressão, direito de liberdade, direito à saúde, educação, alimentação e

tudo mais que lhe garanta a dignidade humana. Faz-se necessário, para tanto, entender o que se define como dignidade humana.

Para o autor Sérgio Ferraz, o princípio da salvaguarda da dignidade da pessoa humana:

É à base da própria existência do Estado brasileiro e, ao mesmo tempo, fim permanente de todas as suas atividades. É a criação e manutenção das condições para que as pessoas sejam respeitadas, resguardadas e tuteladas, em sua integridade física e moral, asseguradas o desenvolvimento e a possibilidade da plena concretização de suas potencialidades e aptidões. (Mota, artigo da web, s/p.)

Analisando a Declaração dos Direitos Humanos, bem como a Constituição Federal brasileira de 1988, podemos perceber, a partir de um cenário geral, que a dignidade humana é um atributo da pessoa, não podendo ser medida por um único fator, pois nela intervém a combinação de aspectos morais, econômicos, sociais e políticos, entre outros. Como princípio fundamental do Estado Democrático brasileiro, a dignidade da pessoa humana, juntamente com o direito à vida e à liberdade, são garantias individuais asseguradas pela Constituição Federal de 1988.

Assim, dignidade humana significa também que a singularidade e a diversidade de cada pessoa deve ser respeitada:

No art. 2º designa a todos o direito ao respeito por sua dignidade e seus direitos humanos, independentemente de suas características genéticas, salientando que essa dignidade faz com que seja imperativo não reduzir os indivíduos à suas características e respeitar sua singularidade e diversidade. (Mota, artigo da web, s/p.)

A partir disso, entende-se que significado de dignidade humana é simplesmente respeitar o semelhante e perceber que somos todos/as pessoas singulares e diferentes umas das outras. E que nessas diferenças, nessas diversidades de opiniões, de raças, de credos, de orientações sexuais, temos direito e deveres a tudo como todos. Para tanto, segundo a proposta de redução de danos, as pessoas usuárias de drogas e as pessoas que vivem com HIV/Aids, fazem parte dessa singularidade e diversidade na sociedade.

No contexto da epidemia da AIDS, pensar em dignidade e direitos humanos implica também discutir as formas de sua violação. Parte desse processo está ligado ao imaginário criado ao redor da epidemia e da forma como as pessoas que vivem e convivem com ela são marcadas socialmente através do estigma.

Na Grécia antiga, escravos, criminosos e traidores traziam marcas nos corpos como forma de serem discriminados em locais públicos. Para os primeiros cristãos, a palavra estigma representava distúrbios físicos ou sinais metafóricos de graças divinas. Nos dias atuais o estigma surge para categorizar as pessoas segundo normas dentro de conceitos de normalidades e aceitação padrão. (Rebouças, artigo da web, s/p.).

Na mesma linha, caracteriza-se o estigma social que surge nas relações de afirmação de identidade e nível social entre os indivíduos de uma sociedade. Normalmente, quando pensamos na formação de identidade que uma pessoa expressa, a sociedade normatizadora incutida no imaginário das pessoas faz com essa se inicie de maneira virtual.

Quando não conhecemos as pessoas, muitas vezes corremos o risco de “formar identidades pseudas” sobre elas. A identificamos como esperamos que ela fosse ou deveria ser – assim se caracterizam as diferentes formas de preconceitos e se estimulam os estigmas, capazes de ‘marcar’ as pessoas e a discriminá-las em locais públicos, como se fazia na Grécia Antiga. (Rebouças, artigo da web, s/p.).

A professora e Doutora em psicologia, Zélia Maria de Melo, nos ajuda a entender como se dá a formação de identidades pseudas dentro da sociedade:

Na atualidade, a palavra "estigma" representa algo de mal, que deve ser evitado, uma ameaça à sociedade, isto é, uma identidade deteriorada por uma ação social. A sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria. Estabelece também as categorias a que as pessoas devem pertencer, bem como os seus atributos, o que significa que a sociedade determina um padrão externo ao indivíduo que permite prever a categoria e os atributos, a identidade social e as relações com o meio (Melo, 2005, p. 01).

Dignidade, direitos humanos e estigma são temas relacionados à estratégia em Redução de Danos. Provocados pela pergunta, os/as entrevistados/as também refletiram sobre essas questões. O pastor Fernando Henn, por exemplo, afirma:

... a condição de cidadão de um usuário de drogas é anterior à condição de dependente químico. Então, não importa o que ele venha a fazer, ele não perde a condição de ser humano, de cidadão, de gente, então ele tem que ser tratado como tal. E a área da saúde tem que cuidar dessa forma. O estigma muitas vezes tá olhando porque a sociedade julga as pessoas por critério na maioria das vezes hipócrita, de merecimento ou não merecimento, elas acham que tal pessoa da sociedade merece ser tratada com respeito e dignidade e tal grupo não... (Henn, 2012, p.02).

O pastor Fernando evidencia ainda de que forma a Redução de Danos se ocupava com a população que ela acessava, independente se fosse usuários de drogas, pessoas vivendo com HIV/Aids, prostitutas, pessoas em situação de privação de liberdade. Aqui ele cita as pessoas usuárias de drogas:

... O usuário de drogas que a redução de danos atendia, eram aqueles uns que apareciam e que a sociedade não gostava de enxergar as próprias sombras e mazelas. Então, pra mim tem tudo a ver a relação e digo assim, pra mim como argumento principal, a condição de ser humano é anterior a de usuário de drogas. Então a gente tem que olhar eles como gente e não como alguém que está usando drogas, não devemos dizer que ele é usuário de drogas, mas que ele está usando drogas...acho que toda a visão da redução de danos está a partir disso, toda não, mas uma boa parte da redução de danos tem esse enfoque de olhar a pessoa como cidadão como ser humano (Henn, 2012, p.03).

Marcos Augusto Armange, além da percepção de Fernando Henn, destaca outro aspecto importante da proposta de redução de danos. E nesse aspecto, Armange evidencia a redução de danos como uma possibilidade de 'ponte' para as pessoas estigmatizadas terem novamente o acesso à estrutura de atendimento do SUS (Sistema Único de Saúde) e/ou SUAS (Sistema Único de Assistência Social). Vejamos a fala de Armange:

A pessoa portadora do HIV, usuária de droga, elas estão e elas vivem sob um forte estigma porque elas estão afastadas do serviço de assistência, do serviço de saúde, elas carregam consigo toda essa carga negativa de estar fora das estruturas sociais, das políticas públicas, ao meu ver a redução de danos é uma forma de recuperação do ser humano, da pessoa, lembrar que ela como ser humano tem direitos ela está dentro de uma sociedade, que ela tem direito a saúde, que ela tem direito a reconstrução de si, que ela tem direito a assistência nos mais diversos níveis, o reconhecimento dela como pessoa . Então a redução de danos é uma forma de recuperar esses direitos de cidadão, de ser humano no mundo em que ele vive. (Armange, 2012, p. 02).

De fato, essa fala do pastor Marcos Armange lembra as incursões que eu fazia nas minhas atividades como redutor de danos e nas visitas aos “becos” e/ou “mocós” (lugares de uso de drogas). Nessas incursões evidenciava-se que as pessoas, há muito tempo, não tinham acesso à saúde ou qualquer outro tipo de assistência que lhes era de direito. Uma das justificativas daquelas pessoas era de que se sentiam discriminadas pelo atendimento dos setores de saúde e assistência social, sentiam-se estigmatizadas, rotuladas e por isso o afastamento.

Percebendo essa dificuldade, uma das propostas do projeto de redução de danos, foi fazer capacitações e trocas de experiências entre os setores da saúde e assistência social deste município. O objetivo era fazer com que esses setores

pudessem expressar as dificuldades no atendimento com a população usuária de drogas e as pessoas com HIV/Aids e de contrapartida, os integrantes do projeto de redução de danos, pudessem compartilhar as angústias desse público muitas vezes estigmatizado.

A fala do pastor Marcos Armange levanta questões significativas para a Teologia e como ela pode dialogar com a prática de redução de danos para resignificar a vida das pessoas estigmatizadas e muitas vezes desprovidas de dignidade. Propondo cuidados, como por exemplo, reaproximar as pessoas usuárias de drogas e pessoas soropositivas do serviço de saúde e assistência social.

Já o pastor Marcos Aurélio de Oliveira, quando questionado sobre a relação entre redução de danos, direitos humanos e dignidade humana, denuncia as “políticas proibicionistas e falidas”. Ele reafirma que tanto a saúde, bem como a segurança e as instituições religiosas se preocupam muito mais em combater as drogas do que propriamente com as pessoas que fazem uso das drogas. Cito a seguir sua fala:

... uma delas é que a partir do olhar da saúde é uma pessoa doente, a questão do estigma. A partir da lei ela é uma criminosa porque tá fazendo algo ilegal e a partir da igreja, do olhar religioso ela é pecadora, porque enfim né, como alguém vai se assumir usuária de drogas se tem toda essa carga por trás... então a redução de danos tem uma relação forte com direitos humanos porque a perspectiva da redução de danos é trazer a pessoa a diante dela ser usuária de drogas, ela é usuária de drogas mas antes dela ser usuária de drogas ela é uma pessoa que tem direitos... (Oliveira, 2012, p.02).

O pastor Marcos Aurélio traz, na sua fala, um ponto importante que a redução de danos promove ou que pelo menos instiga a fazer. Seria o convite a reflexão sobre si mesmo e com o semelhante, gerando o cuidado e o respeito de si próprio e com as pessoas com a qual se relaciona:

Mas a redução de danos ela tem essa perspectiva, de querer que a pessoa se encontre. E a redução de danos ela não quer, o objetivo dela não é exclusivamente chegar lá e olha você vai parar de fazer o que você tá fazendo, se mesmo após a reflexão você quer continuar usando uma substância ou fazendo algo. Mas você pensa nas consequências que isso vai ter e você tente de alguma forma minimizar isso... (Oliveira, 2012, p. 02).

O pastor Marcos Aurélio de Oliveira menciona ainda a importância do preservativo, sendo que esse, também era/é disponibilizado pelos programas de redução de danos no Brasil. Assim, o incentivo e a educação sobre o tema “preservativo”, partem da prerrogativa da atenção integral das pessoas usuárias de

drogas e a atenção para a não disseminação das DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis), principalmente o vírus HIV.

Sobre a possibilidade de relação entre redução de danos e os temas da dignidade humana e estigma social, a pastora Gabrielly Ramlow tem uma compreensão similar aos demais obreiros. E responde o seguinte:

Eu penso que sim, porque embora a pessoa é encontrada “drogada”, vitimizada com HIV/Aids, ela tem direito. Ela estando pobre ou estando doente, ou estando vítima a algum vício, não cessam os direitos dela e merecem o respeito. Merecem ter o direito de ir e vir de serem atendidas, de terem acesso a educação, cultura, tudo, a alimentação e acho que não cessam os direitos, então acho que tem muito a ver. (Ramlow, 2012, p. 01).

A partir da fala dos/as obreiros/as, é possível perceber a forte relação entre Redução de Danos e os temas de Direitos Humanos e estigma. Todos/as os/as ministros/as, sem exceção percebem a importância em combater os estigmas e conseqüentemente recuperar a dignidade às pessoas.

E nessa relação de combate ao estigma/preconceito a Redução de Danos sempre concentrou/a grande parte dos esforços para que essa não interfira nas relações humanas. A Redução de Danos entende que uma sociedade sem estigmas é uma sociedade com dignidade.

2.3 Redução de Danos e a prática pastoral

O interesse principal na realização das entrevistas foi perceber de que forma a experiência e prática no âmbito da estratégia em Redução de Danos influencia a prática pastoral desses/a ministros/a da Igreja. Através da análise desse impacto na prática, será possível, então, perceber e elaborar questões para a própria teologia pensar esses temas.

O pastor Fernando, ao relacionar redução de danos com a prática pastoral, afirma que a redução de danos mostrou a ele o discernimento entre o “real e o ideal”. Fernando traz à tona um diálogo interessante e instigante da sociedade contemporânea, sociedade essa que, cada vez mais, projeta ideais. E nessa busca por ideais, a sociedade muitas vezes desconhece o que são projeções reais e acaba

por estigmatizar e preconizar a discriminação entre pessoas que vivem com HIV/Aids e as pessoas usuárias de drogas. Segundo ele:

A redução de danos ela tem coragem de fazer uma coisa que geralmente às pessoas, quem lida com as políticas ou muitas vezes não tem coragem de fazer – ela lida, ela reconhece, que o mundo perfeito...aquele mundo que a gente queria que existisse ele nem sempre existe. A gente almeja na vida sempre um ideal, a gente põe uma meta essencial, as coisas deveriam ser assim e eu acredito que o mundo não deveria ter drogas no mundo, eu acredito que não deveria ter dependentes químicos, eu acredito que não deveria ter traficantes, eu acredito que as pessoas deveriam ser sempre felizes, mas na prática o mundo real não é assim! Na prática as drogas existem, o usuário de drogas existe, o tráfico existe, os interesses econômicos, políticos, tudo que dá para imaginar está envolvido nisso. E a tristeza e o sofrimento existem. (Henn, 2012, p. 03).

Podemos perceber na fala do pastor Fernando Henn que existe a busca pelo ideal, ideal esse, que está intrínseco nas políticas falidas de combate às drogas. Seja ela no discurso das secretarias de segurança que acusa a pessoa usuária de drogas de criminosa, seja ela no discurso da saúde que avalia a pessoa somente como doente e/ou até mesmo no discurso religioso que encara a pessoa usuária de drogas como pecadora – todos sem exceção, estão permeados de ideais e muitas vezes desconhecem a realidade.

Loiva Maria de Boni Santos em seu artigo relata como os interesses econômicos, políticos e religiosos da sociedade, influenciam na construção de ideais que muitas vezes estigmatizam:

A partir das primeiras décadas do século XX, com a expansão da política proibicionista norte-americana pelo mundo, as pessoas que usam as drogas tornadas ilícitas passaram a ser vistas e faladas de uma forma delimitada pelos saberes médico psiquiátricos e jurídico-policiais, como doentes ou criminosos. Operando sob o aval da pretensa neutralidade científica, mas constituído a partir dos mais variados interesses econômicos, morais, políticos e religiosos. (Santos, 2010, s/p.).

A prática em redução de danos mostrou que nem todos/as querem ser tratados/as pela sua dependência química e que se houver tratamento, que haja condições para isso. Então, se o governo almeja esse planeta ideal “sem pessoas que usam drogas”, deve propor ao menos condições para que a realidade esteja ao alcance dessas pessoas.

E a realidade muitas vezes não é somente tratar a pessoa como dependente químico ou manter estabelecimentos com psicólogos, psiquiatras, fisioterapeutas e

clínicos gerais, mas sim, proporcionar habitação, emprego, alimentação, acesso à saúde e educação, ou seja, o mínimo de dignidade humana.

O pastor Fernando Henn em sua fala salienta também que a Teologia, através da prática pastoral, trabalha muito na perspectiva do “ideal”, e que muitas vezes é cobrado dos pastores/as um mundo ideal, “uma terra sem males”, uma sociedade irmanada e trabalhando pelo bem comum, A partir da fala desse pastor, a pesquisa intenta retomar dois conceitos importantes nesse universo do ideal e do real, a saber: o respeito à singularidade e a diversidade humana.

Da mesma forma que a ciência normativa por muito tempo desrespeitou todas as pessoas usuárias de drogas, negligenciando toda a particularidade, singularidade/diversidade das pessoas. Isso também se reflete quando pensamos na doença da Aids no Brasil. Maria Andréa Loyola, retrata bem esta realidade ao nos dizer que no caso da Aids, por se tratar de uma doença sexualmente transmissível, a culpa é sempre do outro:

É o outro que não tem cuidado e não se comporta direito: "os homens que pulam a cerca", "as mulheres livres, que dão pra qualquer um", os homossexuais, os drogados, as prostitutas, em suma, os promíscuos. (Loyola, 1994, p.70).

Durante muitos anos, desde o início da história da Aids, tanto a ciência normatizadora como os meios de comunicação preocuparam-se muito mais em encontrar “bodes expiatórios” da disseminação da doença do que propriamente propor políticas públicas que dessem conta de temas como a prevenção.

Enquanto a sociedade era permeada de estigmas e de medos, referente à Aids, consolidando cada vez mais o termo “grupos de risco” - deixava-se à mercê de atenção toda uma outra parcela da sociedade que se contaminava e que hoje são referências nos números da Aids no Brasil e no mundo.

Ainda sobre a relação entre redução de danos e ação pastoral, o pastor Marcos Aurélio afirma:

Então a redução de danos nessa perspectiva abrangente, não ligada somente a prevenção HIV/Aids né, ela tem tudo a ver com a prática pastoral e de forma bem objetiva, nós nas paróquias temos pessoas envolvidas, famílias envolvidas com a questão do uso de drogas, pessoas que são afetadas pelo vírus HIV/Aids também, então trabalhar a perspectiva a partir do uso de drogas e da prevenção do HIV também é uma possibilidade. (Oliveira, 2012, p. 03 e 04).

Marcos Aurélio destaca a importância da experiência com a redução de danos, pois, muitas das questões em que a redução de danos se envolve/via diariamente, são também realidade nas comunidades em que os/as ministros/as atuam. Marcos aborda outra questão em sua fala, o papel do/a pastor/a nas comunidades, sendo que para essas, os/as pastores/as são referências, não somente de sabedoria, mas também como referência e/ou experiência de vida.

Também Marcos Augusto Armange entende que a relação entre prática pastoral e redução de danos é muito forte, pois no período em que atuou como redutor de danos uma das principais metas para junto das pessoas usuárias de drogas era municiá-las e instrumentalizá-las para conseguirem resolver os seus problemas e conviverem em sociedade.

O mesmo acontece nas comunidades eclesiais, sendo que diariamente o/a pastor/a se vê diante de questões que precisem instrumentalizar e ‘potencializar’ a estima das pessoas para que futuramente não “estoure” nenhum problema mais grave, tal como o suicídio, por exemplo. Afirma Marcos Augusto Armange:

Olha pra mim a redução de danos marcou profundamente o meu trabalho, a minha forma de ser, de como eu vejo o mundo e ele perpassa todo o meu trabalho pastoral. Porque, como um pastor muitas vezes tu é procurado nas situações limites, tu é procurado naquelas situações em que o problema já estourou, por exemplo, quando o problema já se instalou, quando já se cometeu o suicídio, quer dizer nessas situações em que parece ser o último recurso a busca por um pastor e a ajuda de Deus... a redução de danos pra mim é um conceito muito importante para a minha prática pastoral, porque eu entendo que pra mim como obreiro a serviço de Deus, eu tenho que conseguir trabalhar as questões, os problemas das pessoas antes de estourar, eu tenho que fazer isso tentando reduzir danos. (Armange, 2012, p. 03).

Gabrielly Ramlow, relaciona a redução de danos e a prática pastoral, ao citar problemas que a priori todos/as temos. E que os problemas de uma Igreja em suas comunidades não são menores e muito menos maiores que os problemas que a redução de danos tem nas comunidades mais carentes e vulneráveis em que atua. Assim segue a fala da ministra:

... há uma relação sim. Tem pessoas que vêm te procurar envolto a problemas que você pensa assim, não pode ficar pior. E qual é a tua tarefa ali? Dizer que o problema dela é horrível, que não tem mais solução? Não. Tu tem que tentar reduzir, ir separando as questões, pra ver como vai podendo ajudar e aí tu vai mostrando pra ela os direitos que ela tem, os deveres que ela tem, e assim tu vai resgatando de novo essa pessoa no seu problema, na sua vida, na sociedade, acho que a prática pastoral teve...na minha teve

muita influência sim. Nessa questão de tentar resgatar a pessoa quando ela não se vê mais ou ela não vê mais a esperança. (Ramlow, 2012, p.02).

O que a fala de Gabrielly sugere é que percebamos que todos/as temos direitos e deveres iguais. Que todos/as temos angústias, alegrias, tristezas, vitórias e derrotas dentro da especificidade e singularidade de cada um/uma. Ninguém, como ser humano, filho de Deus é capaz de poder ser julgado superior ou inferior ao/a outro/a.

Da mesma forma, a redução de danos, sempre teve/tem na sua história – o desafio de proporcionar a igualdade aos que se tornaram diferentes (homossexuais, prostitutas, pessoas que estão em situação de reclusão, pessoas usuárias de drogas e as pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids), perante as interpretações higienistas concebidas pela ciência normatizadora e sexista. A prática pastoral, também está envolta com essas questões, pois, de certa forma, a maioria dessas pessoas são parte das nossas comunidades eclesiais.

O que essas pessoas precisam é sentir-se à vontade dentro das comunidades eclesiais para então poderem compartilhar suas aflições e angústias com o/a líder espiritual da Igreja da qual fazem parte. E esse processo de se “sentir-se à vontade”, perpassa muitas barreiras que as comunidades eclesiais contemporâneas herdaram da sociedade higienista e sexista.

Para tanto, é notável perceber, tanto no discurso dos pastores Fernando Henn, Marcos Armange, Marcos de Oliveira e da pastora Gabrielly Ramlow, a importância do/a obreiro/a em estar preparado/a para acolher a todos/as independentemente de quem sejam e do que façam, tal qual Jesus Cristo fez.

2.4 Atividades pastorais e Redução de Danos

Para essa quarta questão, a pesquisa tem como motivação instigar os/as pastores/as a refletirem como estão realizando suas atividades pastorais. Entender se há na prática pastoral a relação desta com a Redução de Danos.

Relacionado a esse tema, a pastora Gabrielly Ramlow, evidencia em sua fala a importância que reserva para temas como a informação correta, a prevenção e principalmente o cuidado de si e o cuidado para com o próximo:

... a gente sempre em celebrações ou em cultos quando acontece a gente sempre faz questão de dizer da importância da gente ter a informação, de se prevenir, de ter o cuidado com o outro que também é o cuidado de si próprio. Então a gente tenta por algumas vias estar trazendo as informações que nos foi dada em certo momento da vida através do redução de danos. (Ramlow, 2012, p. 03).

Uma das questões que essa pesquisa se preocupa e acredita ser fundamental para a questão da Aids, é a informação objetiva e correta. Quando pensamos no tema da informação, parece que caímos num “clichê”, pois, todos/as estão cansados de comentar que a informação existe e é suficiente - e que muitas vezes, as pessoas se contaminam com o vírus da Aids “porque querem”. Esse discurso parece estar atrelado ao mesmo discurso sexista e higienista que durante o processo histórico disseminou estigmas e preconceitos entre a sociedade.

Ora, quando pensamos em informação correta, devemos pensar em uma educação sistematizada sobre os mais diversos temas transversais (como a sexualidade humana e o tema das drogas) dentro de toda a rede de escolas de ensino fundamental e médio e até mesmo de ensino superior. Essa educação perpassa também palestras com associações de moradores, com as empresas – durante as SIPAT (Semana Interna de Prevenção a Acidentes de Trabalho) e principalmente com as Igrejas.

O pastor Marcos Armange na resposta sobre as suas ações pastorais que dinamizem a sensibilidade adquirida com a proposta de redução de danos se manifestou da seguinte forma:

... por ser uma cidade pequena aqui (Paverama – RS) a questão do estigma aqui é muito forte, as pessoas vivem no anonimato, vivem sem acesso à informação, por ser uma cidade muito pequena, então a idéia é também, é talvez voltar a trabalhar com essa questão do HIV/Aids, reunir esse pessoal, empoderar eles, dar voz as suas angústias, dar voz as suas preocupações, dar também espaço para que busquem informações, para que compartilhem experiências é uma das idéias. E nesse sentido, não só com HIV/Aids, nesse sentido a redução de danos pode ser uma idéia para os mais diversos públicos, para as mais diversas situações. Ela pode ser para um grupo de enlutados, de depressivos, a idéia de redução de danos ela é muito ampla e muito profunda, não tem como não marcar o trabalho da gente, essa experiência que a gente teve. (Amange, 2012, p.04).

Armange salienta que uma das suas preocupações dinamizadas pela Redução de Danos e colocadas em prática na paróquia na qual atua, vai ao encontro da discussão realizada acima: o/a pastor/a deve estar preparado/a para o entendimento de que nas comunidades eclesiais existem todos os problemas que

qualquer outro setor da sociedade possa ter, inclusive com pessoas que sofrem as mais variadas formas de estigmatização.

Assim, Armange destaca ainda sua iniciativa na paróquia de Paverama, na qual propõe a formação de um “espaço terapêutico”, ou de um “ambiente terapêutico” (Armange, 2012, p. 04). Esse ambiente tem como objetivo, promover a “escuta” de grupos mais vulneráveis (pessoas com HIV/Aids, pessoas que fazem uso de alguma substância química, pessoas que sofreram violências – sejam elas físicas ou psíquicas. Bem como, um espaço para acolher também problemas “tradicionais” de uma comunidade eclesial, como enlutados, pessoas depressivas e todas que de uma forma ou outra não conseguem se expressar positivamente perante a sua própria vida.

Dessa forma os/as ministros/as precisam estar preparados/a para oportunizar às pessoas estigmatizadas, maior integração/inclusão nas comunidades eclesiais. Da mesma forma, o pastor Fernando Henn abrevia:

...a perspectiva de redução de danos tá presente numa conversa pastoral, numa visita para uma família, numa pregação, num gesto quando uma pessoa vem pedir ajuda, acho que tudo isso mostra como a gente olha, trata e encaminha a pessoa, essa visão está presente agora. (Henn, 2012, p.06).

O pastor Marcos Aurélio de Oliveira ao ser indagado sobre ações de redução de danos em sua prática pastoral enfatiza temas importantes para o cuidado com as pessoas. Ele enfatiza o “olhar e o dialogar” com as pessoas, independente quem sejam - e para isso, ele cita os moradores de rua, que muitas vezes são recebidos nas casas com ignorância e intolerância:

... A redução de danos ela tem ajudado a olhar essas pessoas como pessoas e não somente como aquele cara que vem pedir um troquinho pra comprar cachaça, mas faz olhar e dialogar com essas pessoas, interagir com elas eu creio que se eu não tivesse a perspectiva da redução de danos né, ou tido contato com a redução de danos na época da formação eu seria mais uma daquelas pessoas que abre a janela, espia e vê que é alguém e fecha a janela e não vai atender, é eu procuro me aproximar das pessoas. (Oliveira, 2012, p. 04).

Marcos Aurélio, afirma também que propõe atividades com adolescentes e famílias na sua paróquia. Atividades essas, focadas na prevenção dos mais diversos temas transversais, drogas, sexualidade, violências do dia a dia (bullyng), relacionamentos familiares – todas com o intento da promoção da vida e o respeito à vida alheia. Assim segue a fala do pastor Marcos Aurélio:

...desenvolvo atividades com uma turma de adolescentes de dez em diante e todo o trabalho que faço com eles a primeira perspectiva que eu coloco é ajudando a pessoa a olhar pra si. E a partir desse olhar pra si, como é que me envolvo com as outras. Então, uma questão de fortalecer a auto-estima, desenvolver um trabalho pra que a pessoa aprenda ou que ela compreenda a importância de valorizar-se de valorizar a vida, então dessa forma eu compreendo que também ela pode evitar o uso de drogas por exemplo, pode evitar em envolver-se em situações que comprometam mais a sua vida. Então eu tenho feito um trabalho muito forte e eu acho que isso é por causa da redução de danos... (Oliveira, 2012, p. 05).

E para desenvolver essas atividades, Marcos Aurélio entende que grande parte da sua formação e da compreensão da sua Teologia exercida nas comunidades, tem a ver com a prática em redução de danos. Salienta que o curso de Teologia da EST foi e é muito bom, porém, o fato de ter vivenciado situações de “vidas em extrema vulnerabilidade” na periferia de São Leopoldo – contribuiu muito mais para a sua formação e prática pastoral, do que se tivesse ficado somente na sala de aula e na biblioteca com a teoria.

Então eu imagino que consigo fazer isso muito fortemente porque eu me aproximei dessa relação com a redução de danos e isso me ajudou a perceber que, claro, toda a combinação do estudo de teologia faz isso, hoje eu reflito muito mais a vida, com muito mais pé no chão eu imagino, do que se eu tivesse só visto né a Teologia, ficado na biblioteca, ficado dentro da sala de aula, por ter ido lá a campo e por ter vivenciado situações. (Oliveira, 2012, p. 05).

Marcos em sua fala afirma ter “vivenciado situações” interessantes com a proposta de redução de danos. Proposta essa que o levou até a periferia, até a realidade das favelas. Que o fez se colocar em compaixão com essa realidade e perceber que por mais vulneráveis que essas pessoas possam ser, existe a esperança, existe a fé, o amor e principalmente a luta pela dignidade. Percebamos as palavras de Marcos de Oliveira:

...eu lembro que chegamos numa casa e tinha uma senhora numa casa em cima do lixão e a senhora varrendo o lixo né, e as crianças brincando com os cachorros numa poça de água lá, bem suja. A gente não conseguia identificar muito bem o que era em termos de sarna, o que era criança e o que era cachorro. De tão difícil que tava a situação ali, e aquela mulher varrendo e não deu muita atenção pra nós e tirando o grosso do lixo ali e ela disse assim: olha, ‘desculpa não ter dado muita atenção pra vocês mas é que vou receber visita no final de semana e eu tenho que limpar a casa’. Então essa perspectiva ‘do limpar a casa’ pra mim ela remete a questão da, tem dignidade né. Tem alguém querendo acolher bem alguém, tem alguém querendo dar um conforto maior, embora a casa era lata, era coisa e o lixo né era o que mais tinha, então pra mim a redução de danos ela resgata a questão da dignidade. (Oliveira, 2012, p. 05).

A sociedade rotula a maioria das pessoas moradoras da periferia. Pelo fato de nunca terem tido contato com essa parcela da população, as políticas

normatizadoras evidenciam estigmas e preconceitos que afastam e discriminam essas populações periféricas. Dessa forma, a sociedade compra “esse produto de exclusão” e sem presenciar a realidade, não entende que na “favela” uma senhora moradora de uma casa de papelão e latinha, possa ter, viver e sonhar com a sua dignidade.

Sobre a prática pastoral desenvolvida pelos/as obreiros/as entrevistados/as, percebemos que nela está muito presente a perspectiva da redução de danos. Desde a escuta e o olhar crítico para com as diferentes realidades, a capacidade de oportunizar a informação correta e objetiva sobre os diferentes temas transversais, de propor o protagonismo do meio em que vivem/convivem e principalmente, evidenciar o cuidado para com o/a próximo/a.

2.5 Redução de Danos como fundamento para práticas de cuidado na Igreja

Essa questão quer dialogar com os/as ministros/as sobre a possibilidade de se pensar a redução de danos como uma das alternativas de cuidado na Igreja. Perceber como a prática desses/as obreiros/as que atuaram com a redução de danos, influenciam na construção do cuidado dentro de suas comunidades.

Questionada sobre como a Igreja pode, a partir da redução de danos, ter fundamentos para práticas de cuidado, a pastora Gabrielly Ramlow destaca a “escuta”, “o ouvir” as pessoas, um ouvir a partir delas, da realidade delas, um “ouvir com amor”. Um ouvir que oportunize a todos/as que sofrem algum tipo de exclusão perceberem que aquele/a obreiro/a pode ser uma referência de sabedoria do amor de Deus. E que a partir da experiência de Jesus Cristo cada obreiro/a possa ser cuidador para/com as diferentes propostas de vida da comunidade eclesial. (Gabrielly, 2012, p. 03 e 04).

O pastor Fernando Henn mais uma vez constrói sua resposta sobre os cuidados a partir do conceito do olhar e da escuta atenciosa e sem estigmas. Fala da perspectiva de cuidado na aproximação e contato com as pessoas – onde que sem julgamentos, pode-se proporcionar cuidados para as pessoas a partir daquilo que é possível, do real – e não oferecer “cuidados” a partir do ideal do/a pastor/a.

Eu acho que em qualquer ação da igreja, em qualquer grupo, seja uma celebração num culto, seja um grupo, um atendimento na secretaria, ou até mesmo uma família quando a gente vai a casa dela oferecer algum tipo de ajuda, acho que a redução de danos e o princípio da redução de danos ajuda na perspectiva de antes de emitir qualquer julgamento, olhar, conversar com a pessoa, conversar com a família, observar e construir algumas práticas de cuidado olhando, não para o ideal que gostaríamos para a vida da pessoa ou da família, mas a partir daquilo que é possível. (Henn, 2012, p. 06 e 07).

Podemos fazer uma analogia sobre o discurso do cuidado a partir da realidade que enfatiza o pastor Fernando com o discurso de Leonardo Boff, no artigo que ele escreve, intitulado, “cuidado essencial”:

O cuidado é uma relação amorosa para com a realidade, pois pelo cuidado nos envolvemos com ela e mostramos nosso interesse e até preocupação com ela. Mas o cuidado é mais que tudo isso. Ele é a atitude que antecede a todos os demais atos e os possibilita, seja os atos da vontade, seja os da inteligência. Eles somente são humanos se nascerem do cuidado e são acompanhados pelo cuidado. Então, são construtivos e não irresponsáveis e deletérios. (Boff, 2002, p. 01)

Armange acredita que a Redução de danos tem um papel muito fecundo na propagação do cuidado, um cuidado que não se preocupa unicamente na conversão das pessoas – mas um cuidado, tal qual a redução de danos propaga, que é um cuidado de recuperar aos poucos a dignidade das pessoas:

Então, talvez indo na mesma linha que eu tenho falado, o redução de Danos é uma idéia um conceito muito promissor e muito fecundo para a idéia do trabalho da Igreja, com a tarefa com essa missão de estar no mundo para cuidar também daquilo, dos membros e de cuidar das pessoas...é muito comum algumas teologias a pessoa que se converte, ela muda do branco pro preto, ela vai, há uma mudança muito substancial na vida daquela pessoa – isso acontece, isso faz parte daquele evangelho, mas também faz parte do evangelho, o trabalho pequeno do cuidado, o trabalho de recuperar aos poucos a dignidade de recuperar aos poucos a fala como sujeito das pessoas de recuperar aos poucos os cuidados, de aos poucos tirar as pessoas de suas vulnerabilidades...(Armange, 2012, p. 06).

Na fala sobre cuidado, sobre olhar para a dignidade humana, olhar para as vulnerabilidades, Marcos Augusto Armange, faz alusão ao processo de desumanização que vem ocorrendo na sociedade. Uma onda de banalização que se intensifica a cada dia mais - “onde o problema do outro passa a não ser mais um problema meu”, e por isso, as pessoas encontram-se em uma atitude “blasé”, ou seja, desprovidos de olhares críticos, olhares transformadores e que muitas vezes concordam com uma sociedade que oprime e que exclui.:

... vulnerabilidade não é uma questão somente de passar fome e de passar frio, mas também a falta de um olhar crítico, essa atitude “blasé”, atitude de quem olha pro mundo e vê uma criança com HIV/Aids mendigando na rua e entender que aquilo já faz parte da paisagem dela e entender que aquela

criança já faz parte do mundo. Então a igreja tem esses aspectos muito importantes para lidar e para cuidar, não só das pessoas que estão na situação limite, mas também para aquelas pessoas que perderam o olhar cuidador e o olhar crítico pra uma sociedade que oprime, para uma sociedade que exclui... (Armange, 2012, p. 06).

Podemos perceber no discurso do pastor Armange as ações de cuidado que a redução de danos pode oferecer. Pois ela se preocupa com as pequenas coisas, cuidando das pessoas independentemente da situação em que se encontrem – seja na miséria, seja como usuária de drogas, seja como portadora de HIV, a redução de danos consegue fazer com que essas pessoas repensem o seu papel no mundo, para depois, além de cuidar de si, cuidar do/a outro/a.

Então isso, a idéia de redução é justamente também ela recupera isso, ela recupera esse olhar de cuidado, esse olhar de agir com pequenas coisas, com pequenas situações que vão modificando a realidade de onde tu tá, acho que a redução de danos tem esse privilégio, essa coisa bonita de mesmo a pessoa na situação de miséria os pequenos cuidados que você oferece pra ela faz com que ela repense o seu jeito de estar no mundo, comece a repensar o seu papel nesse mundo, começa a cuidar de si e aprender a cuidar do outro. De ser protagonista. (Armange, 2012, p.07).

O pastor Marcos Aurélio de Oliveira, sobre a perspectiva da Redução de Danos como fundamento para as práticas de cuidado na Igreja, salienta o artigo que ajudou a escrever juntamente com alguns colegas da faculdade de Teologia. Nesse artigo é evidenciado a Redução de Danos como a mais pura diaconia:

Pra mim a redução de danos, já tem aquele livro que a gente escreveu um artigo uma vez sobre práticas diaconais, pra mim a redução de danos é diaconia pura. E diaconia tem a ver com cuidado, amor incondicional, redução de danos parte do princípio muito forte da troca de seringas né... você se predispõe a trocar seringas com outra pessoa querendo levar mais informações, ajudar a refletir sobre seu dia a dia, você tá desenvolvendo uma ação incondicional sempre, não era incondicional trocar seringa, mas incondicional no sentido assim olha, você não é obrigado a parar de fazer uso mas quando você fizer, faça um uso limpo. Pra mim isso é cuidar também, cuidar em todas as perspectivas né, cuidar respeitando a opinião da pessoa, cuidar fazendo ela refletir e não obrigando ela a tomar as decisões, mas ajudar ela a tomar decisão. (Oliveira, 2012, p. 06).

Mais uma vez percebemos a fala de um obreiro que atuou na proposta de Redução de Danos, permeada de esperança, quando o tema que se propõe a dialogar é o cuidado. Ter e poder oferecer um ‘olhar’ e um ‘escutar’ com amor incondicional se reflete em poder propor, a partir da perspectiva da pessoa acessada, uma reflexão de cuidado sobre si e de quem convive com ela.

Nessa perspectiva, é possível pensar nas pessoas que se descobrem portadoras do vírus HIV, momento esse em que elas passam a viver sob inúmeros

conflitos, consigo e com a sociedade. Conflitos esses que vão desde a baixa auto-estima até a banalização para com a vida das outras pessoas que ela possa se relacionar. E é nessa perspectiva que a Redução de Danos sempre se ocupou, em propor cuidados para as pessoas soropositivas e para as pessoas que convivem com ela, a partir do que elas podem e têm condições de oferecer.

2.6 Elementos bíblicos e teológicos para a construção de um modelo de práticas de cuidado na Igreja a partir da Redução de Danos

Essa questão provoca os/as obreiros/as a buscarem elementos bíblicos e teológicos que fundamentem a prática da Redução de Danos. Prática essa, voltada ao cuidado, ao não julgar e principalmente ao amor incondicional.

1º: É João 10.10 né... “Eu vim para que tenham vida em abundância”. Pra mim esse é um elemento bíblico muito importante nessa questão da redução de danos. Porque a ação de Deus na nossa vida ela vem para que nós tenhamos plenitude de vida e quando a gente está envolvido em situações que causam danos na nossa vida esse objetivo de Deus ele é comprometido, né então Deus se aproxima, eu vim... (Oliveira, 2012, p. 07).

Destaca-se aqui o ato de “ir ao encontro”. Da mesma forma que Jesus Cristo ia ao encontro do cego, do coxo, da prostituta - a Redução de Danos chama atenção para essa prática. Pois, muitas pessoas, acessadas pelo projeto, ao se sentirem estigmatizadas acabavam se isolando de muitos serviços que eram seus de direito (a atenção à saúde e assistência social). A Redução de Danos desempenhava/a essa ressocialização para/com a sociedade, acessando as pessoas e encaminhando-as aos centros de atenção básica da saúde e assistência social. Marcos Aurélio segue a sua reflexão:

2º: ... É, ao mesmo tempo que Deus se aproxima, é também tem em Mateus 11.28 né: “Vinde a mim, todos que estão cansados e sobrecarregados”, então pra mim essa perspectiva bíblica também, Deus permite a nossa aproximação a ele também... (Oliveira, 2012, p.09).

Nesse segundo elemento bíblico, Marcos Aurélio enfatiza a importância do “perceber e ouvir” as pessoas que estão sobrecarregadas. Aqui, podemos nos reportar às pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids. Muitas delas estão invisíveis em nossa sociedade. Muitas estão sobrecarregadas e necessitam de pessoas e/ou lideranças religiosas que as tragam para o convívio de fé das comunidades.

No texto do Bom Samaritano podemos encontrar vários temas que edificam a vida e repudiam o preconceito e o estigma. A simples aproximação do samaritano e a sua proposição em cuidar da outra pessoa, a dedicar do seu tempo para ajudar essa pessoa, independente se ela era judia ou samaritana aponta para a práxis de Jesus Cristo. Uma práxis de amor incondicional, que percebe e respeita a outra pessoa como filha/o de Deus.

O pastor Marcos Augusto Armange também dialoga com a parábola do bom samaritano. Evidencia a prática do cuidado para com o outro, prática essa que não exige mudar de vida, mas sim, repensá-la a fim de que tenha novamente estima e se torne protagonista de sua própria história

Nota-se ainda que, a partir da fala de Marcos Armange, a prática de Jesus foi uma prática voltada ao cuidado com as pessoas, independentemente de quem elas fossem. Armange compara essa prática com a Redução de Danos. Percebemos isso, quando o pastor exemplifica com a cura no sábado.

Nos relatos evangélicos se registram sete curas realizadas por Cristo no sábado. (Lucas 4:33, 38-39; 6:6-10; 13:10-17, 14:2-4; João 5:5-10; 9:1-14). Para os judeus, não para Deus - curar era uma espécie de trabalho (Lucas 13:14), ou seja, era ilícito no sábado. Da mesma forma, em Marcos 2:27-28, Jesus reafirma que “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Assim o Filho do homem até do sábado é Senhor”.

Quando Jesus realiza a cura no sábado, cuja lei em determinado momento tinha isso como ilícito, Ele aponta para a necessidade de se valorizar a vida sob qualquer aspecto. Jesus transgride a lei humana, o moralismo em favor da vida, da humanidade.

Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação com a redução de danos, pois, no início e ainda hoje, a Redução de Danos tem que muitas vezes “transgredir” moralismos, quando acessa uma pessoa usuária de drogas, prostituta, detenta ou soropositiva. A redução de danos já foi estigmatizada, de certa forma, por entender-se que faz apologia ao uso de drogas, por simplesmente acessar a pessoa usuária e querer resgatar a sua dignidade. Assim, segue a fala de Armange:

Acho que a prática de Jesus como um todo, foi a prática de cuidado, foi o trabalho de trazer a pessoa de uma realidade onde ela não se achava, de uma realidade onde ela estava sendo usurpada de seus direitos, de uma realidade onde ela estava perdendo sua cidadania e sua humanidade e de trazer ela para um novo espaço de cuidado, para um novo ethos. (Armange, 2012, p.07).

...então nesse sentido a prática de Jesus como um todo ela é muito inspiradora para a Redução de Danos. Porque Jesus fez isso, ele tentou reduzir esses aspectos, ele tentou recuperar essa humanidade que estava se perdendo dentro de uma sociedade que estava sendo oprimida pela legalização da lei. (Armange, 2012, p 08).

O pastor Fernando Henn, levanta dois elementos que sinalizam a prática da Redução de Danos como práticas de atenção e cuidado para a Igreja. Primeiramente, cita o que segundo ele, é o princípio maior do cristianismo - “Ama o próximo como a ti mesmo, a Deus e ao próximo como a ti mesmo” (Henn, 2012, p. 08).

Fernando parte do princípio que a Redução de Danos consegue perceber as pessoas holisticamente e transmitir o amor incondicional. Afirma isso no momento em coloca que a Redução de Danos se despe de moralismos e independente do que a pessoa faça, seja usar drogas, seja se prostituir, seja por estar vivendo com Aids, ela tem os mesmos direitos e condições de viver e conviver na integralidade do amor de Deus:

... a Redução de Danos ela olha com amor para pessoa ela não olha pensando o mal, por exemplo, quando na conversa não tem aquele discurso, que só vou te ajudar se tu quiser sair do uso de drogas. Trata o ser humano integralmente e diz olha, independente do que tu pense sobre ti mesmo e sobre o que tu quer fazer com a tua vida, eu tô dizendo a tua vida é importante, eu te amo. (Henn, 2012, p. 08).

Como segundo elemento, Fernando Henn fala sobre visão do “já agora e ainda não” (Henn, p.09). Ou seja, proporcionar as pessoas que são usuárias de drogas e/ou que vivem com Aids, a possibilidade de terem o mínimo de dignidade humana no tempo presente e não somente idealizar para essas pessoas um futuro como a “terra sem males”.

Sugere sair do discurso e construir possibilidades a partir da realidade presente das pessoas. Muitas vezes até mesmo as instituições religiosas idealizam uma sociedade que se atém ao ideal, “uma terra sem males”. Se lida com as pessoas a partir do ideal das instituições religiosas, a partir das ideologias dos/as pastores/as e não a partir da realidade de quem se pretende ajudar.

Por isso, Fernando entende que a Redução de Danos consegue fazer essa ponte entre o ideal e o real. Que ao acessar uma pessoa soropositiva ou usuária de drogas, a Redução de Danos proporciona a ela uma qualidade de vida a partir da sua realidade – reduzindo os prejuízos a vida e assegurando o máximo de dignidade. (Henn, 2012, p. 09).

A pastora Gabrielly, ao refletir sobre esse tema, retrata a vida de Jesus como a pedagogia do “ir ao encontro”. Jesus não esperava, ele ia ao encontro de todos/as. A Redução de Danos também não espera, ela sabe que muitas pessoas soropositivas e usuárias de drogas estão invisíveis para a sociedade. A redução de danos vai ao encontro, acessa essas pessoas e as reinsere na sociedade, proporcionando a visibilidade.

Se a gente pensar a pedagogia de Jesus, a atuação de Jesus junto a nós né, eu acho que tá ali esse ir ao encontro. Jesus sempre foi ao encontro, sempre permitiu o encontro a quem quer que fosse e nunca deixou de acolher a aqueles que perto dele chegavam (Ramlow, 2012, p. 04).

Todas as entrevistas deixam transparecer essa ressignificação da Redução de Danos nas ações pastorais que têm como fim o cuidado e o respeito à dignidade humana. No texto *“Redução de danos: uma ação diaconal”* os obreiros entrevistados citaram a passagem bíblica da parábola do Bom Samaritano (Lc. 10), afirmando ser essa passagem, um bom exemplo de Redução de Danos.

Quando o samaritano auxilia e socorre o homem caído à beira da estrada, ele não resolve todos os problemas dele, mas faz o possível, o que estava ao seu alcance naquele momento. O samaritano que passava pela estrada não perguntou porque ele estava ali, se tinha culpa ou porque outras pessoas não haviam feito nada. Ele socorre o homem e faz o que está ao seu alcance naquele momento. Trata de suas feridas e cuida para que tenha cuidado até se recuperar. (Armange; Engler; Henn, Oliveira, 2001, p 18).

Essa passagem esteve presente à fala de pelo menos três das quatro entrevistas, com os/as ministros/as. O bom samaritano fez tudo o que um cristão e/ou um redutor de danos faria. Dar atenção e cuidado, respeitando dessa forma um dos principais mandamentos de Deus – amar ao próximo.

Essa parábola nos atenta e desafia a perceber o amor de Deus, um amor que não se ocupa a olhar para a roupa das pessoas, a julgar pela cor, credo ou raça, pela etnia, um amor que não liga para a situação econômica e sequer pelo status social. Um amor que não menospreza e muito menos desumaniza o próximo.

Todos/as os/as entrevistados/as emitiram em suas falas a importância da redução de danos para as suas vidas e para a prática pastoral. Expuseram, que durante seus estudos de teologia na Faculdades EST, a Redução de Danos foi uma das possibilidades práticas de todo o conhecimento teórico adquirido em sala de aula.

Ficou evidenciado nas respostas das entrevistas que a redução de danos tem como fundamento principal o cuidado com as pessoas que por uma razão ou outra são estigmatizadas na sociedade contemporânea. Também caracterizou-se que a prática pastoral está diretamente vinculada com a proposta de redução de danos, quando se tem como objetivo viver a fé nas comunidades a partir da inclusão de Jesus.

E por fim, apontam para uma semelhança entre a redução de danos e a atividade pastoral, semelhança essa, que se espelha nas “transgressões de Jesus” – pois, Jesus foi crucificado por ser inclusivo, por ter contestado uma sociedade legitimada em leis, propagadora de exclusão.

3. IGREJA, HIV/AIDS E DIGNIDADE HUMANA

Esse capítulo atenta para a possibilidade de perceber como as Igrejas estão cuidando das pessoas que vivem com Aids. Perceber a partir das entrevistas com os/as obreiros/as, a possibilidade de cuidados que emergem da prática de redução de danos e propor juntamente com a Teologia, desafios que tiram a Igreja de uma possível “zona de conforto”, relacionado ao tema da Aids.

Um dos temas que emerge e permite articular os temas em estudo é a comunhão de mesa. Para tanto, é importante pensar na comunhão de mesa como um dos espaços da vida comunitária e também da produção teológica cristã. Muito mais do que um simples rito litúrgico, a comunhão de mesa expressa concepções profundas sobre o que significa ser igreja e sobre a relação dos seres humanos com Deus.

Jesus percebeu como a mesa está no centro da vida e das relações humanas. Aliás, não só desta vida, mas também no reino vindouro: Jesus compara o reino dos céus com um banquete (Mt 22.1-14). (Gaede, 2010, p. 307).

É o que Jesus se imagina para o banquete do reino dos céus. Ele projeta para o tempo vindouro essa imagem do reino de Deus: um lugar aberto para todas as pessoas, indiscriminadamente. Nele só não estarão os que dele se excluem, em nome de um projeto de mesa particular. (Gaede, 2010, p. 310).

Rodolfo Gaede, na citação acima, caracteriza o verdadeiro sentido da comunhão de mesa de Jesus. Uma comunhão de mesa aberta a todos/as sem discriminação, atenta para o Reino de Deus. Jesus tem a comunhão de mesa como um dos temas centrais de sua vida. Para tanto, não podemos simplesmente reduzir as comunhões de mesa de Jesus a ritos litúrgicos, mas sim, perceber a intenção de Jesus – tornar a mesa, um momento de comunhão para que todos/as possam se sentir acolhidos/as, tal qual, o Reino de Deus.

No que segue, buscaremos relacionar a prática em redução de danos com os desafios colocados para igreja pela epidemia de HIV/Aids a partir da comunhão de mesa. Dessa forma, será possível elaborar propostas de práticas de cuidado que sejam relevantes não apenas no contexto da epidemia de HIV/Aids, mas para a vida da igreja como um todo.

3.1 Relato de Experiência a partir de uma pessoa soropositiva

Em dezembro do ano de 2000 na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, tive a oportunidade de iniciar minha caminhada em uma Organização Não-Governamental (ONG). Essa ONG era chamada de ASPA (Apoio, Solidariedade e Prevenção a Aids). Com origem no ano de 1992, o ASPA surgiu com o propósito de lutar pela qualidade de vida e os direitos das pessoas portadoras do vírus HIV.

Um dos projetos que estruturavam o ASPA era o Projeto Redução de Danos. Esse projeto surgiu no Brasil devido ao alto índice de pessoas usuárias de drogas injetáveis que se contaminavam e recontaminavam com HIV/Aids ao compartilharem as mesmas seringas:

Há muito tempo visto como uma atividade perigosa e anti-social, o uso ilícito de drogas passa agora a ter seu estigma aumentado com a constatação de que esse é também um importante mecanismo da propagação da AIDS. Nos Estados Unidos e na Europa, o uso de drogas injetáveis se afigura como o segundo principal comportamento de risco entre pacientes de AIDS, e é considerado o responsável por aproximadamente 30% das contaminações. No Estado de São Paulo sua importância é confirmada e é atualmente a segunda principal via de contágio responsável por 36,5% dos casos notificados em 1991, demonstrando um crescimento rápido desde 1985, quando só respondia por 3,1%. (Macrae, 1992, p.01).

Esses números trouxeram a possibilidade e a viabilidade dos Projetos de Redução de Danos se firmarem no Brasil. As políticas públicas anteriores relacionadas às drogas estavam falidas, pois se preocupavam muito mais em combater as drogas do que propriamente se preocupar com as pessoas que as usavam.

A Redução de Danos tinha/em como esteio principal o olhar e o ouvir sem julgar. Essa era/é a grande estratégia que fez com que esse projeto de saúde pública conseguisse tanto êxito em se aproximar e até mesmo presenciar rodas de uso de drogas injetáveis.

E foi nesse projeto que tive a oportunidade de me inserir. Em Janeiro do ano de 2001, a convite de Fernando Henn, hoje pastor da IECLB e que na época era voluntário do ASPA, tive a oportunidade de fazer uma inserção em um dos bairros de São Leopoldo, RS.

Era uma terça-feira de muito calor no mês de Janeiro. Nessa época a maioria dos voluntários do ASPA, que eram estudantes de Teologia, estavam visitando suas

famílias - já que Janeiro é mês de férias da faculdade de Teologia. Com isso, ficavam poucas pessoas no projeto e conseqüentemente foi a oportunidade que eu tive de suprir algumas dessas ausências e de fazer algumas visitas pelo projeto Redução de Danos.

Josias havia sido comunicado com antecedência de que, juntamente com Fernando Henn, iria um outro rapaz na semana seguinte. Falava-se muito de Josias dentro do projeto, porque ele era uma pessoa soropositiva que havia se infectado com HIV nas rodas de uso de drogas injetáveis sem proteção.

Ao chegarmos ao apartamento de Josias, deparei-me com um rapaz de aproximadamente 40 anos, alto, magro, com barbas e cabelos compridos. Achei-o semelhante à imagem europeizada de Jesus Cristo. Josias ao abrir a porta nos cumprimentou e a primeira reação que teve depois de apertar minha mão, foi nos convidar para entrar, encher um copo com vinho rosê suave, tomar e me oferecer o mesmo copo no qual ele havia bebido, esperando a minha reação.

Percebi seu espanto e ao mesmo tempo a sua paz, quando sem hesitar peguei o copo da mão dele e tomei do vinho. Lembro como se fosse hoje a reação de Josias ao perceber que tomei do mesmo copo que ele, por ser uma pessoa soropositiva. A partir desse encontro nos tornamos muito próximos, sendo que o acompanhei durante os 11 anos em que atuei como redutor de danos.

Essa proximidade permitia que a mãe dele ligasse para o meu número de celular à noite, quando houve necessidade de interná-lo com urgência, ao sentir pontadas no pulmão. Proximidade essa, que ele confiava desabafar e contar seus sonhos para mim. Josias era uma pessoa sonhadora e muito inteligente. Quando consumia drogas em seu apartamento, produzia escritos e desenhava como poucos.

Lembro-me de várias inserções que fazíamos no seu apartamento quando ele também passou a fazer o uso de crack – se utilizando da própria cinza que restava do uso, para desenhar. Ficava impressionado com a arte de Josias – expressava sua arte, com a cinza que restava do uso da “pedra”, nome dado ao crack.

O ato de Josias, um rapaz que já convivía há aproximadamente vinte anos com HIV/Aids, me pareceu um “desafio” a participar da comunhão de mesa com ele.

Essa experiência de “compartilhar” do mesmo copo de vinho com uma pessoa soropositiva traz dois elementos pertinentes e merecedores de atenção: A importância do “compartilhar” para a pessoa que está na condição de soropositiva; e a importância do “compartilhar” para a pessoa que não é soropositiva, mas que compartilha do mesmo “copo/cálice”.

Quando pensamos na importância do “compartilhar” para a pessoa que está na condição de soropositiva, essa experiência aponta para a relação conflituosa que a sociedade estabelece com as pessoas que vivem com HIV/Aids, deixando-as praticamente à margem de tudo que significa viver.

E logo, surgem algumas inquietações. Por exemplo, podemos nos questionar se desde que essa pessoa se assumiu portadora de HIV, houve momentos em que ela pode compartilhar do mesmo copo/mesa com as demais pessoas. Outra inquietação seria pensar na possibilidade de espera dessa pessoa por um momento desses, no qual, ela pudesse tranquilamente falar da sua vida e sua doença, sem ser julgada. E por fim, o que mais intranquiliza é pensar na possibilidade dessa pessoa não se sentir acolhida na comunidade religiosa, na qual, ela sempre esteve inserida, através do Batismo.

Por conseguinte, quando pensamos na experiência do “compartilhar” para a pessoa que não é soropositiva, devemos estar atentos para outro elemento muito importante e que merece ser tratado com carinho pelas mais diferentes instituições, sejam elas religiosas ou laicas. Esse elemento é a informação sobre o tema da Aids. Pois, se naquele momento da experiência não houvesse tido a informação correta de que o vírus do HIV não é transmitido através de um copo com vinho - Josias poderia ter tido mais um dia de rejeição como tantos outros que estava acostumado, depois que se descobriu com HIV/Aids.

Ao relatar a experiência com Josias penso na práxis de Jesus Cristo frente ao tema da comunhão de mesa. Para mim, foi o convite e a participação mais importante e verdadeira de uma “comunhão de mesa” da qual fiz parte. Pois, pude compartilhar o mesmo copo de vinho com uma pessoa que vive com Aids. Esse é o verdadeiro sentido da mesa proposta por Jesus Cristo. Uma mesa que acolhe a todos/as, uma mesa que conforta a todos/as e não somente a um determinado grupo de “escolhidos/as”.

3.2 A comunhão de mesa de Jesus Cristo não tem exclusão: um olhar para com o cuidado e o respeito à dignidade humana

Ao afirmar que “o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10.45), Jesus está assumindo o “servir” (diakonein) como marca de sua missão neste mundo. Essa marca, porém, tem uma definição ainda mais específica, quando Jesus escolhe o “servir à mesa” como expressão do seu modo de ser: “Qual é maior: quem está à mesa deixando-se servir, ou quem serve à mesa? Porventura não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve à mesa (Lc 22.27). (Gaede, 2010, p. 306).

A experiência de comunhão de mesa vivida com Josias só foi possível dada a proposta do Projeto Redução de Danos. Proposta essa que, desde seu início na cidade de Santos, São Paulo, e depois no restante do Brasil – foi “ir ao encontro”, “de servir” as pessoas usuárias de drogas injetáveis, para que não houvesse contágio maior com HIV/Aids nas rodas de uso sem proteção.

Como salientado no primeiro capítulo dessa pesquisa, a redução de danos conseguiu ter muito mais êxito no acesso às pessoas usuárias de drogas, do que propriamente as políticas antidrogas no Brasil. Isso aconteceu porque ela propõe não somente o acesso, e sim, o vínculo com as pessoas acessadas.

Além da proposta de Redução de Danos, devemos enaltecer principalmente as pessoas que se dedicavam a lutar por essa ideologia. Pois elas, da mesma forma que a proposta de Redução de Danos, também foram estigmatizadas. Ora, ouvia-se nas comunidades onde os redutores de danos atuavam, que se alguém lutasse pelos direitos de uma pessoa usuária de drogas, essa também era usuária. Se a pessoa se dedicasse a causa da Aids, essa pessoa também tinha Aids.

Ou seja, os redutores de danos sempre foram muito corajosos, humanos e principalmente solidários. Pessoas que se propunham a levar o cuidado as diferentes populações estigmatizadas que viviam em extrema vulnerabilidade social, independente das reações de discriminação que sofriam por parte da sociedade “normativa”.

Além do redutor de danos, ter “o cuidado” como o tema central da sua incansável luta – também tornava a população acessada, cuidadoras de si mesmas, ou seja, protagonistas da sua própria história. Vemos o que destaca Eduardo

Henrique Passos em sua obra, “Redução de Danos e saúde pública: construções alternativas a política global de ‘guerra às drogas’”:

Não podemos esquecer e certamente isto é o mais essencial, que a RD é um método construído pelos próprios usuários de drogas e que restitui, na contemporaneidade, um cuidado de si subversivo às regras de conduta coercitivas. Os usuários de drogas são corresponsáveis pela produção de saúde à medida que tomam para si a tarefa de cuidado. Reduzir danos é, portanto, ampliar as ofertas de cuidado dentro de um cenário democrático e participativo. (Passos, 2011, p. 161).

Dada a possibilidade das pessoas acessadas pela Redução de Danos serem potencializadas em sua estima e no seu protagonismo, é que muitas vezes se estabelece o vínculo. Vínculo que torna possível a aproximação de redutores de danos às pessoas estigmatizadas no meio em que vivem e/ou convivem.

Nesse sentido, as pessoas soropositivas por muitas vezes encontram na proposta de RD - além de um momento para poderem assumir sua situação de soropositivas, a solidariedade, o amor e o cuidado. Nessa perspectiva, na busca de confiança/vínculo com os redutores de danos, as pessoas soropositivas muitas vezes desafiam os/as redutores/as a partir de situações do cotidiano.

Desafios esses que perpassam desde um simples abraço até o compartilhar do mesmo chimarrão ou “copo de vinho”, relatado na cena no início desse capítulo. Dada a dificuldade das pessoas com HIV/Aids de se relacionarem socialmente, após se assumirem soropositivas no meio em que vivem – é que surgem esses “desafios”, muitas vezes, com o propósito de encontrar alguém que confirme o discurso com a prática, quando o tema é “não ter preconceito”.

Josias, como tantas pessoas portadoras do vírus HIV, sente diariamente a dificuldade de se relacionar no meio em que vive e/ou convive. Seja nas reuniões de condomínio, nas ruas, na associação do bairro e até mesmo na Igreja que sua mãe e ele sempre frequentaram. Pois, após se assumir soropositivo, foi ignorantemente estigmatizado. E todos os locais que lhe eram confortáveis, passaram a ser desconfortáveis após se assumir com Aids.

Mas qual a razão das comunidades religiosas terem tanta dificuldade em lidar com o tema da Aids? Por que uma pessoa que sempre foi muito ativa em determinada comunidade religiosa, ao se descobrir e assumir com Aids, simplesmente é excluída? Essas questões fazem a Redução de Danos dialogar a

partir da “comunhão de mesa” proposta por Josias. Nessa proposta, ele questiona e desafia as muitas comunhões de mesas contemporâneas, as quais, na prática distorcem a inclusão de Jesus.

Segundo Rodolfo Gaede Neto, “a mesa de comunhão” de Jesus tem o seguinte significado:

Jesus percebeu como a mesa está no centro da vida e das relações humanas. Aliás, não só desta vida, mas também no reino vindouro: Jesus compara o reino dos céus com um banquete (Mt 22.1-14). Se a comunhão de mesa pode prefigurar o reino de Deus, então vale a pena colocar-se a seu serviço. É o que Jesus faz. Ele realiza muitas ceias comunitárias no dia a dia do seu ministério. Jesus de fato realizou um constante serviço de mesa, mais do que a gente normalmente supõe, com pessoas pobres, doentes, deficientes, oprimidas, pecadoras...(Gaede, 2010, p. 307).

Após essa experiência com Josias, onde ele toma o vinho e alcança o seu próprio copo na expectativa de uma reação – pode estar evidenciando algo muito preocupante sobre as comunidades religiosas contemporâneas. Faz-nos pensar e questionar, até que ponto as comunidades da IECLB e outras comunidades religiosas, estão preparadas para acolher as pessoas que se assumem soropositivas. Coloca em questionamento a dimensão da palavra compartilhar dentro das comunidades. E principalmente, inquieta as mesas de comunhão contemporâneas.

Essa questão intriga e traz a fala do pastor Marcos Augusto Armange, na entrevista concedida para o segundo capítulo dessa pesquisa. Armange, pastor na cidade de Paverama, um pequeno município do Rio Grande do Sul – diz o seguinte:

Aqui é uma cidade pequena, que tá muito presente essa questão do estigma, que tá muito presente essa questão dos rótulos. Então, por exemplo, aqui na minha comunidade, esse membro que era muito ativo quando se descobriu com HIV/Aids ele se retirou do convívio. Por que? Porque ele sabe, ele entendeu que se alguém soubesse aqui, ele sofreria preconceito. Então, pra evitar esse tipo de situação ele se retira. Se imagina uma pessoa dessas vindo, se é do conhecimento público vim partilhar a santa ceia por exemplo, isso ia ser uma questão bastante difícil pra todas as pessoas da comunidade...” (Armange, 2012, p.05).

A fala do pastor Armange, demonstra claramente esse conflito dentro das comunidades religiosas. E nos faz questionar, até que ponto os/as pastores/as e/ou os padres estão conseguindo lidar com a comunhão de mesa nas suas comunidades.

Com o relato do pastor Armange, podemos entender porque muitas pessoas que se descobrem com Aids, ou até mesmo que se prostituem, ou são usuárias de

alguma droga e/ou ainda assumem determinada orientação sexual abandonam as Igrejas. Simplesmente pelo fato de não se sentirem acolhidas. Não seriam essas as pessoas que segundo a “Mesa/Reino” de Deus estariam todas incluídas na comunhão de mesa do Senhor?

A principal marca da comensalidade de Jesus de Nazaré é a abertura. Não há seleção dos convidados. O convite é para todas as pessoas. Todas as pessoas são bem-vindas e acolhidas incondicionalmente. É a prefiguração do banquete do reino de Deus (Mt 8.11; Mt 22.1-14). (Gaede, 2010, p. 316).

Por mais que o pastor Armange tenha ciência dessa dificuldade na sua comunidade e por mais que ele esteja lidando com esse caso específico que relata – poderíamos questionar quantos/as pastores/as e/ou padres se ocupam com esse tema e tentam a reaproximação dessas pessoas com a comunidade, sem que haja mais danos a elas do que a própria doença.

Durante as visitas na periferia do município de São Leopoldo com o projeto Redução de Danos, ouvia muitas vezes testemunhos de mulheres viúvas e/ou divorciadas, portadoras de HIV. Testemunhos que traziam relatos dizendo ser muito comum a prática de exclusão por parte de suas amigas da comunidade. Diziam chegar muitas vezes em uma roda de chimarrão e terem negada a participação. Era comum ouvirem que para elas a água estava fria, ou que a água havia acabado.

Imaginemos para tanto, como deve ficar o imaginário dessas pessoas que sentem tão comumente a exclusão. Muitas vezes, são pessoas que já superaram tantas dificuldades com a doença, mas, ao se sentirem excluídas e estigmatizadas, podem desistir de lutar. Para essas pessoas, muitas vezes pode representar a morte em vida, ou seja, a morte social.

O exemplo da roda de chimarrão e da necessidade de Josias no convite a compartilhar do mesmo copo de vinho, nos move a trazer para a discussão e lembrar, que somos seres humanos - seres que se nutrem da relação humana e não do isolamento, como complementa Cristiane Tavares Romano em seu artigo “Tempo para se relacionar: átomo social e a saúde física e mental”:

Estudos também comprovam que a rede social de um indivíduo tem o potencial de proteger o mesmo contra doenças, de aumentar a sua sobrevivência, de ampará-lo e encaminhá-lo em situações de emergência e de dificuldades da vida, indicando possibilidades e ações, acelera a utilização de serviços de saúde e é grande fornecedora de ensinamentos, portanto de saúde. Aprofundando um pouco mais sobre estas influências, um estudo clássico de Durkheim de 1897, demonstrou que

existe maior probabilidade de indivíduos isolados socialmente de adoecerem com mais freqüência, de falecerem mais cedo ou mesmo cometerem suicídios. (Romano, 2011, p. 09).

O tema da relação humana é essencial para entendermos a importância da inclusão, para as pessoas que vivem com HIV/Aids. Essa relação é compreendida e emitida pela prática de Jesus em toda a sua vida. Segundo a obra de Rodolfo Gaede, percebe-se em Jesus uma consciente compreensão de ‘mesa’ - um lugar de serviço em favor da realização do Reino de Deus no tempo presente. Principalmente um lugar aberto, um lugar de relações humanas, que acolhe todas as pessoas, sem exigência de condições prévias, para saciar a fome de pão e a sede de comunhão. (Gaede, 2010, p. 307).

Um espaço aberto especialmente para as pessoas para as quais o acesso ao pão e à comunhão estão muitas vezes bloqueados: pessoas em situação ou moradoras de rua, pobres, pessoas com deficiência, portadoras de HIV/Aids, pessoas usuárias de drogas, pessoas que são discriminadas por causa de sua identidade étnica, cultural, religiosa, sexual e até mesmo etária. (Gaede, 2010, pg. 311).

Josias era uma pessoa simples, e tinha pouca relação com teologia – porém, através de um gesto onde a intencionalidade era unicamente não se sentir mais uma vez rejeitado, propõe uma cena instigante e desafiadora a todas as instituições religiosas que se dizem cristãs. Ele quer participar da comunhão de mesa proposta por Jesus Cristo. Ele quer se relacionar com as demais pessoas, quer se sentir amado, cuidado e principalmente incluído na comunidade religiosa da qual ele faz parte. Ou seja, ele dá sinal da verdadeira comunhão de mesa.

Josias faz isso através da proposta de Redução de Danos, proposta essa, que vai e se solidariza com as pessoas portadoras de HIV/Aids. Pessoas, que devido ao estigma, se isolam e muitas vezes desistem dos seus direitos de cidadão. Direitos assegurados no Artigo I, da Declaração Universal dos Direitos Humanos e que a Redução de Danos sempre evidenciou.³

Sim, somos todos/as seres humanos livres e iguais em dignidade e direitos. Onde está a dignidade da pessoa soropositiva, que abandona a Igreja, por se

³ Wikipédia. Direitos Humanos. **Artigo I dos Direitos Humanos**. Portal dos Direitos Humanos, 2012. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos>. Acesso em: 10/11/2012 às 12:50 hs.

descobrir soropositiva? Qual o papel das Igrejas, senão zelar pela promoção da vida das pessoas soropositivas? Deus entregou seu próprio filho, Jesus Cristo para a remissão dos nossos pecados – e o que os templos cristãos e/ou as comunidades religiosas estão comungando na mesa do Senhor? Como os/as pastores/as das comunidades cristãs contemporâneas estão promovendo as mesas de comunhão? São inclusivas como o modelo de Jesus? Vejamos:

A principal marca da comensalidade de Jesus de Nazaré é a abertura. Não há seleção dos convidados. O convite é para todas as pessoas. Todas as pessoas são bem-vindas e acolhidas incondicionalmente. É a prefiguração do banquete do reino de Deus (Mt 8.11; Mt 22.1-14) (Gaede, 2010, p. 316).

Ou as comunhões de mesas são exclusivas, como as comunhões de mesa de Herodes?

Na época de Jesus, a função de “pastor” estava nas mãos de Herodes. O texto mostra que ele não está cumprindo o seu papel de cuidar do bem-estar do povo. Apenas uma elite usufrui dos benefícios de seu governo, grupo com quem se reúne em banquetes fechados, no palácio, lugar em que inclusive se trama a morte de líderes do povo, como foi o caso de João Batista (Mc 6.14-29). Seus banquetes são banquetes da morte, também porque o povo da Palestina da época morre de fome em consequência da má distribuição das riquezas. (Gaede, 2010, p. 314).

As nossas comunidades religiosas precisam estar atentas para não caírem na possibilidade de promoverem comunhões de morte/exclusivas. Precisam promover comunhões de mesa que acolham e dignifiquem todas as pessoas sem exceção.

A proposta de Redução de Danos surge como uma possibilidade de apontar para as injustiças e as desigualdades dentro da sociedade. Surge como uma das possibilidades de denúncia do descumprimento dos direitos humanos. Emerge do grito de pessoas que são estigmatizadas dia-a-dia nas nossas comunidades religiosas. E convida principalmente a Igreja a se fazer Igreja a partir do serviço de Jesus.

Da mesma forma que a Redução de Danos se propõe a acessar pessoas estigmatizadas como Josias, essas encontram na Redução de Danos a possibilidade de reencontro com os seus direitos e a reconstrução da sua dignidade humana.

A Redução de Danos também, muitas vezes, é a porta voz de denúncias. Denúncias como o exemplo de Josias, que ao convidar um redutor de danos para compartilhar do mesmo copo de vinho – denuncia a falta de cuidado da sua Igreja para com as pessoas que vivem com Aids. Denuncia as comunhões de mesa que na sua grande maioria discriminam e promovem a exclusão.

Para isso, Rodolfo Gaede Neto afirma que:

... fazer diaconia no espírito do ministério de Jesus representa grande responsabilidade e desafios de grande alcance. Representa para a igreja o esforço de construir mesas de reconciliação. (Gaede, 2010, p. 317).

Essas mesas de reconciliação representam para as nossas instituições religiosas contemporâneas a possibilidade de promoverem uma diaconia no serviço de Jesus. Onde as comunhões de mesa denunciadas por Josias através da Redução de Danos, possam significar espaços de solidariedade, de respeito, de promoção da vida e principalmente de dignidade.

3.3 Redução de Danos como perspectiva teológica e pastoral no âmbito da epidemia de HIV/Aids

Diante da epidemia de HIV/Aids e das diversas estratégias e perspectivas usadas em seu enfrentamento, é possível pensar em questões teológicas e pastorais a partir do propósito da redução de danos. Pois, a redução de danos é uma proposta desafiadora a qualquer legalização ou postulação que evidencie marginalização e/ou estigmas na sociedade. É uma proposta que contrariou/ia as políticas de repressão às drogas, como também, contrariou/a as políticas públicas que possibilitam toda e qualquer forma de banalização dos direitos humanos – principalmente, relacionadas ao HIV/Aids.

A Redução de Danos firmou-se no Brasil como uma política de saúde pública, que tem como prioridade a dignidade das pessoas, ao contrário das “políticas higienistas”⁴ até então estabelecidas. Políticas essas, que se ocupavam/am muito

⁴ “O modelo higienista/sexista “discurso que, a partir do século XVIII, patologizou a sexualidade humana, estabelecendo enquanto “norma” o modelo heterossexual, monogâmico, com o sexo voltado para a reprodução. Esse modelo compulsório favorece o surgimento da homofobia que discrimina, restringe, gera injustiça, desigualdade e sofrimento em pessoas”. TONIETTE, Marcelo

mais na discussão sobre “a transgressão’, ‘a culpa’, ‘o pecado’, ‘a promiscuidade’, do que propriamente na discussão sobre vulnerabilidade social e nas condições humanas das pessoas usuárias de drogas e portadoras do vírus HIV.

A Redução de Danos, ao acessar uma pessoa usuária de drogas e/ou uma pessoa com Aids, consegue manter o vínculo a partir da premissa do acolhimento, do ouvir, do não julgar e principalmente trabalhar com as pessoas acessadas a partir da sua realidade.

Assim, a proposta de Redução de Danos surge como uma possibilidade de apontar para as injustiças e as desigualdades dentro da sociedade. E junto com as Teologias/Igrejas, convida a denunciar o descumprimento dos direitos humanos. A Redução de Danos convida a Igreja a se fazer Igreja a partir do serviço de Jesus.

Jesus em seu serviço, sempre apontou e denunciou as injustiças, as desigualdades sociais e as diferentes formas de banalização dos direitos humanos. Na propagação de seu Ministério e na edificação do Reino de Deus - anunciou e praticou as Comunhões de Mesas abertas e inclusivas.

Se a comunhão de mesa pode prefigurar o reino de Deus, então vale a pena colocar-se a seu serviço. Jesus realizou um constante serviço de mesa, mais do que a gente normalmente supõe, com pessoas pobres, doentes, deficientes, oprimidas, pecadoras... (Gaede, 2010, p. 307).

Rodolfo Gaede identifica a mesa de comunhão como um dos principais temas do Evangelho de Jesus Cristo. Jesus entende a comunhão de mesa como a possibilidade do fim das injustiças por ele denunciadas. Pois, nas comunhões de mesa, temos o momento da partilha, da união, da comunidade, da fraternidade, da igualdade, do perdão e principalmente de inclusão na vivência da fé. Esta é a principal evidência do ministério de Jesus Cristo, um Reino inclusivo.

Nas mesas de comunhão de Jesus, que não tiverem os elementos de partilha e a, inclusão na vivência da fé - passam a ser mesas de comunhão que protagonizam a morte, a exclusão. Mesas de morte, tal qual, as mesas propostas por Herodes (Mc 6.14-29), pastor no tempo de Jesus. Este comungava em suas mesas – os elementos da individualidade, da mentira, das traições, das injustiças, dos estigmas e principalmente elementos que feriam os direitos humanos.

Se atentarmos para o compromisso da redução de danos e o ministério de Jesus, perceberemos grande semelhança. Pois, a redução de danos que surge com o advento da Aids no Brasil, vem com o propósito de denunciar toda e qualquer forma de discriminação que fere os direitos humanos das pessoas soropositivas e das populações que sofrem por qualquer outro estigma. Jesus em seu ministério denunciou a discriminação, se colocou com os enfermos do seu tempo e principalmente acolheu a todos/as.

Mesmo sabendo que o Reino de Deus, o qual, Jesus através do seu ministério tanto edificou, tem a inclusão e a abertura como princípios fundamentais. Mesmo sabendo que Jesus praticava esses princípios em suas mesas de comunhão, onde somente não participava quem delas se excluía (Gaede, 2010, pg. 310) - a Redução de Danos questiona algumas comunhões de mesas contemporâneas e sugere as comunidades cristãs a fazerem uma releitura do seu compromisso para com o Reino de Deus.

Essa pesquisa já evidenciou anteriormente que um dos sinais reais mais importantes do ministério de Cristo, se perpetua através da comunhão de mesa. O momento eucarístico evidencia a fé de uma comunidade cristã. E essa vivência de fé em Cristo, é parte fundamental do Reino de Deus. Porém, a redução de danos vem com propriedade, denunciar – da mesma forma que Jesus fazia no seu tempo, a existência de mesas de comunhão excludentes.

Contextualizando essas mesas de comunhão excludentes, podemos nos reportar a experiência vivenciada com Josias. Josias que, ao se assumir soropositivo, sente-se excluído da convivência de fé de sua comunidade cristã de origem. Sente-se excluído e estigmatizado pela própria igreja que o batizou, que lhe “ensinou” o evangelho, que mostrou a ele o significado do Reino de Deus. Um Reino, ao qual, todos/as são integrados em Cristo após o batismo, pobres e ricos, negros/as e brancos/as, mulheres e homens, pessoas usuárias de drogas, prostitutas e pessoas enfermas/Aids.

Para tanto, Josias percebe na proposta acolhedora da redução de danos a possibilidade de sentir e “reviver” os sinais de fé, que ele testemunhava na sua igreja antes de se assumir soropositivo. Um gesto tão simples, de “compartilhar do mesmo

copo de vinho com uma pessoa soropositiva”, traz para o contexto das igrejas e demais comunidades religiosas a denúncia da exclusão e o desafio da inclusão.

Talvez algumas igrejas devessem, para essa sugestão de uma possível “releitura” sobre o significado de Reino de Deus, primeiramente entender qual era/é o verdadeiro propósito de Jesus. Entender para quem eram as mesas de comunhão propostas por Ele. E nessa releitura para algumas igrejas, a redução de danos se vale da perspectiva de Sven-Erik Brodd, que em seu artigo descreve o seguinte:

Segundo o Novo Testamento, a fé é uma prática refletida, realizada em comunhão entre aqueles que, pelo Batismo, foram incorporados ao corpo de Cristo (1Co 12.13), nascidos de novo no povo de Deus (Tt 3.5ss). Essa comunhão, descrita de diversas maneiras, tem caráter pactual e eucarístico, instituída por Cristo na Eucaristia, a nova aliança em seu sangue (1Co 11.25; Lc 22.20). Assim, a pessoa cristã, ou a prática cristã, ou a doutrina cristã, não pode ser entendida ou empregada sem a igreja, que é o corpo de Cristo em que o cristão é um membro, o povo de Deus em que ele ou ela está sujeito a Cristo, etc. Sendo assim, a igreja não pode ser separada de Cristo e Cristo não pode ser dissociado da igreja, pelo menos não segundo o Novo Testamento. Considerando que todas as descrições positivas e normativas de um cristão na Bíblia se referem à vida em comunhão “em Cristo” (Jo 15.4s; Rm 12.5; 2Co 5.17; At 17.28), nenhum cristão pode viver isolado da vida na igreja. (Brodd, 2010, p. 82).

Sven-Erik Brodd afirma ser a fé, uma prática refletida e vivenciada em comunhão, entre aqueles que foram incorporados ao corpo de Cristo, pelo batismo. Por conseguinte, a pessoa cristã não tem sentido sem a Igreja que é o corpo de Cristo. Logo, a Igreja não pode ser separada de Cristo e Cristo não pode ser separado da Igreja.

Sven-Erik Brodd denuncia a hipocrisia dentre as muitas igrejas contemporâneas. Ele afirma que o discurso precisa estar condizente com a prática das igrejas. Refere-se a esse tema, quando a igreja menciona ser somente o modelo de Jesus Cristo.

Assim, o que a igreja ensina precisa ser relacionado com sua prática. E isso pode ser generalizado: todas as igrejas ensinam que a igreja é o corpo de Cristo. Se você analisar a prática dentro dessas igrejas, encontrará outros modelos de ser igreja que são incompatíveis com o modelo de corpo de Cristo, por exemplo, modelos baseados em consumismo e tribalismo, submissão das mulheres e abuso de crianças, ou estigmatização de pobres e doentes. (Brodd, 2010, p. 91).

Portanto, uma igreja verdadeira é uma igreja que serve (diaconia), como Jesus e como a redução de danos que se coloca para todos/as, sem exclusão.

O tema da inclusão foi para Jesus e o é para a igreja Cristã contemporânea o grande desafio da vida em comunhão. Para isso, alguns teólogos como Leonardo Boff, propõe o tema do cuidado como um dos grandes elementos ou elos que podem ajudar as igrejas a se fazerem igrejas no serviço de Jesus. (Gaede, 2010, p.307).

Rodolfo Gaede, na obra, “Banquetes de Vida”, sugere que as igrejas sejam espaços para a realização de mesas de reconciliação, nas quais não haveria tantos abismos sociais, políticos, econômicos e até mesmo, religiosos. Mesas de reconciliação/inclusivas que tenham o cuidado como a premissa fundamental.

Leonardo Boff, ao pensar um “ethos mundial” a partir dos pobres, menciona o teólogo, filósofo e historiador, Henrique Dussel. Este, afirma que só será possível se atingir a inclusão e a universalidade de um ethos mundial, se houver uma postura ética que parta dos últimos/excluídos, daqueles que tem seu ser negado. Somente partindo dessa parte maior (os excluídos), que esse ethos poderá se abrir e incluir a todos/as.

Leonardo Boff registra a dura crítica de Dussel sobre os pensadores/formuladores do ethos mundial, afirmando que desconhecem a sociedade, a periferia e, portanto, são fomentadores de exclusão e são produtores permanentes de vítimas (Boff, 2010, p. 04):

Nesse sentido, os marginalizados e mais ainda os excluídos são portadores de um privilégio epistemológico. A partir deles, se pode fazer um juízo ético-crítico sobre todos os sistemas de poder dominantes. O excluído grita. Seu grito denuncia que o sistema social e ético está falho, é injusto e deve ser transformado. A ética, pois, deve partir do outro, não do outro simplesmente, mas do outro mais outro que é o pobre e o excluído, o negro e o indígena, a mulher oprimida, o discriminado pelos mais variados preconceitos. Esse pobre representa mais que uma categoria econômica, constitui uma grandeza antropológica; ele tem um rosto. O rosto do pobre se desvela irreduzível e provocador. Ele grita: “socorro”; estende a mão e suplica: “tenho fome, dá-me de comer”. Escutar a voz do outro, é mostrar consciência ética. (Boff, 2010, p. 04).

Esse grito, essa denúncia de Leonardo Boff sobre os/as excluídos/as - “tenho fome, dá-me de comer” - bem como, a proposta de Rodolfo Gaede manifesta na idéia de igrejas proporem “mesas de reconciliação” - são os mesmos manifestos expressados pela Redução de Danos, quando se sugere o cuidado como premissa. Cuidado para não excluir, cuidado para não estigmatizar, cuidado para respeitar os direitos humanos, cuidado para a promoção da vida.

Cuidados clamados por Josias. Uma pessoa carente do cuidado das instituições públicas (saúde, social e de segurança), uma pessoa carente da comunhão e da fé em Cristo e principalmente carente de cuidados da Igreja. A redução de danos acredita e sugere que muitas igrejas precisam ter primeiramente o cuidado consigo mesmas, para depois cuidarem das pessoas soropositivas e vulneráveis socialmente. As igrejas precisam primeiramente detectar se estão ou não doentes, para depois cuidarem das pessoas doentes.

Na perspectiva da Igreja como a comunhão de todos aqueles que são incorporados no corpo de Cristo pela fé e pelo Batismo, que vivem na nova Aliança em seu sangue ao compartilhar do mesmo cálice eucarístico, a idéia de que toda a comunidade cristã está infectada se um de seus membros estiver é eclesiológicamente inevitável (Brodd, 2010, p. 94).

A obra de Sven Brodd Erickson traz o debate de uma Igreja que possivelmente esteja doente. Ora, se a igreja não pode estar/ser sem Cristo e se somos todos/as incorporados ao corpo de Cristo através do Batismo, então somos todos/as corpo de Cristo/Igreja. E se um de seus membros está doente com Aids, possivelmente o corpo todo de Cristo/Igreja esteja doente.

Para isso, é inevitável que a Igreja cuide de seu “Corpo”, o corpo de Cristo (todos/as pessoas batizadas). Um cuidado que vai desde a prevenção até o cuidado que envolve o tratamento. Não há como separar as igrejas das pessoas que professam a sua fé nelas. Uma Igreja verdadeira é uma Igreja compatível com a realidade.

A mensagem oficial das igrejas não pode contradizer o que as pessoas estão vendo na vida de fato das igrejas. A Igreja empírica, a Igreja como uma realidade social, não pode ser separada da Igreja como uma realidade espiritual (Brodd, 2010, p. 101).

Para tanto, a Eucaristia tem um aspecto muito importante para todas as pessoas que professam a sua fé. Vê-se na Eucaristia o momento mais visível para o dom da cura. Sendo a Igreja vocacionada para protagonizar essa cura, em todas as suas dimensões – não se pode admitir que pessoas soropositivas vão buscar esse momento de cura na Eucaristia das igrejas e saem das mesmas mais doentes do que estavam. A Igreja precisa corresponder aos anseios dos seus membros, se perpetuando numa Igreja no serviço de Jesus.

E nessa compreensão, na co-responsabilidade das igrejas em manterem o Corpo de Cristo saudável – de manterem a Eucaristia como um momento de cura,

de vida, a Redução de Danos propõe perspectivas de cuidados para com as pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids. E sugere que da mesma forma esse deve ser o papel da igreja. Estar com as pessoas lá onde elas estão e a partir das suas realidades, buscar construir com elas alternativas para suas vidas.

3.4 Redução de Danos e Teologia novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia de HIV/Aids

A Redução de Danos, sempre esteve à disposição para compartilhar da experiência das pessoas da maneira mais profunda, respeitando a dignidade inerente a cada ser humano e procurando construir possibilidades de vida autêntica a partir de sua realidade. Da mesma forma, propõe para a Teologia/Igrejas – trocar experiências no campo das idéias e principalmente, a partir da prática das comunidades cristãs.

A Aids surge na década de 1980 e com ela surgem também dificuldades que denunciam algumas fragilidades das igrejas contemporâneas frente a esse tema e a outros temas que perpassam a discussão sobre a Aids. Para tanto, a Redução de Danos sugere algumas alternativas/possibilidades de cuidados práticos, usadas por ela como política pública inclusiva no campo da epidemia da Aids. A seguir, algumas propostas:

► Currículos acadêmicos que contemplem o tema da Aids: a importância de se conhecer o tema da Aids se faz relevante para que a Igreja possa sugerir uma Teologia da Aids. Os/as obreiros/as estão muitas vezes vulneráveis ao tema da Aids e a outros temas transversais que perpassam a doença.

Assim, precisam se instrumentalizar quanto a esse tema e entender que a Aids é uma realidade das nossas Igrejas. E que muitas vezes, o fato de não haver alguém que se assumiu soropositivo na Igreja, pode estar muito mais atrelado a possibilidade de não haver abertura dos/as pastores/as, do que propriamente na inexistência de casos. Esse é o exemplo de Josias, que no momento em que não se sentiu acolhido nas comunhões de mesa da sua igreja, se afastou e conseqüentemente se tornou invisível aos olhos da mesma.

► O segundo cuidado relevante que a Redução de Danos pode propor para a Teologia/Igreja frente ao tema da Aids, é a promoção de uma educação permanente. Centrada na informação simples e direta. Uma informação/educação até mesma, voltada para uma educação sexual nas igrejas locais. Parece ter havido por parte das instituições religiosas, grande dificuldade em abordar o tema da sexualidade humana. O tabu é a consequência explícita de uma informação equivocada. Essa por sua vez, pode causar grandes danos à vida das pessoas.

A educação na igreja local faz parte integrante da edificação da igreja, sua oikodomia. Alguns reformadores do século XVI, inclusive definiram a igreja como escola. Portanto isso é eclesiologicamente importante. A informação não é teologicamente neutra nem inocente e a impressão que se tem hoje é que os cristãos em muitos lugares no mundo foram inadequadamente informados também na perspectiva eclesiológica. A sexualidade desinformada pode se tornar autodestrutiva, não apenas para o indivíduo, mas também para a Igreja (Brodd, 2010, p.100).

Essa perspectiva evidenciada por Sven Brodd remete-nos a pensar em quantas pessoas diariamente que vivem com HIV/Aids estão mortas socialmente. Quantas pessoas com HIV/Aids são invisibilizadas constantemente pela falta de informação ou a informação equivocada. Este é, sem dúvida, um dos grandes desafios para a Igreja contemporânea que conhece sua realidade e se compromete no serviço de Jesus Cristo.

A informação correta é um dos dados que propõe a comunhão de mesa sem exclusão. Ora, imaginemos a cena com Josias – caso não houvesse a informação correta de que a Aids não se transmite via um copo com vinho ou qualquer outra bebida – muito provavelmente Josias teria se sentido mais uma vez rejeitado e excluído da possibilidade de compartilhar a comunhão com outra pessoa. Afinal, somos seres sociais e precisamos nos relacionar. A cena da roda de chimarrão, enfatizada anteriormente – nos evidencia uma “chacina social”. Pessoas são minimizadas introspectivamente em razão de informações equivocadas.

► Outro cuidado a ser proposto está na atenção da igreja para com a recuperação da dignidade das pessoas que vivem com Aids. A redução de danos chama para um olhar crítico e cuidadoso da realidade, seja das igrejas, seja da realidade social na qual elas estão inseridas. O/a obreiro/a precisa desenvolver com a sua comunidade, um olhar crítico e cuidador sobre uma sociedade que muitas vezes oprime e exclui.

Estabelecendo esse olhar crítico com a sua igreja, o/a obreiro/a estará propondo mais cuidados para quem sofre com a vulnerabilidade. As pessoas serão exercitadas a saírem da atitude “blasé” (atitude que vê por exemplo, uma criança com HIV mendigando na rua e essa cena já não faz diferença para a sociedade e/ou para o coração das pessoas).

Então a igreja tem esses aspectos muito importantes para lidar e para cuidar, não só das pessoas que estão na situação limite, mas também para aquelas pessoas que perderam o olhar cuidador e o olhar crítico pra uma sociedade que oprime, para um sociedade que exclui, pra uma sociedade que mata crianças pela fome. Isso é reduzir danos também, nesse sentido o conceito de redução de danos, olha ele é uma idéia, extraordinária para o trabalho da igreja. (Armange, 2012, p. 06).

► Cuidado incondicional: esse cuidado que a Igreja pode propor para as pessoas que vivem com HIV/Aids está na possibilidade de oferecer cuidados a partir de um olhar e de uma escuta acolhedora. Ou seja, propor cuidados à saúde das pessoas soropositivas, sem questioná-las do porque e como se contaminaram com HIV. As pessoas precisam perceber que as mudanças e as atitudes que possam lhes assegurar mais qualidade de vida e dignidade humana irão partir das suas convicções e não das convicções do/a pastor/a.

Então, fundamento para a prática do cuidado na igreja é quando você chega ou quando você está diante de uma situação onde exige cuidado você pensa em cuidar e porque cuidar... não porque você quer agora que a pessoa faça o que você quer, como igreja você obrigar as pessoas a deixar de lado as suas convicções, mas ajudá-las a olharem as suas convicções com a perspectiva de cuidado. Deus faz conosco, quando ele vem e nos acolhe incondicionalmente e nos perdoa os pecados, ou seja, você errou, você pisou na bola, mas mesmo assim eu te amo. Ela é um fundamento, porque pra mim no fundamento da redução de danos está o fundamento do amor incondicional e é esse amor que Deus tem por nós né. (Oliveira, 2012, p.05 e 06).

► Cuidado a partir da proposta do “já agora e ainda não”: muitas vezes a Igreja sonha com seus ideais do Reino de Deus, de uma “terra sem males” “de uma igreja sem pecados”. Mesmo que a Igreja não consiga fazer ou propor que determinada pessoa viva plenamente o Reino de Deus, é preciso que a Igreja dê sinais do tempo presente. Possa reduzir possíveis violências relacionadas ao estigma e ao preconceito.

E no serviço de Jesus possa fazer com que ela compartilhe um dos principais sinais presentes da fé e do reino de Deus, a comunhão de mesa. Essa é a proposta

do “já agora e ainda não” – onde que a Igreja mesmo não conseguindo que a sua comunidade viva plenamente o reino de Deus, ao menos, experimente sinais de dignidade humana no tempo presente.

A gente ainda não vive aquilo que gostaria de viver, mas a gente trabalha para dar os sinais onde a gente tá presente. Então teologicamente eu coloco muito, enxergo a redução de danos é isto. Apesar de eu não conseguir que aquela vida viva plenamente o reino de Deus, que ela ainda consiga, não continue sofrendo violência, a gente consegue dar uns sinais dizendo, olha tens valor, tem que te cuidar, tu tem que te dar valor, quer dizer, convidar a pessoa a se olhar com olhar de amor por ela mesma assim.(Henn, 2012, p. 08 e 09).

Com intento de dar o desfecho a essa pesquisa que tanto se ocupou na discussão e na proposição de cuidados que edifiquem a vida das pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids nas comunidades religiosas e/ou Igrejas contemporâneas, sugere-se que nos orientamos e buscamos inspiração com as palavras de Leonardo Boff “O afeto e o cuidado a ser proposto, vibra diante da vida, protege e quer expandir a vida das pessoas com HIV/Aids.” (Boff, 1999, s/p.).

CONCLUSÃO

A Redução de Danos surgiu como uma alternativa no âmbito das políticas sobre drogas no Brasil. Assim, com a prerrogativa da inclusão, da dignidade e do protagonismo, a redução de danos vem se somar as diferentes possibilidades que promovem o cuidado. O desafio nessa pesquisa foi buscar uma possível relação entre essa estratégia, sua fundamentação teórica e a teologia e a prática pastoral.

Para tanto, num primeiro momento analisou-se o campo de discussão que as políticas higienistas (anti-drogas) faziam sobre as drogas e as pessoas usuárias de drogas, antes do surgimento das primeiras propostas de Redução de Danos no Brasil.

A partir de autores como Henrique Carneiro, Richard Burcher e Escohotado, foi possível apresentar, no decorrer da história, as diferentes interpretações sobre as drogas e das pessoas que as usavam/am, até se chegar no processo de criminalização das mesmas. Foi possível perceber o mesmo processo com as questões que envolvem a sexualidade, as questões de gênero, e principalmente o campo da presente pesquisa, HIV/Aids. Interpretações que foram ‘inventadas’, ‘construídas’ ao longo dos séculos e assimiladas pela grande maioria da sociedade.

Ficou evidenciado também o contexto no qual as propostas de Redução de Danos emergiram no Brasil, um contexto onde a medicina normatiza a pessoa usuária como doente, a segurança define como criminoso e a Igreja muitas vezes classifica como pecadora. A partir desse contexto, é possível perceber quão tênue era/é o campo de discussão que envolve as drogas e as pessoas que fazem uso delas. E como essas práticas no campo das drogas tem seus reflexos sobre outros temas, como HIV/Aids principalmente, que envolvem o ser humano e conseqüentemente desenvolvem a arte de “reduzir” todos/as a um sistema de normas.

A Redução de Danos é um modelo no qual a preocupação inicial é a aproximação com o sujeito – ou seja, na relação da droga-sujeito a preocupação é o sujeito, levando em consideração todo o universo biológico e psicosocial. Da mesma forma, ocorre na relação ao HIV/Aids-sujeito, quando a preocupação é resgatar a

dignidade e a vida social desse sujeito e não simplesmente “julgar” ou “reduzir” o sujeito a estigmas relacionados com a doença.

Dessa forma - essa pesquisa encontrou nos programas de Redução de Danos o caminho e a perspectiva de “vida em abundância” (João 10.10) para as pessoas usuárias de drogas e as pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids. Além disso, julgou-se importante, também, organizar as experiências de obreiros/as que experimentaram a prática em Redução de Danos e que hoje utilizam essa experiência em comunidades religiosas da IECLB.

Pode-se perceber, após analisar as seis questões respondidas pelos/as quatro obreiros/as, a importância da proposta da redução de danos nas suas vidas e para a atividade pastoral que desempenham em suas comunidades religiosas.

Ficou evidenciado nas respostas que a redução de danos tem como fundamento principal o cuidado com as pessoas que por uma razão ou outra são estigmatizadas na sociedade contemporânea. Também caracterizou-se que a prática pastoral está diretamente vinculada com a proposta de redução de danos, quando se tem como objetivo viver a fé nas comunidades a partir da inclusão vivida por Jesus. E, por fim, apontam para uma semelhança entre a redução de danos e a atividade pastoral, semelhança essa que se espelha, inclusive, nas “transgressões de Jesus” – pois, Jesus foi crucificado por ser inclusivo, por ter contestado uma sociedade legitimada em leis, propagadora de exclusão.

No terceiro e último capítulo, buscou-se relacionar a prática em redução de danos com os desafios colocados para igreja pela epidemia de HIV/Aids a partir da comunhão de mesa. Dessa forma, foi possível elaborar propostas de práticas de cuidado que sejam relevantes não apenas no contexto da epidemia de HIV/Aids, mas para a vida da igreja como um todo.

Para isso, foi introduzido e discutido nesse último capítulo, um exemplo de comunhão de mesa proposta a partir de uma pessoa soropositiva. Josias, através de um gesto onde a intencionalidade era unicamente não se sentir mais uma vez rejeitado, propôs uma cena instigante e desafiadora a todas as instituições religiosas que se dizem cristãs.

Ele percebe na proposta acolhedora da redução de danos a possibilidade de sentir e “reviver” os sinais de fé, que ele testemunhava na sua igreja antes de se assumir soropositivo. Um gesto tão simples, de “compartilhar do mesmo copo de vinho com uma pessoa soropositiva”, traz para o contexto das igrejas e demais comunidades religiosas a denúncia da exclusão e o desafio da inclusão.

Jesus entende a comunhão de mesa como a possibilidade do fim das injustiças por ele denunciadas. Pois, nas comunhões de mesa, temos o momento da partilha, da união, da comunidade, da fraternidade, da igualdade, do perdão e principalmente de inclusão na vivência da fé. Esta é a principal evidência do ministério de Jesus Cristo, um Reino inclusivo.

O Reino de Deus, o qual Jesus através do seu ministério apresentou, tem a inclusão e a abertura como princípios fundamentais. Ele praticava esses princípios em suas mesas de comunhão, onde somente não participava quem delas se excluía (Gaede, 2010, p. 310). A redução de danos questiona algumas comunhões de mesas contemporâneas e propõe para as comunidades cristãs uma releitura do seu compromisso para com o Reino de Deus.

Essa releitura está expressa no conceito de denúncia de Leonardo Boff, quando afirma que somente será possível um ethos mundial a partir dos/as excluídos/as, bem como na proposta de Rodolfo Gaede manifestada na idéia das Igrejas proporem “mesas de reconciliação” e por fim, Sven-Erickson Brodd que sugere uma releitura eclesiológica, onde as Igrejas devem cuidar do seu “Corpo”, o corpo de Cristo (todos/as pessoas batizadas). Não há como separar as igrejas das pessoas que professam a sua fé nelas. Uma Igreja verdadeira é uma Igreja compatível com a realidade.

Assim, a partir da experiência da redução de danos foram sugeridas algumas possíveis formas de cuidado para as que as igrejas possam cada vez mais incluir e respeitar a dignidade das pessoas que vivem com HIV/Aids nas suas comunidades de fé.

Dessa forma, afirma-se que a proposta de Redução de Danos surge como uma possibilidade de apontar para as injustiças e as desigualdades dentro da sociedade. Surge como uma das possibilidades de denúncia do desrespeito aos

direitos humanos. Emerge do grito de pessoas que são estigmatizadas dia-a-dia nas nossas comunidades religiosas. E convida principalmente a Igreja a se fazer Igreja a partir do serviço de Jesus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMANGE, Marcos Augusto. **Experiências de obreiros/as da IECLB com a prática de Redução de Danos**. In: Paverama-RS, Casa Paroquial da IECLB de Paverama, 2012. Registro da entrevista gravada para pesquisa do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Entrevista concedida a Claudio Roberto Konig.

ARMANGE, Marcos Augusto, HENN, Fernando, OLIVEIRA, Marcos Aurélio, ENGLER, Nádia Cristiane; “**Redução de Danos: uma ação diaconal**”. In: GAEDE NETO, Rodolfo, PLETSCHE, Rosane e WEGNER, Uwe (orgs.). **Práticas Diaconais: Subsídios Bíblicos**. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2004.

BARBOSA, Antonio Rafael. **Política de redução de danos no Rio de Janeiro: uma apresentação introdutória**. PPGA/UFF; pesquisador do Núcleo Fluminense de Ensino e Pesquisa NUFEP/UFF); 2005. Disponível em: <www.proppi.uff.br/ineac/curso/nufep/artigos/palestrantes/3/01.pdf> Último acesso em: 10/07/2012.

BOFF, Leonardo. **O cuidado essencial**. Informativo PACS - Publicação Trimestral do Pacs – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul; nº 2 – Dezembro 2002 / Fevereiro 2003. Disponível em: <www.pacs.org.br/.../20090107053240_printed_informativo_Ym9sZXRpblucGRm.pdf> Último acesso em: 25/06/2012.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela Terra**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar. Ética do Humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Brazil. Secretaria de Políticas de Saúde. **Manual de redução de danos**. Editora Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids; Edição 42; Secretaria de Políticas de Saúde, Edição 42 de Série Manuais; p. 114, 2001.

BRODD, Swen Erik. **Elementos Eclesiológicos para entender “Igreja” na pandemia de HIV/Aids**. Vol. 50, Nº1; ISSN 0101-3130; 2010.

BUCHER, R. **Prevenindo contra drogas e Aids – populações em situação de risco**. Ministério da Saúde. Brasília.out.1995.28p.

CARNEIRO, Henrique Soares. **Drogas – de remédio a drama social**. Revista **Nossa História**; ano 3; nº33, Ed. Vera Cruz, Julho de 2006.

Construções alternativas à política global de “**Guerra as Drogas**”. *Psicologia & Sociedade*, 23 de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.141-59.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia general de las drogas 1**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia general de las drogas 2**. Madrid: Alianza Editorial,1995.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

GAEDE Neto, Rodolfo. **Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus**. *Estudos Teológicos*, v. 50, p. 306-318, 2010.

GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Editora 34. 2000.

HENN, Fernando. **Experiências de obreiros/as da IECLB com a prática de Redução de Danos**. Cascavel-PR, Casa Paroquial da IECLB de Cascavel, 2012. Registro gravado para pesquisa do Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST. Entrevista concedida a Claudio Roberto Konig.

LABATE, Beatriz Caiuby. **Manifesto em Defesa da Redução de Danos**. Brasil, 2007. Disponível em: < <http://www.bialabate.net/news/manifesto-em-defesa-da-reducao-de-danos>> Último acesso em: 11/10/ 2012.

LOYOLA, Maria Andréa (org.). **Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.141-59.

MACRAE, Edward. **A prevenção da Aids entre usuários de drogas injetáveis**. Psicólogo social e doutor em antropologia ; pesquisador visitante da Escola Paulista de Medicina , membro do Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo,1992. Disponível em: <www.giesp.ffch.ufba.br/Textos%20Edward%20Digitalizados/10.pdf> Último acesso em 13/11/2012.

Melo, Zelia Maria. **Os estigmas: a deterioração da identidade social**. Disponível em: <www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf> Último acesso em 23/10/2012.

Ministério da Justiça do Brasil. **Programas de Redução de Danos no Brasil**. OBID - Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas; Resolução Mínima de 800x600 © Copyright 2007. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/web/artigo_cientifico/ler_artigo_cientifico.php?id_artigo_cientifico=9> Último acesso em 10/11/2012.

MOTA, Sílvia. **Princípio da Dignidade da Pessoa Humana e manipulações genéticas**. In: Enciclopédia Virtual de Bioética e Biodireito, 2007. Disponível em: <<http://www.silviamota.com.br/enciclopediabiobio/artigosbiobio/principiodignidadehumana.htm>> Último acesso em 22/10/2012.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio. **Experiências de obreiros/as da IECLB com a prática de Redução de Danos**. Joinville-SC, Casa Paroquial da IECLB, Apóstolo Paulo, 2012. Registro gravado para pesquisa do Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST. Entrevista concedida a Claudio Roberto Konig.

PASSOS, Eduardo Henrique; SOUZA, Tadeu Paula. **Redução de Danos e Saúde Pública**: p. 154-162, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a17v23n1.pdf>> Último acesso em 21/09/2012.

PESSOTTI, Isaias. **Os Nomes da Loucura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/MtVMbMFy/TEXT0_1_Pessotti_1999_-_in.html> Último acesso em 25/10/2012.

PETUCO, Denis. **DROGAS E CIDADANIA**. Uma análise comparada da implementação das políticas de Redução de Danos nas cidades de Porto Alegre e Santos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. “Particularidades e generalizações: reflexões a partir de uma pesquisa urbana entre usuários de drogas em Porto Alegre”. VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. **Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 55 – 68.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas; KNAUTH, DANIELA. **Uso de drogas e sexualidade em tempos de Aids e Redução de Danos**. Editora Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 127-145, junho de 2002.

RAMLOW, Gabrielly. **Experiências de obreiros/as da IECLB com a prática de Redução de Danos**. Rolante-RS, Rodoviária de Taquara, 2012. Registro gravado para pesquisa do Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST. Entrevista concedida a Claudio Roberto König.

REBOUÇAS, Fernando. **Estigma e Identidade Social**. In: Site Infoescola, 2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/estigma-e-identidade-social/>> Último acesso em 12/11/2012.

RESENDE, Beatriz (org.). **Cocaína. Literatura e outros companheiros de ilusão**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2006.

ROCHA, Luiz Carlos. **As drogas**. 1ª ed. São Paulo: Atica, 96 p, 1987.

ROMANO, Cristiane Tavares. **Tempo para se relacionar: átomo social e a saúde física e mental.** In: Rev. bras. psicodrama [online]. 2011, vol.19, n.1, p. 123-134. ISSN 0104-5393. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010453932011000100010&script=sci_abstract> Último acesso em 14/10/2012.

SANTOS, Loiva Maria de Boni. **Outras Palavras sobre o Cuidado de Pessoas que usam Drogas.** In: Porto Alegre: Ideograf / Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <www.crprs.org.br/upload/edicao/arquivo48.pdf> Último acesso em: 14/10/2012.

SILVA, Myltainho Severiano da, Luiz Sergio Modesto e David Molinari. **Se liga! O livro das Drogas.** Editora Record, Rio de Janeiro, 1997;

Wikipédia. Direitos Humanos. **Artigo I dos Direitos Humanos.** In: Portal dos Direitos Humanos, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos> Último acesso em 10/11/2012.

Wikipédia. **Política antidrogas.** Categoria Drogas, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_antidrogas> Último acesso em 10/10/2012.

ANEXO A

Questões abertas propostas para que os/as ministros/as compartilhem suas experiências entre Redução de Danos e a Ação Pastoral

Pastor Marcos Aurélio de Oliveira da Paróquia de Joinville – SC

1) Qual o significado de Redução de Danos para você?

É redução de danos pra mim, na época que eu comecei a fazer redução de danos enquanto estudante, ela tinha uma perspectiva de fato ligada ao uso de drogas. É, depois com a caminhada e a reflexão a partir da atuação também na redução de danos eu percebi que vai muito além disso. Redução de danos é tudo aquilo que você faz na perspectiva da edificação da vida. Cuidado com as outras pessoas. Redução de danos pra mim ela chega em qualquer momento na vida das pessoas, seja num momento em que ela já está passando por uma situação de dificuldade ou com a sua vida ameaçada ou até mesmo anteriormente numa perspectiva mais preventiva. Então, eu encontrei muito sentido e me encontrei na redução de danos encontrei eco na minha vida na redução de danos, principalmente porque ela justamente me passa essa impressão que ela vale ou tem a ver com todo o dever da pessoa, o todo do cuidado com a vida da pessoa Então se eu olho a partir da minha atuação ligada a HIV/Aids, ligada a redução de danos pensando na questão do HIV/Aids ligada ao uso de drogas na época a gente tinha assim, vamos chegar nas pessoas que já estão passando por situações complicadas a partir do uso de drogas, da falta de cuidado preventivo pensando em HIV/Aids e depois eu via que isso era muito mais, porque nós chegávamos lá e encontrávamos pessoas passando situações de necessidade por falta de emprego, de falta de alimento, de educação, enfim, uma série de faltas. Então eu percebi que a redução de danos ela tem uma perspectiva muito maior. É claro, dentro desse contexto de HIV/Aids ela tem essa perspectiva de chegar até essa pessoa que é usuária e a partir dela, a partir dessa abordagem você trabalhar a vida dela a vida de seus familiares a vida de sua comunidade. Então ela tem uma perspectiva quando você fala a partir da prevenção HIV/Aids, mas quando a gente olha para uma perspectiva maior, Redução de Danos ela, quando a gente cuida das questões de trânsito a gente tá pensando em reduzir danos na vida, quando a gente pensa em educação a gente tá pensando em reduzir danos da vida da pessoa também. Enfim, ela tem uma perspectiva muito abrangente, muito grande, quando a gente faz uma pregação num culto a gente tá pensando em reduzir danos, também, porque a gente leva as pessoas a refletir, então a redução de danos pra mim ela tem a ver com isso em ajudar

a pessoa a refletir sobre isso, sobre a sua vida e ajudar a gente sobre a nossa vida e tentar ver o que a gente tá fazendo? A gente poderia fazer diferente pra que a nossa vida fosse uma vida mais harmoniosa mais feliz, mais em paz consigo e com as outras pessoas também, tem essa perspectiva, tem um significado muito forte, muito importante se eu olho de uma maneira mais abrangente. Ela já tem um significado forte se a gente olha a partir do HIV/Aids, do uso de drogas então, se a gente olha de uma perspectiva do dia a dia, de quem não está envolvido com HIV/Aids, do uso de drogas, ela se torna muito abrangente.

2) Para você, existe relação entre Redução de Danos, direitos humanos e estigma? Em caso afirmativo como se dá essa relação?

Eu acho que existe uma relação. Eu lembro de uma fala de um redutor de danos que não é da área do pastorado, talvez conhecido por muitos de nós, Domiciano Siqueira. Uma vez ele falou, que a pessoa usuária de drogas ela tem várias situações que colocam ela em cheque quando se vai fazer redução de danos. Uma delas é que a partir do olhar da saúde é uma pessoa doente, a questão do estigma. A partir da lei ela é uma criminosa porque tá fazendo algo ilegal e a partir da igreja, do olhar religioso ela é pecadora, porque enfim, como alguém vai se assumir usuária de drogas se tem toda essa carga por trás. Então a redução de danos tem uma relação forte com direitos humanos porque a perspectiva da redução de danos é trazer a pessoa a diante dela ser usuária de drogas, ela é usuária de drogas mas antes dela ser usuária de drogas ela é uma pessoa que tem direitos mas que tem deveres também mas é uma pessoa que enquanto ela for tratada apenas como usuária de drogas, ela não vai nem aderir a proposta de redução de danos, não vai nem querer refletir porque né redução de danos pra mim tem uma relação muito forte com a questão dos direitos humanos porque pensa também na pessoa e não só em combater uma coisa que ela faz, que a sociedade olha e vê como errado. Mas a redução de danos ela tem essa perspectiva, de querer que a pessoa se encontre e a redução de danos ela não quer, o objetivo dela não é exclusivamente chegar lá e olha você vai parar de fazer o que você tá fazendo, se mesmo após a reflexão você quer continuar usando uma substância ou fazendo algo mas você pensa nas consequências que isso vai ter e você tente de alguma forma

minimizar isso. Eu lembro de exemplos que a gente via na redução de danos, ah o cara é usuário de drogas injetáveis e se passar a fumar uma maconha já reduziu os danos. Se ele simplesmente trocasse seringa já reduzia os danos. Então, tu troca seringa quando você reflete, você para de usar droga injetável quando você começa a usar maconha e começa ver que a droga injetável tá te fazendo muito mais danos. Se você na relação sexual usa camisinha, seja com a sua parceira regular, seja com as 'extras' aí, se você usa você tá pensando em ti e na outra pessoa, então a redução de danos leva a reflexão. E quando você reflete você pensa na outra pessoa, isso você já vai pensar que ela tem direitos e tem a ver com direitos humanos e estigma é toda vez que você pensa redução de danos você tá querendo superar esses estigmas todos que estão por aí. Tem uma relação muito forte nisso.

3) Como você relaciona Redução de Danos e prática pastoral?

Eu creio que nessa perspectiva abrangente sim. Pensando que a nossa atividade pastoral, a nossa prática no di-a-dia ela, as pessoas nos compreendem, nós também nos compreendemos como pessoas que estamos aí para ajudar as outras pessoas. Pra levar as pessoas a reflexão, pra refletir junto com elas, pra caminhar com as pessoas e nessa caminhada você contribuir para uma vida melhor. Para a sua vida, para a vida das outras pessoas também. Então a redução de danos nessa perspectiva abrangente, não ligada somente a prevenção HIV/Aids né, ela tem tudo a ver com a prática pastoral e de forma bem objetiva, nós nas paróquias temos pessoas envolvidas, famílias envolvidas com a questão do uso de drogas, pessoas que são afetadas pelo vírus HIV/Aids também, então trabalhar a perspectiva a partir do uso de drogas e da prevenção do HIV também é uma possibilidade depende a localidade ou como você percebe as pessoas no seu convívio, mas além disso, além da prática do seu dia a dia através da formação das pessoas, através da troca de saberes que há entre as pessoas no dia a dia e as pessoas nos olham como alguém que tem muitos saberes pra serem trocados e a gente pode contribuir através da prática pastoral muito – reduzir os danos que estão por aí. Preconceitos, as violências que acontecem, é a vida afetada a gente poder ajudar as pessoas a refletir sobre isso, então tem muito a ver com a prática pastoral.

4) Você já desenvolveu algum tipo de atividade no seu trabalho pastoral que estivesse relacionada direta ou indiretamente com a perspectiva de Redução de Danos?

Se eu pego numa perspectiva de olhar para aquela pessoa que tem, que nos procura, pedindo ajuda, pedindo socorro pra suas, a redução de danos ela tem ajudado a olhar essas pessoas como pessoas e não somente como aquele cara que vem pedir um “troquinho” pra comprar cachaça, mas faz olhar e dialogar com essas pessoas, interagir com elas eu creio que se eu não tivesse a perspectiva da redução de danos né, ou tido contato com a redução de danos na época da formação eu seria mais uma daquelas pessoas que abre a janela, espia e vê que é alguém e fecha a janela e não vai atender é eu procuro me aproximar das pessoas. A prática pastoral numa paróquia que nem a nossa, urbana com uma demanda bem corrida mesmo, até hoje não consegui um espaço para criar algo ou proporcionar algo como eu imagino, de me aproximar mais, mais diaconal, mais de chegar junto das pessoas. Mas toda vez que tenho uma oportunidade de que alguém se aproxime eu também me faço próximo, não deixo a pessoa sem uma resposta. Procuro interagir com ela para tentar entender assim, qual é a necessidade mesmo, de que forma posso reduzir essa necessidade que ela tem, de que forma ela supere esses momentos que ela...eu compreendo que só consigo fazer isso porque em algum momento eu tive contato com a redução de danos e de outra forma eu percebo assim, que eu tenho uma atividade, desenvolvo atividades com uma turma de adolescentes de dez em diante e todo o trabalho que faço com eles a primeira perspectiva que eu coloco é ajudando a pessoa a olhar pra si. E a partir desse olhar pra si, como é que me envolvo com as outras. Então, uma questão de fortalecer a auto estima, desenvolver um trabalho pra que a pessoa aprenda ou que ela compreenda a importância de valorizar-se de valorizar a vida, então dessa forma eu compreendo que também ela pode evitar o uso de drogas por exemplo, pode evitar em envolver-se em situações que comprometam mais a sua vida – isso vai desde envolvimento com situações de violências do dia a dia, situações do trânsito, bullying, relacionamentos familiares que muitas vezes é ali que começa muita coisa né. Então eu tenho feito um trabalho muito forte e eu acho que isso é por causa da redução de danos com as pessoas e as famílias. Como que tá essa relação familiar? Como que pais e mães, como que a gente tem visto a vida de quem está ao nosso

arredor? Então eu imagino que consigo fazer isso muito fortemente porque eu me aproximei dessa relação com a redução de danos e isso me ajudou a perceber que, claro, toda a combinação do estudo de teologia faz isso, hoje eu reflito muito mais a vida, com muito mais pé no chão eu imagino, do que se eu tivesse só visto né a Teologia, ficado na biblioteca, ficado dentro da sala de aula, por ter ido lá a campo e por ter vivenciado situações. Eu lembro de uma vez que numa das primeiras ações de redução de danos que eu fiz, eu cheguei na comunidade lá, tu conhece o índio né? Então o índio levou a gente lá na vila dos tocos lá, eu lembro que as meninas da redução na época elas queriam me preservar um pouco desse contato com aquela camada bem pobre da cidade lá e eu lembro que chegamos numa casa e tinha uma senhora numa casa em cima do lixão e a senhora varrendo o lixo né, e as crianças brincando com os cachorros numa poça de água lá, bem suja. A gente não conseguia identificar muito bem o que era em termos de sarna, o que era criança e o que era cachorro. De tão difícil que tava a situação ali, e aquela mulher varrendo e não deu muita atenção pra nós e tirando o grosso do lixo ali e ela disse assim, olha, desculpa não ter dado muita atenção pra vocês mas é que vou receber visita no final de semana e eu tenho que limpar a casa. Então essa perspectiva 'do limpar a casa' pra mim ela remete a questão da, tem dignidade né. Tem alguém querendo acolher bem alguém, tem alguém querendo dar um conforto maior, embora a casa era lata, era coisa e o lixo, né era o que mais tinha, então pra mim a redução de danos ela resgata a questão da dignidade. E ela ajuda a gente a descobrir que há dignidade em qualquer lugar né. E a dignidade pra mim é a base, pra atender com justiça, com verdade, com querer viver, então redução de danos pra mim na prática pastoral, tento de alguma forma né eu sei que isso é reflexo da redução de danos na minha vida, é desenvolver atividades que ajudem as pessoas a refletir a sua vida tendo mais dignidade.

5) De que forma você acredita que a Redução de Danos pode servir de fundamento para práticas de cuidado na igreja?

Pra mim a redução de danos, já tem aquele livro que a gente escreveu um artigo uma vez sobre práticas diaconais, pra mim a redução de danos é diaconia pura. E diaconia tem a ver com cuidado, amor incondicional, redução de danos parte do

princípio muito forte da troca de seringas né, você se predispõe a trocar seringas com outra pessoa querendo levar mais informações, ajudar a refletir sobre seu dia a dia, você tá desenvolvendo uma ação incondicional sempre, não era incondicional trocar seringa, mas incondicional no sentido assim olha, você não é obrigado a parar de fazer uso mas quando você fizer, faça um uso limpo. Pra mim isso é cuidar também, cuidar em todas as perspectivas né, cuidar respeitando a opinião da pessoa, cuidar fazendo ela refletir e não obrigando ela a tomar as decisões, mas ajudar ela a tomar decisão. Então, fundamento para a prática do cuidado na igreja e quando você chega ou quando você está diante de uma situação onde exige cuidado você pensa em cuidar e porque cuidar não porque você quer agora que a pessoa faça o que você quer, como igreja você obrigar as pessoas a deixar de lado as suas convicções, mas ajudá-las a olharem as suas convicções com a perspectiva de cuidado. Conheço pessoas aí né que bebem pra caramba né, então eu não devo porque pra mim é uma prática, o cuidado comigo mesmo é não beber. Então se eu bebo estou me predispondo a outras situações, se eu bebo além da conta ou suficiente para me tirar a atenção posso sofrer um acidente de trânsito ou comprometer a minha vida ou a vida da minha esposa dos meus filhos né, então eu tento ajudar e acho que a redução de danos pode ser uma forma de chegar até as pessoas, de dialogar com elas e não simplesmente impor coisas, olha...beber é proibido porque Deus não quer, usar esse tipo de né, a redução de danos ia dizer não - beber pode ser ruim pra tua vida se você não ter cuidado com o limite. E quando você entra em contato com uma substância que pode afetar seu organismo, quem sabe você perca o discernimento, perca o controle e isso vai te levar a não cuidar de ti e de quem você ama né. Então a redução de danos ela é um fundamento quando ela respeita a outra pessoa, quando ela chega até a outra pessoa incondicionalmente, quando ela permite que a pessoa siga a sua vida, mas de alguma forma ela contribuiu pra que esse seguir a vida significa, cuide melhor de si, cuida melhor de quem você ama, cuide melhor do mundo e isso já é um gesto que o próprio Deus faz conosco, quando ele vem e nos acolhe incondicionalmente e nos perdoa os pecados, ou seja, você errou, você pisou na bola, mas mesmo assim eu te amo. Mesmo assim eu quero que você continua vivendo, e com o perdão diz olha...siga adiante, você tem uma vida renovada, pensa no que fiz por ti, pensa no que quero por ti. E quando você pensa nisso, você muda algumas coisas na sua vida e essas mudanças reduzem os danos né, das coisas todas que você é afetado

ou permite ser afetado no dia a dia. Ela é um fundamento, porque pra mim no fundamento da redução de danos está o fundamento do amor incondicional e é esse amor que Deus tem por nós.

6) Quais os elementos bíblicos e teológicos que você acha que podem ajudar a fazer essa construção?

É João 10.10 né, "Eu vim para que tenham vida em abundância". Pra mim esse é um elemento bíblico muito importante nessa questão da redução de danos. Porque a ação de Deus na nossa vida ela vem para que nós tenhamos plenitude de vida e quando a gente está envolvido em situações que causam danos na nossa vida esse objetivo de Deus ele é comprometido, né então Deus se aproxima, eu vim. Ele não esperou que a gente fosse, mas ele veio ao nosso encontro, a redução de danos também, ela era, vamos a campo gente, vamos botar nossos quites dentro das sacolinhas e vamos adiante, então, a gente ia ao encontro, então tem muito a ver com isso - .um Deus que se aproxima de nós, um Deus que quer contato com a gente, é um elemento teológico muito forte né, a proximidade e Deus faz isso por amor. Outra coisa que eu lembro que redutor de danos bom na época, das nossas inserções a campo era aquele que tinha amor pela causa, aqueles que faziam porque era obrigatório, porque queria ganhar alguma coisa em troca, não durava muito né, não refletia sobre o assunto, não assumia responsabilidade, então quando você faz por amor - então pra mim a perspectiva de um Deus que se aproxima é um elemento teológico muito forte e daí tem essa referência bíblica também né. É, ao mesmo tempo que Deus se aproxima, é também tem em Mateus 11.28 né, "Vinde a mim, todos que estão cansados e sobrecarregados", então pra mim essa perspectiva bíblica também Deus permite a nossa aproximação a ele também. Eu imagino, lembro na época lá, quanta gente tinha uma série de situações que levaram ela a estar naquelas situações de uso de drogas de envolvimento né e já estar vivendo com HIV na sua vida eram muitas carga e muitos pesos, muita coisa pra se levar e aí você tenta afogar isso, aliviar isso com o uso de alguma substância. Então pra mim o argumento teológico, esses dois aí são bem, acho que dizem muito disso e também aquela questão do samaritano – lembro que a gente escreveu isso naquele livro, o samaritano que cuida da outra pessoa, que vê a necessidade e se

aproxima, e perde seu tempo vamos dizer assim: se dedica tempo a cuidar daquela pessoa pra mim é... e muitas vezes nós da teologia nos colocamos como aqueles outros personagens que passam ao largo, nós das comunidades, nós que teoricamente não estamos envolvidos com drogas, ou outras coisas né...a gente muitas vezes passa ao largo por ter tanta coisa para fazer pra cuidar da vida e a vida ali carecendo de cuidado e deixada de lado né. Então esse texto do samaritano ele é bem consistente também. Por quê? Porque é alguém que dedica tempo, coloca recurso nisso, faz isso porque compreende a mensagem né, de que a vida é plena e quando essa vida tá afetada, destruída, está sendo danificada, ele se aproxima e se envolve completamente. Se compromete, então é compromisso com a vida, então pra mim elementos bíblicos e teológicos passam por esses três exemplos. Daria para buscar mais, mas então não posso passar ao largo, eu preciso, o comprometimento é tanto que eu não pergunto se o cara era judeu ou samaritano, mas que tava ali sangrando, ferido, machucado e eu me aproximo e me abaixo e me torno um irmão dessa pessoa. Então no dia a dia essa construção de uma sociedade onde os danos sejam cada vez menores, sejam reduzidos ela passa por essa perspectiva de compreender que a vontade de Deus é vida plena, de que nós podemos nos aproximar a ele e ele nos chama e que nós podemos em resposta a isso também ou afetados por tudo isso nós podemos também agir no mundo de uma forma mais cuidadosa, mais amorosa, reduzindo os danos que estão por aí.

Entrevista 02

Pastor Marcos Augusto Armange – pastor na Paróquia de Paverama – RS

1) Qual o significado de Redução de Danos para você?

Pra mim, redução de danos é um conceito bastante importante é um conceito filosófico, é um conceito de vida, toda a minha prática e toda a minha vida foi muito marcada por essa idéia de redução de danos. Eu acho que é um conceito que da para se aplicar nas diferentes áreas do conhecimento todas as áreas que tem relação com o humano, cabe o conceito de redução de danos. Tanto para a psicologia, a filosofia, pra sociologia. Tu pode olhar essas formas de conhecimento

pela ótica da redução de danos. (talvez eu possa recuperar um pouquinho no tempo que eu comecei diz o próprio arranje).

Quando eu comecei a trabalhar com a redução de danos, foi num tempo que os projetos não era um tempo que o trabalho não era reconhecido ainda, como uma política pública. Nessa época então a gente tinha que é além de todas as dificuldades de chegar até o usuário, nós tínhamos também que cuidar com a questão da polícia porque era uma idéia de trabalho ainda não reconhecida, ela foi reconhecida mais tarde em Santos, se eu não me engano, como uma política pública. A princípio ela despertou um tanto de estranhamento, de como assim? Levar seringas, de levar todos aqueles acessórios necessários para o uso correto da droga injetável, mas com o passar do tempo foi uma idéia, um trabalho que trouxe bastante resultado e bastante significativo porque era questão muito antes de levar o material existia toda a questão do significado do cuidado, daquela questão da pessoa olhar para si e também cuidar de si a partir de pequenos gestos que fariam uma grande diferença para a vida deles e iria reduzir os danos. Eu acho que isso também é um conceito também importante para os tempos atuais que a gente vive. Sempre trabalhamos, o pastor trabalha, com a questão da cura, com a questão da modificação de vida, mas nem sempre de uma forma completa, de uma forma total, começar com pequenas coisas que vão mudando o jeito da pessoa se colocar no mundo, daquela pessoa se olhar para si nesse mundo e de se entender dentro desse mundo. Então reduzir danos para mim, se tornou um conceito de cuidado da pessoa consigo mesmo, da pessoa com seu semelhante. Um conceito, uma idéia, de se tu não pode mudar totalmente toda aquela situação, você pode mudar por pequenos gestos, por pequenas coisas que depois num intenso trabalho você pode chegar a uma mudança mais substancial.

2) Para você, existe uma relação entre Redução de Danos, direitos humanos e estigma? Em caso afirmativo como se dá essa relação?

Existe, existe sim, a pessoa portadora do HIV, usuária de droga, elas estão elas vivem sob um forte estigma porque elas estão afastadas do serviço de assistência, do serviço de saúde, elas carregam consigo toda essa carga negativa de estar fora das estruturas sociais, das políticas públicas, ao meu ver a redução de danos é uma

forma de recuperação do ser humano, da pessoa, lembrar que ela como ser humano tem direitos ela está dentro de uma sociedade, que ela tem direito a saúde, que ela tem direito a reconstrução de si, que ela tem direito a assistência nos mais diversos níveis, o reconhecimento dela como pessoa e a gente sabe que os usuários de drogas injetáveis ele está fora, ele se esconde, ele está nas beiras, na periferia, na periferia no sentido que ele não está dentro dessa estrutura . Então a redução de danos é uma forma de recuperar esses direitos de cidadão, de ser humano no mundo em que ele vive.

3) Como você relaciona Redução de Danos e prática pastoral?

Olha pra mim a redução de danos marcou profundamente o meu trabalho, a minha forma de ser, de como eu vejo o mundo e ele perpassa todo o meu trabalho pastoral. Porque, como um pastor muitas vezes tu é procurado nas situações limites, tu é procurado naquelas situações em que o problema já estourou, por exemplo, quando o problema já se instalou, quando já se cometeu o suicídio, quer dizer nessas situações em que parece ser o último recurso a busca por um pastor e a ajuda de Deus. Isso é muito ruim, porque como pastor você chega sempre nessas situações sendo olhado pelas pessoas como última ponta de salvação, último ponto de recuperação de tal situação e dentro dos limites da atuação da prática pastoral isso é bem difícil de lidar. Então aqui, por exemplo, na minha paróquia, na paróquia onde eu atuo, essa idéia de redução de danos ela perpassa por diversos trabalhos que eu tento colocar aqui, justamente pra evitar esses limites para se trabalhar as questões antes para se reduzir os danos. Pra não chegar lá na frente e estourar numa patologia ou numa doença ou num problema que a pessoa vai carregando. A redução de danos pra mim é um conceito muito importante para a minha prática pastoral, porque eu entendo que pra mim como obreiro a serviço de Deus, eu tenho que conseguir trabalhar as questões, os problemas das pessoas antes de estourar, eu tenho que fazer isso tentando reduzir danos, tentando fazer que essas pessoas também se instrumentalizam pra conseguir resolver os seus problemas ou tentar conviver com eles sem chegar lá na frente e estourar e daí somente vim procurar o pastor.

4) Você já desenvolveu algum tipo de atividade no seu trabalho pastoral que estivesse relacionada direta ou indiretamente com a perspectiva de Redução de Danos?

Eu acho que posso te dar um exemplo prático de repente: aqui a gente tá tentando criar um, bom eu sou doutor em aconselhamento pastoral. Eu acho isso, eu acho que é uma área muito interessante que dá para lidar com a redução de danos porque tu lida justamente com questões muito pessoais das pessoas, com os problemas que elas estão vivendo no seu dia a dia, então aqui a gente tem alguns horários durante a semana onde eu faço atendimento aos membros, a população dessa pequena cidade – e porque esse objetivo? Ele tá intimamente ligado com essa idéia de redução, no sentido de deixar que as pessoas coloquem pra fora aquilo que ta angustiando, aquilo que é um problema na vida dela, aquilo que elas não tão encontrando solução, aquele peso que elas estão carregando, a culpa como peso. Por que? Porque se as pessoas não tem um lugar para expressar isso, não tem um lugar para colocar isso pra fora, pra tentar a partir da sua fala achar soluções, achar formas de conviver com suas coisas com seus problemas, isso lá na frente vai estourar em algum problema na vida delas. Vai carregar tanto peso que la na frente vai desenvolver uma doença, vai somatizar. Então, a idéia é a partir da redução de danos como uma idéia que marcou muito o meu trabalho é proporcionar um espaço e um tempo terapêutico onde essas pessoa possam colocar os seus problemas, podem ir trabalhando os seus problemas sem que estoure e aí procure o pastor. A idéia é justamente reduzir os danos a partir de um ambiente terapêutico, de um espaço terapêutico. Isso tem marcado muito aqui o meu trabalho porque eu tenho notado que o pastor ele vem naquela última situação. Então tá na hora do meu trabalho começar a reduzir os danos antes de estourar, com essa questão por exemplo do aconselhamento, pastoral tem esse intuito. A idéia é por exemplo, eu tenho citado o suicídio e esse tipo de trabalho nasceu por uma experiência assim, um membro aqui da paróquia que aparentemente estava bem, que aparentemente a gente não sabia de nenhum problema ele cometeu um suicídio. E depois foi saber que ele sofria, que ele tinha muitas dificuldades de lidar com assuntos da vida dele e foi a partir desse caso, que eu pensei não, tá na hora da gente trabalhar nessas coisas antes e não estourar. Então nesse sentido toda a experiência com a redução de danos com a idéia de partir de ações concretas que visam um caminhar de cura

foi retomado, foi posto em prática. Então, por exemplo esses espaços terapêuticos também com pequenos grupos de compartilhamento, aqui eu tenho identificado algumas pessoas com HIV/Aids que estão assim escondidas, trancadas dentro do seu mundo estão trancadas – por ser uma cidade pequena aqui a questão do estigma aqui é muito forte, as pessoas vivem no anonimato, vivem sem acesso a informação, por ser uma cidade muito pequena, então a idéia é também é talvez voltar a trabalhar com essa questão do HIV/Aids, reunir esse pessoal, empoderar eles, dar voz as suas angústias, dar voz as suas preocupações, dar também espaço para que busquem informações, para que compartilhem experiências é uma das idéias. E nesse sentido, não só com HIV/Aids, nesse sentido a redução de danos ele pode ser uma idéia para os mais diversos públicos, para as mais diversas situações. Ela pode ser para um grupo de enlutados, de depressivos, a idéia de redução de danos ela é muito ampla e muito profunda, não tem como não marcar o trabalho da gente, essa experiência que a gente teve.

Entrevistador: E essas pessoas aqui com HIV em Paverama você já teve algum acesso com elas, você sabe de casos?

Sim, conheço casos, eu tenho pessoas da comunidade e eu tenho tentado estabelecer um contato com a enfermeira designada para trabalhar com eles a idéia de em vez dela trabalhar isoladamente, como ela é a única que sabe, então a idéia é tentar unir essas pessoas. Não sei se é possível, aqui não é como São Leopoldo onde a gente trabalhou com isso. Aqui é uma cidade pequena, que tá muito presente essa questão do estigma, que tá muito presente essa questão dos rótulos então, por exemplo aqui na minha comunidade, esse membro que era muito ativo quando se descobriu com HIV/Aids ele se retirou do convívio. Por que? Porque ele sabe, ele entendeu que se alguém soubesse aqui, ele sofreria preconceito. Então, pra evitar esse tipo de situação ele se retira. Se imagina uma pessoa dessas vindo, se é do conhecimento público vim partilhar a santa ceia por exemplo, isso ia ser uma questão bastante difícil pra todas as pessoas da comunidade e seria uma questão difícil de administrar como pastor também. Porque aqui ainda não se trabalhou a situação, não se tem muito conhecimento e então é uma situação que as pessoas estão bastante desassistidas e daí se recupera essa questão dos direitos humanos de repente assim o trabalho de primeiro informar a sociedade, de recuperar o convívio, de chamar de novo de volta pra comunidade. Isso é um trabalho bastante

desafiador e pra mim também bastante apaixonante porque é com essas situações que aprendi a fazer minha teologia, é com essas situações de profundo desespero de profundo isolamento que também marcou a minha teologia. E está muito ligado a questão do redução de danos. Muitas vezes a gente ta como pastor e é pastor aqui, uma figura pública, como é que vou dizer, é uma imagem que as pessoas pagam pra ter, mas não faz sentido muitas vezes pras pessoas que estão na comunidade ou é uma questão muito superficial e a teologia mesmo o evangelho de Cristo ele se encarna muito melhor nessas situações, ele lança luz dentro dessas situações de escuridão, de sofrimento, então, ali tu constrói a tua teologia e ali esse evangelho também liberta com muito mais poder.

5) De que forma você acredita que a Redução de Danos pode servir de fundamento para práticas de cuidado na igreja?

Nós estamos no ano de 2012 e nós temos o nosso presidente o pastor presidente da nossa igreja tem falado muito sobre a questão do cuidado, cuidar do bem que é nós. Cuidar das pessoas, dos membros, dos obreiros e das obreiras, eu acho que dentro dessa missão de Deus ao qual nós fizemos parte, da qual a igreja faz parte é nós temos uma tarefa de cuidado. O cuidado perpassa tanto pela liturgia, com a diaconia, com o aconselhamento pastoral, como toda a reflexão teológica no âmbito da teologia sistemática, prática e bíblica. Então, talvez indo na mesma linha que eu tenho falado, o redução de danos é uma idéia um conceito muito promissor e muito fecundo para a idéia do trabalho da Igreja, com a tarefa com essa missão de estar no mundo para cuidar também daquilo, dos membros e de cuidar das pessoas. Ah, e esse cuidado ele não se resumi só a transformação da vida como conversão, a essas mudanças é radical, que o evangelho parece buscar nas pessoas. É muito comum algumas teologias a pessoa que se converte, ela muda do branco pro preto, ela vai, há uma mudança muito substancial na vida daquela pessoa – isso acontece, isso faz parte daquele evangelho, mas também faz parte do evangelho, o trabalho pequeno do cuidado, o trabalho de recuperar aos poucos a dignidade de recuperar aos poucos a fala como sujeito das pessoas de recuperar aos poucos os cuidados, de aos poucos tirar as pessoas de suas vulnerabilidades, vulnerabilidade não é uma questão somente de passar fome e de passar frio, mas também a falta de um olhar

crítico, essa atitude “blasé”, atitude de quem olha pro mundo e vê uma criança com HIV/Aids mendigando na rua e entender que aquilo já faz parte da paisagem dela e entender que aquela criança já faz parte do mundo. Quer dizer, aquela imagem já não fala mais para o coração das pessoas, isso também é tirar da vulnerabilidade. Porque é chamar para o olhar crítico da sociedade em que a gente vive. Isso também é tirar da vulnerabilidade, isso também é reduzir de danos. Então a igreja tem esses aspectos muito importantes para lidar e para cuidar, não só das pessoas que estão na situação limite, mas também para aquelas pessoas que perderam o olhar cuidador e o olhar crítico pra uma sociedade que oprime, para uma sociedade que exclui, pra uma sociedade que mata crianças pela fome. Isso é reduzir danos também, nesse sentido o conceito de redução de danos, olha ele é uma idéia, extraordinária para o trabalho da igreja.

Eu escutei essa idéia de “blasé”, foi uma cara que escreveu lá em 1920, um filósofo, é justamente ele tava chamando a atenção já naquela época, essa apatia das pessoas – de aceitar tudo como está, essa apatia de não agir mais em prol de coisas melhores, de não sonhar, de não ter mais utopias, essa acomodação que é muito nociva pra o mundo em que a gente vive. É essa apatia, essa falta de olhar crítico que reforça estigma, essa apatia que faz com que a vida pessoal de cada um seja uma questão pessoal e o desafortunado, aquela pessoa que está ali na rua e aquela pessoa que está numa situação de vulnerabilidade é um problema dela, não é mais o meu problema. Então isso, a idéia de redução é justamente também ela recupera isso, ela recupera esse olhar de cuidado, esse olhar de agir com pequenas coisas, com pequenas situações que vão modificando a realidade de onde tu tá , acho que a redução de danos tem esse privilégio, essa coisa bonita de mesmo a pessoa na situação de miséria os pequenos cuidados que você oferece pra ela faz com que ela repense o seu jeito de estar no mundo, comece a repensar o seu papel nesse mundo, começa a cuidar de si e aprender a cuidar do outro. De ser protagonista. Acho que a redução de danos nesse sentido ele recupera esse aspecto fundamental da vivência humana, da vivência em sociedade.

6) Quais os elementos bíblicos e teológicos que você acha que podem ajudar a fazer essa construção?

Acho que a prática de Jesus como um todo, foi a prática de cuidado, foi o trabalho de trazer a pessoa de uma realidade onde ela não se achava, de uma realidade onde ela estava sendo ah, usurpada de seus direitos de uma realidade onde ela estava perdendo sua cidadania e sua humanidade e de trazer ela para um novo espaço de cuidado, para um novo ethos. Eu entendo que nesse novo ethos existia uma dinâmica de matar e de ressuscitar, era o cuidado a palavra que matava aquele ser humano para a sua culpa, que matava para a sua indignidade e ressuscitava para ser humano de novo. Então a criação desse espaço é que deveria marcar a atitude do cuidado pastoral e o cuidado da igreja. Acho que isso é importante talvez complementando aquela questão anterior. Oferecer esses espaços de recuperação e de cuidado, então nesse sentido a prática de Jesus como um todo ela é muito inspiradora para a redução de danos. Porque Jesus fez isso, ele tentou reduzir esses aspectos, ele tentou recuperar essa humanidade que estava se perdendo dentro de uma sociedade que estava sendo oprimida pela legalização da lei. Pela absolutização da lei na época de Jesus, essas pessoas perderam a sua voz – e nesse sentido quando Jesus cura no sábado, por exemplo, ele tá querendo mostrar que a lei ela está abaixo do cuidado com o humano. E acho que isso é um aspecto da redução de danos. O foco não tá no pecado, o foco não tá no problema moral da pessoa, o foco tá na sua humanidade no seu ser como pessoa e isso vem na frente. Acho que as questões morais, os estigmas, isso vem depois – isso se trabalha, e nesse sentido a redução de danos é uma ferramenta, isso se trabalha na construção da, na recuperação da humanidade e a recuperação da moral ela também é bastante tênue...o que é moral na verdade? Tem um artigo que a gente escreveu na época de redução de danos, eu acho interessante a parábola do bom samaritano, quer dizer, aquele cara que foi assaltado, e aquele que, os dois primeiros que passaram, que tinham tudo para ajudar, não ajudaram e o samaritano tinha o seu estigma né, ele carregava seu estigma por ser um samaritano. Ele vai lá e ajuda aquele caído, o interessante é que ele não buscou mudar a vida daquela pessoa, ele não forçou mudanças, ele apenas cuidou ele deu, ele forneceu instrumentos e ele cuidou daquela pessoa até que ela pudesse estar novamente instrumentalizada para cuidar de si. Quer dizer, cuidou das feridas, fez com que ele

pudesse voltar a caminhar, deu um lugar onde ele pudesse ser cuidado e depois pudesse retomar a sua vida. Acho que a redução de danos nesse sentido também ele não visa modificar a pessoa para um ideal, às vezes o meu ideal não é o teu ideal. Mas visa cuidar daquela pessoa para que ela cuide de si mesma. As mudanças são consequências desse cuidado. Assim a princípio e essas passagens e a ação de Jesus como um todo, são um bom fundamento bíblico e teológico, para a redução de danos.

Entrevista 03

Entrevista com o Pastor Fernando Henn da Paróquia de Cascavel – PR

1) Qual o significado de Redução de Danos para você?

Redução de danos pra mim foi um, marcou uma época pra mim enquanto eu estava no ASPA, em São Leopoldo (Apoio, Solidariedade e Prevenção a Aids). Eu trabalhei por três anos com Redução de Danos, dois anos como redutor de danos e um ano eu assumi a coordenação de um dos projetos de redução de danos lá do ASPA, do projeto de redução de danos. E foi um tempo de bastante aprendizado, pois o tema de redução de danos sempre é polêmico, ainda hoje ele é polêmico. E eu tinha a visão do princípio da redução de danos como todas as pessoas tem que é ajudar uma pessoa a usar drogas. Tipo assim, a redução de danos é ajudar alguém a usar drogas, aceitar passivamente a realidade das drogas, é quase aquela visão que se está desistindo daquela pessoa. E eu digo, que só comecei a entender a redução de danos em um dos seminários que eu fiz, não sei bem onde foi. Quando foi apresentado a redução de danos como uma das três formas de prevenção ao uso de drogas, que é a repressão que combate uma das frentes. O comércio das drogas que uma que combate quem é dependente e quer se tratar. E a redução de danos alcança aquele onde a sociedade talvez 'fracassa', que são as pessoas, onde a droga chegou na vida dessas pessoas e elas não querem ou não conseguem parar com o uso da droga e aí eu comecei a entender que, trabalho de campo, visitando os lugares a gente vê que essas pessoas existiam. Ah, nem todo usuário de droga que não consegue largar o vício é vagabundo, nem todo usuário de droga é mal caráter, ou não quer simplesmente porque gosta de ser dependente. A experiência

que eu tive no ASPA, a impressão que eu tive é que ninguém gosta da vida de usuário de droga, não é uma vida boa. O uso de droga, não importa se usa droga injetável ou cocaína ou se é profissional do sexo, não importa a área que trabalhe. O uso de droga não é bom em momento algum. E assim: a redução de danos olha com olhar social para essas pessoas que não são alcançadas por outras políticas de saúde, que realmente estão à margem da sociedade mesmo. É um olhar de certa forma de amor, um amor que as vezes pra quem tá de fora é difícil entender que isso é um gesto de amor tá cuidando dessas pessoas, do jeito da redução de danos, mas é um gesto e um olhar de amor.

2) Para você, existe uma relação entre Redução de Danos, direitos humanos e estigma? Em caso afirmativo como se dá essa relação?

Existe. Ah, também em uma das formações que tive em redução de danos, eu lembro que foi e eu acho que ouvi isso, lembra da Rosa de Porto Alegre da casa de saúde? 'A Rosa... sensacional ela', e se eu não me engano foi ela que argumentou uma vez e essa fala dela modificou o jeito de olhar para a redução de danos também. Ela disse que uma pessoa merece dignidade de uma pessoa, independente do que ela faz ou deixa de fazer. Então a pessoa, tipo, ah dentro da teologia e a gente já vai chegar na teologia, a gente fala muito mas, quando uma pessoa, ser humano, cidadão – ela falou muito em cidadania, agora lembro – a condição de cidadão de um usuário de drogas é anterior a condição de dependente químico. Então, não importa o que ele venha a fazer, ele não perde a condição de ser humano, de cidadão, de gente, então ele tem que ser tratado como tal. E a área da saúde tem que cuidar dessa forma. O estigma muitas vezes tá olhando porque a sociedade julga as pessoas por critério na maioria das vezes hipócrita, de merecimento ou não merecimento, elas acham que tal pessoa da sociedade merece ser tratada com respeito e dignidade e tal grupo não. E geralmente o usuário de drogas estão naquele grupo em que eles acham que é o pessoal que não quer nada, que só incomoda, que deixa a sociedade feia, suja, aquele que incomoda, aquela 'pseudo-estabilidade' que tem por entre uma classe média de shopping center que talvez o uso de drogas está dentro da casa, mas é aquela coisa que não aparece. O usuário de drogas que a redução de danos atendia, eram aqueles uns que

apareciam e que a sociedade não gostava de enxergar as próprias sombras e mazelas. Então pra mim tem tudo a ver a relação e digo assim pra mim como argumento principal, a condição de ser humano é anterior a de usuário de drogas. Então a gente tem que olhar eles como gente e não como alguém que está usando drogas, não devemos dizer que ele é usuário de drogas, mas que ele está usando drogas.

Entrevistador: e a redução de danos tem esse olhar?

Eu acredito que sim, acho que toda a visão da redução de danos está a partir disso, toda não, mas uma boa parte da redução de danos tem esse enfoque de olhar a pessoa como cidadão, como ser humano, por direitos humanos e que os direitos humanos simplesmente alcançam eles por ser gente – e não precisa fazer nada para merecer o olhar de cuidado da sociedade.

3) Como você relaciona Redução de Danos e prática pastoral?

Existe! 'Vou dar uma viajada agora xuxa'.

Eu vejo a relação da redução de danos com a prática pastoral, porque assim, a redução de danos e daí vou citar a Rosa de novo porque, nesse encontro foi que abriu para o meu sistema de pensamento abriu a redução de danos. Ela disse que a gente vive, falando de ideais, que o ideal é o ideal e não é real. O ideal a gente acha que é o correto, como as coisas deveriam ser. E o ideal é só o ideal, ele não é real. A redução de danos ela tem coragem de fazer uma coisa que geralmente as pessoas, quem lida com as políticas ou muitas vezes não tem coragem de fazer – ela lida, ela reconhece, que o mundo perfeito...aquele mundo que a gente queria que existisse ele nem sempre existe. A gente almeja na vida sempre um ideal, a gente põe uma meta essencial, as coisas deveriam ser assim e eu acredito que o mundo não deveria ter drogas no mundo, eu acredito que não deveria ter dependentes químicos, eu acredito que não deveria ter traficantes, eu acredito que as pessoas deveriam ser sempre felizes, mas na prática o mundo real não é assim! Na prática as drogas existem, o usuário de drogas existe, o tráfico existe, os interesses econômicos, políticos, tudo que dá para imaginar está envolvido nisso. E a tristeza e o sofrimento existem. E aí a redução de danos quando ela olha para o usuário

aquele que não consegue parar de usar ou não quer parar de usar, ela reconhece que nem sempre que aquilo que é o ideal é real, que acontece no dia a dia da vida. Então assim, se a gente vive somente a partir do ideal, não consegue lidar com o mundo real aquele que está acontecendo no dia a dia. O preconceito existe, a discriminação existe, o uso de drogas existe. Voltando para o universo da prática pastoral, a Teologia de modo especial ela trabalha muito com o mundo ideal que a gente deveria ter uma terra sem males, uma sociedade irmanada, todas as pessoas amigas, se respeitando, tolerantes, compassivas, misericordiosas, uma ajudando a outra e trabalhando para o bem comum. Mas a gente sabe as famílias perfeitas, a gente projeta também um ideal de família, de relacionamentos, que tudo vai ser sempre perfeito. Assim oh, como ideal, a gente entende que as coisas não acontecem assim, mas a gente sempre projeta um ideal e eu acho que a redução de danos e a prática pastoral ajuda no sentido de que a gente só consegue ajudar as pessoas quando a gente consegue entender as pessoas na vida real delas e não naquilo que a gente acha que deveria ser a vida delas. Quando a gente consegue olhar para dentro de uma vida e tentar se colocar no lugar da pessoa e não colocar o nosso julgamento e de como a pessoa deveria se comportar. E aí eu faço essa relação com a prática pastoral e a redução de danos, elas se encontram aí. E aí quando a gente está conversando com uma pessoa, um casal em crise, um filho dependente químico, qualquer outra situação, a gente começa a olhar com mais humanamente pra eles, não a partir daqueles, de cima pra baixo, acha que tem que ser assim, só do ideal. A gente entende que as relações são construídas, não são impostas. Não adianta você dizer assim que tem que respeitar, você tem que entender o que está acontecendo pra que não haja respeito, pra que não haja equilíbrio, pra que não haja paz e amor, vamos dizer – e daí a gente consegue ‘eu entendo’, eu encontro a redução de danos e a prática pastoral nesse ponto.

Entrevistador: da mesma forma aqui as pessoas com HIV/Aids?

Isso, é que o HIV/Aids aqui na prática pastoral eles estão escondidos, não sei se tem HIV positivo aqui na comunidade de Cascavel. . Não sei de casos, na cidade não lembro de ter visto reportagem na TV sobre índice de HIV na população eu não lembro de ter visto isso. No dia primeiro de dezembro teve movimentos aqui, colocaram (sabe o dedão que tem ali?) colocaram uma camisinha nele , então assim, tem algumas ações, mas Cascavel, a impressão

que dá que é bem conservadora pra isso. Eles são bem...não gostam de falar muito disso, não é um tema muito aberto, as pessoas não se sentem a vontade. Usuário de drogas e dependentes químicos tem muitos, isso acontece direto, então tem que olhar que o uso de drogas é mais amplo do que só o uso de drogas, tem outras questões envolvidas, questões familiares, questões pessoais e daí a gente tem que olhar de modo mais amplo e não apenas só na perspectiva se usa droga ou não usa droga, aí é muito errado.

Entrevistador: E você acredita Fernando que a Redução de Danos ajudou a influenciar nesse olhar diferenciado?

Ela ajudou, não tem dúvida. Ajudou não somente no pastorado, mas na vida pessoal, eu acho que a redução de danos, eu acho não, eu tenho convicção que ela me ensinou e ainda me ensina quando lembro algumas coisas ah, a tentar olhar para as pessoas com menos preconceito. Preconceito a gente carrega a vida toda, não consegue, não conseguimos nos despir do preconceito assim rapidamente. Mas a gente consegue ter consciência e consegue quebrar muita coisa de preconceito. E aí consegue olhar com mais humanidade para as pessoas. Que o pastorado ele tem algo que se a gente tem que ser lembrado da nossa humanidade, porque as pessoas esperam da gente respostas prontas muitas pessoas esperam, nem todas e que a gente dê receitas pras vidas das pessoas e não existe isso! E daí a gente tem que ter a humildade de dizer olha isso não existe, o que a gente tá querendo. Porque às vezes até é bonita as coisas que as pessoas gostariam que a gente falasse na igreja, ah... um discurso criticando o uso de drogas e falando umas verdades de senso comum, atrás de um ideal, mas dizer aquilo que elas gostariam de ouvir. Mas assim, a gente acaba querendo se comportar como semideus, que a gente não é! Acho que essa a humildade a redução de danos, humildade em relação ao próximo, contribuiu para ir crescendo isso, não foi só a redução, mas a redução teve um papel importante. E entender que tem pessoas que não querem ser ajudadas do jeito que a gente quer ajudar, as vezes elas não querem ser ajudadas como a gente espera ou gostariam que elas fossem ajudadas. Talvez até mesmo o modelo de vida correto que eu imagino pra ela, não é o que ela sonha pra ela mesmo. E quem diz que posso dizer o que é melhor para a outra pessoa? É claro, não podemos relativizar tudo, mas, tem que ter essa consciência que às vezes essa pessoa não quer. E tem gente, eu na redução de danos percebi que tem gente que

não quer parar de usar drogas e tem gente que gostaria e não consegue, então as relações são mais complexas do que um sim ou não, do que um julgamento definido ou não.

4)Você já desenvolveu algum tipo de atividade no seu trabalho pastoral que estivesse relacionada direta ou indiretamente com a perspectiva de Redução de Danos?

Conscientemente dizer, olha fiz isso pensando em redução de danos, sendo honesto, não saberia dizer, mas a perspectiva de redução de danos ta presente numa conversa pastoral, numa visita para uma família, numa pregação, num gesto quando uma pessoa vem pedir ajuda, acho que tudo isso mostra como a gente olha, trata e encaminha a pessoa, essa visão está presente agora. Eu estaria inventando se eu dissesse que olha eu fiz isso pensando especificamente na redução de danos.

5)De que forma você acredita que a Redução de Danos pode servir de fundamento para práticas de cuidado na igreja?

Eu acho que em qualquer ação da igreja, em qualquer grupo, seja uma celebração num culto, seja um grupo, um atendimento na secretaria, ou até mesmo uma família quando a gente vai a casa dela oferecer algum tipo de ajuda, acho que a redução de danos e o princípio da redução de danos ajudam na perspectiva de antes de emitir qualquer julgamento, olhar! Conversar com a pessoa, conversar com a família, observar e construir algumas práticas de cuidado olhando, não para o ideal que gostaríamos para a vida da pessoa ou da família, mas a partir daquilo que é possível.que muitas vezes a gente, nas ações da igreja, a gente tem a pretensão de resolver todos os problemas das pessoas. Se a gente não resolve os problemas, parece que a igreja não é tão boa e as pessoas esperam muitas vezes que a igreja resolva os problemas para ela se com elas. Mas às vezes, ah para ajudar uma pessoa e dar a nossa contribuição de cuidado, acolhida e amor, a gente não precisa resolver todos os problemas dela, a gente pode fazer aquilo que está a nosso alcance. E as vezes estar ao nosso alcance como eu fazia na redução de danos quando eu fazia campo, era dar um preservativo, conversar com a pessoa,

simplesmente ouvir, conversar. Lembro muitas vezes “vamos fazer um teste para ver se tem”, fazer um teste para saber se está com HIV ou não está com HIV, as vezes a pessoa levava meses para fazer ou talvez não fazia. Mas a perspectiva de que apesar disso, não desistir da pessoa, mesmo que possa fazer só um pouco, a gente faz o pouco que está a nosso alcance e nem por isso a gente desiste da pessoa. Às vezes a gente aguarda o tempo dela para fazer as coisas, então, as práticas pastorais da igreja deveria ter essa perspectiva, porque na igreja é muito fácil a gente ajuda uma família e logo vem pessoas que dizem assim: o que adianta ajudar essa família, continua do mesmo jeito. Aparentemente continua do mesmo jeito, mas quem é que disse que continua do mesmo jeito? E as vezes na igreja a gente também não tem a paciência de esperar o tempo da...o passo a passo da , família para a prática do cuidado. E isso é algo que o mundo como hoje ele está estruturado, que é tudo pra hoje, para amanhã, vou visitar a família e resolve isso. A igreja não resolve de um dia para o outro as coisas! Até o uso de drogas não é uma coisa que acontece de um dia para o outro, é um processo. Para a pessoa ficar dependente de drogas ou pegar HIV, isso é um processo – é o modo de como viveu a sexualidade desde o início da infância quando foi trabalhado em casa a sexualidade, como ela viveu a sexualidade, ah como foi na época da juventude, na época da escola e aí como foram as primeiras relações sexuais, ela teve com quem conversar, ela teve com quem não conversar, foi alguém que teve amor com ela ou foi alguém que não teve amor por ela. O uso de drogas é a mesma coisa, pra começar a usar drogas é uma caminhada grande, ninguém nasce usando drogas! Então quando se tem a perspectiva de ajudar uma pessoa a gente tem que entender que isso foi uma caminhada parra chegar ao ponto que tá e outra caminhada, reverter o quadro, quando consegue reverter.

6) Quais os elementos bíblicos e teológicos que você acha que podem ajudar a fazer essa construção?

Eu vou pegar um elemento bíblico, que é o princípio maior do cristianismo, que é “Ama o próximo como a ti mesmo, a Deus e ao próximo como a ti mesmo”. Primeira expectativa a redução de danos ela olha com amor para pessoa ela não olha pensando o mal, por exemplo quando na conversa não tem aquele discurso, que só

vou te ajudar se tu quiser sair do uso de drogas trata o ser humano integralmente e diz olha, independente do que tu pense sobre ti mesmo e sobre o que tu quer fazer com a tua vida, eu tô dizendo a tua vida é importante, eu te amo, dizendo assim, eu te amo de uma forma talvez não explícita, mas óh tua vida tem valor e eu quero te ajudar não importa o que aconteça. Esse é o verdadeiro amor incondicional. Dizendo assim, não importa o que tu fazes, tua vida tem valor e tu merece ser amado e eu quero demonstrar isso pra ti. Teologicamente talvez seja o principal. Segundo, não é tanto bíblico mas é aquele conceito teológico, teologia fala muito do reino de deus já agora e ainda não que a gente vive a realidade que Jesus veio e trouxe a realidade de Deus e a gente vai vivendo ele de modo parcial, quer dizer, a gente consegue viver sinais desse reino nós também, isso quer dizer a gente já vive a realidade desse reino porque a gente já conhece um pouco a partir do nosso olhar sobre Jesus, aquilo que a gente imagina que e seja um caminho para uma sociedade melhor um ser humano melhor e ao mesmo tempo a gente vive marcado por aquele mundo que rejeita essa vontade e quer viver segundo suas próprias vontades e os próprios interesses. A redução de danos entra bem nisso, ela está entre o mundo ideal que é o reino de Deus e o mundo real que é esse já agora e ainda não então eu coloco a redução de danos teologicamente nisso, ela consegue fazer essa ponte do já agora e ainda não. A gente ainda não vive aquilo que gostaria de viver, mas a gente trabalha para dar os sinais onde a gente ta presente. Então teologicamente eu coloco muito, enxergo a redução de danos é isto. Apesar de eu não conseguir “que aquela vida viva plenamente o reino de Deus, que ela ainda consiga, não continue sofrendo violência, a gente consegue dar uns sinais dizendo, olha tens valor, tem que te cuidar, tu tem que te dar valor, quer dizer, convidar a pessoa a se olhar com olhar de amor por ela mesma assim. Então, teologicamente o mandamento do amor, e essa visão do já agora e ainda não que a redução de danos espelha muito bem, que a gente já tem um sonho mas a gente não vive o sonho ainda, a utopia”.

Entrevista 04

Entrevista com a Pastora Gabrielly Ramlow da Paróquia de Rolante – RS

1) Qual o significado de Redução de Danos para você?

Na época que a gente trabalhou no ASPA, ela tinha um significado muito junto as pessoas de vulnerabilidade com HIV/Aids. Hoje já vejo que a proposta da redução de danos, que é realmente reduzir os danos daquela pessoa que nós encontramos, ela se amplia muito pra dentro das comunidades, pra dentro da sociedade também. Que a idéia é realmente é a própria palavra, que é reduzir o dano daquela situação que nós encontramos a pessoa. Seja qual for o dano, a proposta é reduzir o dano.

2) Para você, existe uma relação entre Redução de Danos, direitos humanos e estigma? Em caso afirmativo como se dá essa relação?

Eu penso que sim, porque embora a pessoa é encontrada drogada, vitimizada com HIV/Aids, ela tem direito. Ela estando pobre ou estando doente, ou estando vítima a algum vício, não cessam os direitos dela e merecem o respeito, merecem ter o direito de ir e vir de serem atendidas, de terem acesso a educação, cultura, tudo. A alimentação e acho que não cessam os direitos, então acho que tem muito a ver. A gente que é de uma cidade do interior, Rolante ainda não é considerada parte da metrópole. Brincamos sempre que rolante é a metrópole de Igrejinha né, mas ainda a gente percebe que as pessoas não têm informação suficiente para lidar com essas situações e aí é mais fácil pré conceituar.

(Entrevistador): Você conhece algum caso em Rolante? Pastora: abertamente não, nas visitas hospitalares a gente sabe que, ontem teve um assim que a gente sabe. Mas nome e endereço a gente não sabe de nem um caso e nas nossas comunidades a gente também não sabe, sempre é assim, já tive um amigo, já tive um conhecido, mas tá bem longe do nosso povo ali ou eles que querem manter longe da nossa presença como igreja também.

3) Como você relaciona Redução de Danos e prática pastoral?

Olha xuxa, se a gente parar pra pensar há uma relação sim. Tem pessoas que vem te procurar em volto a problemas que você pensa assim, não pode ficar pior. E qual é a tua tarefa ali? Dizer que o problema dela é horrível, que não tem mais solução? Não. Tu tem que tentar reduzir, ir separando as questões, pra ver como vai podendo

ajudar e aí tu vai mostrando pra ela os direitos que ela tem, os deveres que ela tem, e assim tu vai resgatando de novo essa pessoa no seu problema, na sua vida, na sociedade, acho que a prática pastoral teve...na minha teve muita influência sim. Nessa questão de tentar resgatar a pessoa quando ela não se vê mais ou ela não vê mais a esperança. E aí tu vai lá de novo, vamo lá, não é assim...tu fez muita coisa ruim mas calma, tu pode recomeçar, tu pode pedir perdão, tu pode repensar, sempre há uma saída.

4) Você já desenvolveu algum tipo de atividade no seu trabalho pastoral que estivesse relacionada direta ou indiretamente com a perspectiva de Redução de Danos?

Eu penso que a gente pode ser parceiro, de algum projeto como era o redução de danos lá do aspa. Eu, se eu tivesse pastora lá em São Leopoldo e tivesse esse projeto acontecendo eu faria questão de convidá-los pra fazer uma oficina, porque como a gente não sabe abertamente ou publicamente aqui eu tenho um caso, então seria através de oficinas que tu sensibilizaria as pessoas dessa política de saúde pública. Mas ah, eu tive um caso de uma pessoa aqui em Rolante, que é viciado em crack, e que a família não deixa pessoa se assumir. A gente sabe por vizinho, a gente sabe por outras pessoas, mas a gente não tem como ir, porque como vou ajudar se eu não sei. Então eu peguei informações do ministério da saúde, do 0800, sites, endereço, alguns folders que eu tinha do aspa e fui entregando a vizinhos que volte e meia me perguntavam. Então, como a gente sabia onde tinha informação, hoje tá muito mais fácil do que na época que a gente trabalhava, a gente vai mostrando o caminho para as pessoas né. Quando tiver um caso mais assumido aí tu também com a tua ajuda fica mais fácil de alcançar, informação, ajuda concreta de repente levar até um local que possa ajudar, indicação, primeiro de dezembro a gente sempre fala sobre isso né, a gente sempre em celebrações ou em cultos quando acontece a gente sempre faz questão de dizer da importância da gente ter a informação, de se prevenir, de ter o cuidado com o outro que também é o cuidado de si próprio. Então a gente tenta por algumas vias estar trazendo as informações que nos foi dada em certo momento da vida através do redução de danos. Mas numa comunidade religiosa, tu tem que ter bastante cuidado assim, ao tratar sobre

isso não parece que é convivência, um senhor ou pessoas de mais idade, uma linha mais tradicional de pensamento ou até ti como pastor, então dizer, sou a favor, usam então droga mas usam com o mínimo de dano possível. Então é complicado tu dizer isso e acho que é por aí que talvez começaria talvez uma prática de cuidado e de reversão até do próprio vício. Mas acho que não sei, acho que são passos que vão se dando nesse sentido.

5) De que forma você acredita que a Redução de Danos pode servir de fundamento para práticas de cuidado na igreja?

Penso que tem uma dica fantástica, o xuxa porque, se tu pensar o jeito que a gente lidava com as pessoas através do projeto, o que que era? Tu identificava uma pessoa que tava em volto a vulnerabilidade social, tanto de cuidado de saúde, de alimentação, auto-estima e ali você a chegava, a valorizava e tentava mostrar pra ela que ela podia mudar né. Eu acho que a gente encontra muitas pessoas assim, não envolvidas com pobreza talvez, não envolvidas com drogas, não sei né, mas nossa às vezes são conflitos né que deixam as pessoas tão vulneráveis quanto né. Tu vai e tu enxerga a pessoa num primeiro momento tu a enxerga e tu vai ao encontro da pessoa e tu tá ali pra ouvir. A partir do momento que tu escuta tu percebe qual é a necessidade dela né, no nosso caso, quando era o projeto tu sabia em qual médico encaminhar, qual era a forma que você poderia ajudar. Assim também a escuta e ir ao encontro tu consegue realmente pensar mesmo, nossa como eu posso realmente melhorar um pouco que seja né, a vida dessa pessoa. Como igreja a gente pode tentar cuidar um pouquinho dessa pessoa que tá tão sem cuidado, vulnerável a tudo, a preconceito, a fofoca, a discriminação, a exclusão né, eu acho que tem muito sim. Nesse sentido de ir ao encontro e ouvir e daí sim partir para um lado para uma direção, nossa, nós temos muita informação, a gente pode apontar caminhos.

6) Quais os elementos bíblicos e teológicos que você acha que podem ajudar a fazer essa construção?

Se a gente pensar a pedagogia de Jesus, a atuação de Jesus junto a nós né, eu acho que tá ali esse ir ao encontro. Jesus sempre foi ao encontro, sempre permitiu o encontro a quem quer que fosse e nunca deixou de acolher a aqueles que perto dele chegavam seja para agradecer, para louvar, seja para pedir, para implorar, então Jesus se mostrou sempre muito aberto aos mais diferentes tipos de necessitados que perto dele chegavam. Era de informação, era de cura, era de palavra, era de amor, era de enfim, desde os mais pequenos até os mais vulneráveis em voltos a doença como a lepra né, então a prática dele pra mim assim é um grande exemplo de diaconia de solidariedade e de amor – que acho que a palavra diaconia resume tudo né, uma palavra teológica que precisa ser muito vivida pelas igrejas, principalmente a nossa né. Nós ali em Rolante temos um projeto de diaconia, um projeto diaconal e nós não temos pobres, miseráveis né xuxa, como na vila dos tocos né, santa marta e daí vejo eles assim com uma dificuldade de doar, sabe, gente vocês não sabem o que é pobreza né e aí a gente vai e ajuda a secar, ajuda outros espaços, em são Leopoldo e aí você leva essas pessoas para enxergar sabe essa vulnerabilidade toda que a gente tá tão pertinho e aí eles acordam um pouco, é a gente precisa fazer mais e então essa questão da diaconia é realmente o caminho pra gente conseguir reduzir o dano dessa pessoa e conseguir estimular um protagonismo que seja né. Tem pessoas que antes não tinham como ajudar um grupo da diaconia e aí tu consegue um emprego aqui, tu consegue um emprego ali – ah já começam a ajudar pra que outros sejam ajudados. E não sei, eu me lembro do exemplo do índio, no aspa. Um dia foi achado, foi ajudado e quando pode tava lá ajudando. Eu acredito nisso, que de 100% quem sabe 10% a gente consegue fazer isso né, e que bom! Já fazemos a diferença, seja lá num projeto como esse foi, ou seja, na igreja, sempre acredito que prática é isso.

ANEXO B

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/EST

Número do Protocolo: 01/2012

FACULDADES EST

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/EST

PARECER CONSUBSTANCIADO

TÍTULO: Redução de Danos e Teologia – Protagonizando novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia de HIV/Aids.

Pesquisador: Claudio Roberto Konig

Orientador: André Muszkopf

Objetivo Geral:

Discutir, a partir da experiência adquirida com o Programa Redução de Danos, novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia HIV/Aids e propor, na interface com a teologia, alternativas de Ação Pastoral que resgate e promova o respeito à dignidade humana não somente as pessoas que vivem e/ou convivem com HIV/Aids, mas todas aquelas que por uma razão ou outra estão privadas dos seus direitos, independente da esfera em que se encontram na sociedade.

Considerações:

A pesquisa será realizada de março/2012 a julho/2012, em cinco diferentes cidades do Sul do Brasil (Maracá e Rolante no RS, Joinville/SC, Dois Vizinhos e Cascavel no PR), com Ministros/as da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil que tiveram durante seus estudos na Faculdades EST, contato com o Programa de Redução de Danos da ONG/ASPA de São Leopoldo, RS.

O número de participantes na pesquisa será de 05 (cinco) pessoas. Esse número, dada à relevância de terem atuado em algum programa de Redução de Danos e no momento exercer o trabalho pastoral, passa a ser suficiente para enriquecer a pesquisa proposta.

Para coleta de dados será utilizado um questionário com perguntas abertas, com as quais o pesquisador obterá informações sobre: o significado de Redução de Danos para cada ministro; a relação entre RD, direitos humanos e estigmas; identificar a relação entre RD e a prática pastoral; atividades desenvolvidas na comunidade que têm identificação com práticas de RD; e de que forma esses pastores/as acreditam que a RD possa servir como fundamento de práticas de cuidado na Igreja.

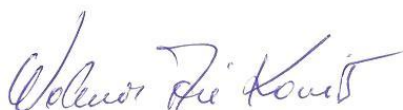
O questionário é bem claro e objetivo, e não fere a ética dos entrevistados.

Quanto à documentação, ela apresenta a Folha de Rosto completa, o projeto de pesquisa bem elaborado e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos pesquisados.

Também é apresentado o cronograma e orçamento necessário para a realização do projeto.

Os membros do CEP da EST votaram pela **aprovação** do projeto. Os integrantes do CEP ressaltam a necessidade de apresentação do relatório final após a conclusão da pesquisa e que qualquer alteração no projeto original deve ser comunicada ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte a ser modificada e suas justificativas, necessitando de análise e aprovação por parte do CEP da EST.

São Leopoldo, 12 de março de 2012



Secretário do CEP/EST